



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

O INTELLECTUAL EM SCHUMPETER, HAYEK E ARON

Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre
em Ciência Política

por

Maria Filipa Seara e Pereira

Instituto de Estudos Políticos

Março de 2015



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

O INTELLECTUAL EM SCHUMPETER, HAYEK E ARON

Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre
em Ciência Política

Por Maria Filipa Seara e Pereira

Sob orientação de Prof. Doutor Miguel Morgado

e Coorientação de Prof. Doutor Orlando Samões

Instituto de Estudos Políticos

Março de 2015

O Intelectual em Schumpeter, Hayek e Aron

*I confess that I prefer true but imperfect knowledge,
even if it leaves much indetermined and unpredictable,
to a pretence of exact knowledge that is likely to be false.*

Friedrich A. Hayek

Agradecimentos

Durante a minha licenciatura de Gestão e Administração de Empresas na Universidade Católica tive a oportunidade de assistir à cadeira de Ciência Política, regida pelo Professor João Carlos Espada e tendo como assistente o Professor Orlando Samões. Mal eu sabia que esta cadeira me levaria por um caminho completamente diferente daquele que tinha escolhido ao iniciar a minha vida universitária. Como tal, faz absoluto sentido que o primeiro agradecimento seja dirigido ao Professor João Carlos Espada e ao Professor Orlando Samões. Sem eles não teria envergado pelo área de Ciência Política e como tal esta tese nunca teria sido realizada. Fica assim a minha profunda gratidão e a promessa que levarei comigo, ao longo de toda a minha vida, o princípio da procura constante de conhecimento e saber.

A realização de um trabalho académico desta envergadura não é possível sem a orientação e a dedicação de um mentor. No meu caso tive a sorte de ter sido acompanhada por dois grandes professores e académicos. Agradeço ao meu orientador Professor Miguel Morgado, tanto pelas suas aulas como pela sua orientação. Os seus valiosos contributos e a sua exigência foram essenciais para a construção de uma tese com qualidade e estrutura. Para tal, foi também essencial a ajuda e todo o apoio e dedicação do Professor Orlando Samões, coorientador desta tese. As aulas de tutoria foram também uma importante ajuda e como tal não posso deixar de agradecer às minhas colegas: Julian Poenitzsch e Ana Maria Burnier.

Aproveito esta oportunidade para agradecer à Universidade Católica e ao Instituto de Estudos Políticos por todo o acolhimento e oportunidades que ao longo destes anos têm-me oferecido e a todos os professores que abriram-me novos mundos e novas áreas de saber. Guardo com bastante carinho todo o conhecimento adquirido e todas as amizades adquiridas nesta instituição.

Antes da realização desta tese tive a oportunidade de realizar um estágio na Embaixada de Portugal nos Estados Unidos da América. Foi uma experiência única que me deu a conhecer uma realidade completamente diferente daquela a que estava habituada e que abriu os meus horizontes. Deixo aqui um agradecimento ao Embaixador Nuno Brito e a todos os diplomatas e equipa da Embaixada que contribuíram para esta experiência. Também quero agradecer ao Alto Comissário das Migrações, e em especial à Dr. Susana Antunes, pela oportunidade de realização de um estágio durante o decorrer da realização da tese. Este trabalho beneficiou das capacidades por mim adquiridas nestas instituições.

A minha vivência em Washington DC marcou-me bastante e deu-me capacidades importantes para a realização desta tese, não só pela aprendizagem e experiência adquirida na Embaixada e no mundo diplomático,

mas também pelas pessoas com que tive a sorte de me cruzar. Graças a elas fiquei a conhecer novas realidades e novas visões, dando um especial destaque a Dima El-Charif, Terry van Wyck, Robin Weis, Hainer Sibrian e Justin Lynch.

Quero deixar um agradecimento especial a Primož Kovačič, que através do seu trabalho no Quénia e da sua amizade, mostrou-me que por mais difícil que sejam as condições ou os obstáculos existentes a concretização dos nossos sonhos e das nossas ambições torna-se possível se neles investirmos toda a nossa dedicação, perseverança, esforço e coragem. O seu exemplo é para mim bastante valioso e vejo-o como guia para a realização dos meus objectivos. Também quero deixar aqui o meu agradecimento a Kristian McGuire que mostrou-me como a força do optimismo, da tranquilidade e da confiança é essencial para a realização de tarefas e para transpor barreiras que no momento nos parecem impossíveis de ultrapassar. Sem os seus ensinamentos e exemplos a realização deste trabalho estaria em causa.

Por fim, deixo os meus agradecimentos a todos os meus amigos e a toda a minha família que sempre me acompanharam e me apoiaram e estiveram presentes em todas as alturas da vida. Sem eles não seria quem sou. Em especial, agradeço ao meu avô António Alves Seara. O meu interesse pelo saber e a minha curiosidade pelo mundo que me rodeia devo-lhe a ele.

Resumo

O intelectual moderno revela ser uma figura de grande importância nos séculos XIX e XX. A sua influência e o impacto das suas actividades tiveram um papel central no desenrolar dos acontecimentos políticos e sociais. Porém a sua força foi muitas vezes pouco compreendida e subestimada pelos restantes membros da sociedade e mesmo por muitos dos estudiosos. A figura do intelectual passa assim um pouco despercebida na sua passagem pela história contemporânea. Este trabalho procura compreender melhor esta classe e estabelecer o seu papel e o seu verdadeiro impacto no palco político e social. Para tal foram analisados três grandes pensadores que se debruçaram sobre o tema do intelectual: Joseph Schumpeter, Friedrich A. Hayek e Raymond Aron. Com eles irei procurar definir e estabelecer o significado e complexidade do conceito do intelectual, a ligação entre o intelectual e a política, em especial a sua relação com a esquerda política e com o socialismo, e o seu papel no desencanto popular pelo capitalismo.

Esta dissertação tem 55.485 palavras; 708 parágrafos

Índice

<u>INTRODUÇÃO</u>	<u>1</u>
<u>SCHUMPETER, JOSEPH</u>	
<u><i>CAPITALISMO, SOCIALISMO E DEMOCRACIA</i></u>	<u>13</u>
<i>A “RELIGIÃO” MARXISTA</i>	14
<i>O INTELLECTUAL EM SCHUMPETER</i>	25
<i>A INVESTIDA CONTRA O SISTEMA CAPITALISTA</i>	28
<i>O INTELLECTUAL COMO PROVOCADOR SOCIAL</i>	34
<i>O IMPACTO DO CAPITALISMO NO PROGRESSO EDUCATIVO</i>	38
<i>A BATALHA DO INTELLECTUAL</i>	40
<i>CRÍTICA AO INTELLECTUAL</i>	43
<u><i>HAYEK, F. A.</i></u>	
<u><i>OS INTELLECTUAIS E O SOCIALISMO</i></u>	<u>45</u>
<i>O ‘INTELLECTUAL’ EM HAYEK</i>	46
<i>O PODER E O PERIGO DOS INTELLECTUAIS</i>	55
<i>O ENVOLVIMENTO DO INTELLECTUAL NO SOCIALISMO</i>	59
<i>A INCLINAÇÃO DO INTELLECTUAL PELO SOCIALISMO E PELA ESQUERDA</i>	63
<i>CRÍTICA AO LIBERALISMO</i>	70
<u><i>ARON, RAYMOND</i></u>	
<u><i>O ÓPIO DOS INTELLECTUAIS</i></u>	<u>73</u>
<i>O MITO</i>	74
<i>ESQUERDA, REVOLUÇÃO E PROLETARIADO</i>	78
<i>EXPECTATIVA POLÍTICA</i>	91
<i>O INTELLECTUAL EM ARON</i>	93
<i>A PROMESSA MARXISTA</i>	102
<i>CRÍTICA AO OCIDENTE</i>	112
<u><i>CONCLUSÃO</i></u>	<u>117</u>
<u><i>BIBLIOGRAFIA</i></u>	<u>128</u>

Introdução

O termo ‘intelligentsia’ passou a ser mais utilizado na segunda metade do século XIX, por volta de 1860, com o romancista P. D. Boborykin nos circuitos da alta sociedade russa. Posteriormente o conceito foi retomado e difundido por I. S. Turgeneev, também romancista e dramaturgo russo. Foi depois traduzido para as principais línguas europeias e era inicialmente referido a um grupo social muito específico que demonstra-se possuir uma cultura extremamente elevada na época Czarista. O termo acabou por se generalizar e passou a designar uma classe mais vasta que se distingue devido a uma educação superior e a um conhecimento alargado dos mais diversos assuntos. Passados aproximadamente quarenta anos, o termo ‘*intellectuels*’ aparece na língua francesa. É possível que este conceito tenha corrido os meios e círculos literários e políticos em França, porém a primeira vez que apareceu com algum destaque, aquilo que podemos chamar a sua utilização oficial do termo ‘*intellectuels*’ remonta ao célebre ‘*Manifeste des Intellectuels*’¹ publicado no jornal diário de Georges Clémenceau, ‘*Aurore*’, a 14 de Janeiro de 1898. O Manifesto em questão é assinado por inúmeros escritores e críticos, como E. Zola, J. Halévy, A. France, L. Blum e M. Proust entre outros. Neste jornal, Émile Zola publicou um artigo inflamatório com o título ‘*J’accuse*’, que tinha como objectivo questionar a autoridade dos militares e os erros judiciais no caso Dreyfus. Este classificou-se como sendo uma crise política, abrangendo também a questão judaica, ocorrida em França, durante a Terceira República, com início em 1891 e que continuou até 1906. A controvérsia centrou se em redor da figura de Capitão de Exército Alfred Dreyfus e se este seria inocente ou culpado na acusação de traição por ter alegadamente vendido segredos militares aos Alemães em Dezembro de 1894, tendo acabado por ter sido julgado culpado. Zola afirmou estar na sua autoridade comentar o assunto devido à sua proeminência e notoriedade como escritor. Assim, em termos globais, o Manifesto tinha como propósito exigir a revisão do processo Dreyfus. Por altura do artigo e do Manifesto, este já tinha atraído um público bastante vasto e a França acabou por ficar dividida em dois grupos opostos. Os anti-dreyfusianos (os que eram contra a reabertura do caso) consideravam que a controvérsia gerada era uma tentativa pelos inimigos da nação de descredibilizar o exército e enfraquecer o país. Os Dreyfusianos (aqueles que acreditavam na inocência do Capitão Dreyfus e queriam a sua libertação e ilibação) viam a questão numa perspectiva de liberdade individual e dos limites do Estado em termos de segurança nacional. O Caso Dreyfus é considerado como o momento oficial e inaugural do conceito do Intelectual moderno, mas também considerado como sendo o exemplo de uma intervenção colectiva por parte de um conjunto de intelectuais

¹ Ver Manifeste des intellectuels, 1898. . L’Aurore. - Doravante Manifesto

unidos e agindo em sintonia criando uma identidade consciente de si e com acção no âmbito dos assuntos públicos. Como tal, a autora Susan Rubin Suleiman define os intelectuais franceses “...*(c)omo uma categoria de pessoas que a sua existência como tal se tornou reconhecida na altura do Caso*”². A atribuição do termo ‘*intellectuels*’ acabou por gerar uma reacção bastante negativa. Uma série de ataques contra Zola e contra o manifesto pelos ‘anti-dreyfusianos’ culminaram num caso de difamação que provocou as ‘guerras culturais’ entre a Esquerda universalista e a Direita nacionalista. Foi Maurice Barrès que se tornou o porta voz dos valores nacionalistas e da tradição cultural de ‘*français de souche*’. Acusou Zola de colocar em perigo a integridade da nação por atacar os militares. Barrès ao se referir aos ‘*intellectuels*’ usava o termo num sentido pejorativo de forma a cunhar os pensadores abstractos que usavam o seu conhecimento para corrigir as chamadas falhas morais da sociedade e acabavam por incorrer em decadência social. Nesta polémica contra os intelectuais juntaram-se outros nomes, entre os quais nomes pertencentes ao sindicalismo revolucionário como é o caso de Georges Sorel, filósofo francês e principal teórico do sindicalismo revolucionário, e Édouard Berth, teórico do sindicalismo francês e discípulo de Sorel.

Apesar de o termo intelectual ter sido cunhado apenas no decorrer do Caso Dreyfus, em 1898, a sua presença tem sido notada ao longo da história. Edmund Burke na sua obra , de 1790, ‘*Reflections on the Revolution in France*’³ alertou perante a burguesia que se encontrava no poder para os riscos que certas nações poderiam estar a incorrer. Nações essas, em particular o caso da França, que têm como característica singular a existência de homens letrados que possuem o desejo de quererem entrar na esfera política e de terem a intenção de exercer uma influência política na sociedade através da criação e detenção de um monopólio sob a opinião pública. Alexis de Tocqueville regressa a esta ideia na sua obra de 1856, “*The Ancient Régime and the French Revolution*”⁴, acreditando que a linha entre os ‘filósofos’ e homens de letras e a burguesia localizada no poder, que Burke tanto temia vir a diluir-se, acabou por se manter demarcada. O autor, ao estudar e avaliar a Revolução Francesa, observou que existia uma tendência desta classe dos homens de letras (o termo intelectual só apareceria mais tarde) em exaltar as massas através de uma excessiva simplificação de teorias e ideias e que, para ele, esta exaltação poderia levar a sociedade por caminhos ditatoriais repressivos e terminar em despotismo. É assim implícito que esta classe poderá provocar nefastas consequências ao entrarem na esfera

² Suleiman, Susan Rubin, 1998. *The Intellectual Sublime: Zola as Archetype of a Cultural Myth*, in: Goux, Jean-Joseph, Wood, Philip R. (Eds.), *Terror and Consensus: Vicissitudes of French Thought*. Stanford University Press, EUA, p.160. - “...[a]s a category of people whose very existence as such became recognized at the time of the Affair.”

³ Ver Burke, Edmund, 2009. *Reflections on the Revolution in France*, Reissue ed., Oxford World’s Classics. Oxford University Press, Reino Unido, pp.45-47.

⁴ Ver Tocqueville, Alexis de, 2001. *The Ancient Régime and the French Revolution*, 1ª ed., Cambridge University Press, EUA, pp.127-135.

política. Todas estas questões serão retomadas no século XX e examinadas de uma forma mais pormenorizada pelos três autores escolhidos, Joseph Schumpeter, Friedrich Hayek e Raymond Aron, e que iremos ver ao longo deste trabalho. Terá o intelectual moderno, analisado por estes três autores, as mesmas ou semelhantes características apontadas por Burke ou Tocqueville aos homens de letras? Partilhará também um desejo por participar na esfera política? E levará também consigo as consequências nefastas detectadas por Tocqueville? Que interligação existe entre o intelectual e a política?

Para além do significado atribuído ao conceito de intelectual derivado do caso Dreyfus como do significado atribuído à figura do *'homem de letras'* referido tanto por Burke como de Tocqueville, por vezes o mesmo termo *'Intellectual'* pode ser utilizado em referência a figuras ou classes históricas. As castas sacerdotais do antigo Egipto, os mandarins da China clássica, os sofistas gregos, os clérigos da Idade Média e outros que possam possuir certas características comuns, tais como um nível cultural elevado ou serem pertencentes à classe erudita. O termo aqui aplicado difere do termo anteriormente visto para definir o intelectual moderno. Também era bastante comum, especialmente na antiga União Soviética, designar de intelectual um indivíduo que se distinguisse pelo seu grau de educação superior ou por possuir uma capacidade técnica elevada.⁵ O mesmo termo pode ter assim diversos significados. Neste trabalho veremos o que caracteriza para Schumpeter, Hayek e Aron o intelectual moderno e qual é o significado escolhido e analisado pelos três autores dos diversos significados que o conceito de intelectual pode adquirir.

Em Portugal já foram realizados diversos estudos sobre os três autores, em especial de Hayek numa vertente de teoria política e Aron em termos de estratégia e relações internacionais. Schumpeter aparece muitas vezes citados em estudos relacionados com inovação, competição económica e economia, mas apesar disto não encontrei nenhum estudo em Portugal relativo à sua teoria política e muito menos sobre a análise do autor relativamente à figura do intelectual. Em Aron, tendo em conta apenas à área de filosofia política ou teoria política, existe uma dissertação de mestrado intitulada *'A Aventura Humana em Raymond Aron: Consciência Histórica e Filosofia Política'*⁶ de Jorge Manuel Ardérius, uma dissertação de doutoramento *'A Edificação do Mundo Histórico. Pluralismo de Valores e Democracia : Discussão Crítica do Papel da Filosofia da História no Pensamento Político de Raymond Aron'*⁷ do autor José Augusto Colen, um artigo de Miguel Morgado, *'The*

⁵ Ver Bobbio, Norberto, 1983. Dicionário de Política, 11ª ed., Editora UnB, Brasil, pp.637-640.

⁶ Ardérius, Jorge Manuel, 1998. A Aventura Humana em Raymond Aron: Consciência Histórica e Filosofia Política (Dissertação de Mestrado - Filosofia Política). Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.

⁷ Colen, José Augusto, 2010. A Edificação do Mundo Histórico: Pluralismo de Valores e Democracia: Discussão Crítica do Papel da Filosofia da História no Pensamento Político de Raymond Aron (Dissertação de Doutoramento - Ciência Política e Relações Internacionais). Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.

*Threat of Danger: Decadence and Virtù*⁸, onde o autor reflete sobre o conceito de virtù em Maquiavel com a intuito de compreender o conceito de decadência em Aron, por fim existe um artigo que está indirectamente relacionado com o tópico do intelectual ‘*Raymond Aron’s response to irresponsible metaphysics*’⁹ de Aurelian Craiutu, onde o autor debruça-se sobre a questão de moderação política de Aron e sobre o conceito de ‘*observador comprometido*’. Relativamente a Hayek existem diversos estudos elaborados, dos quais, ‘*O Direito e a Moral no Pensamento de Friedrich Hayek*’¹⁰ de Manuel Campos, ‘*Ordem, Liberdade e Estado: Uma Reflexão Crítica sobre a Filosofia Política em Hayek e Buchanan*’¹¹ de André Azevedo Alves, ‘*A Ordem Espontânea no Pensamento de Friedrich August Von Hayek: Para uma Reabilitação da Tradição Liberal Clássica*’¹² de Pedro Augusto Silva, ‘*Dispersão de Resultados em Hayek*’¹³ de Orlando Samões e ‘*Do conceito de liberdade em Friedrich A. Hayek: um contributo para o estudo do liberalismo clássico em Portugal*’¹⁴ de Samuel de Paiva Pires. Em termos internacionais certamente encontraríamos inúmeros estudos sobre cada um destes três autores nos mais variados aspectos das suas obras, porém não encontrei nenhum que estivesse directamente relacionado com o tópico central deste trabalho, o tópico do intelectual. Sendo assim, considereei que indicar teses ou estudos internacionais sobre estes autores acabaria por se tornar uma actividade demasiado extensa, não apresentando ser uma mais valia substancial para este trabalho em particular.

⁸ Morgado, Miguel, 2007. *The Threat of Danger: Decadence and Virtù*, in: Mahoney, Daniel, Frost, Bryan-Paul (Eds.), *Political Reason in the Ages of Ideology. Essays in Honor of Raymond Aron*. Transaction Publishers, New Brunswick.

⁹ Craiutu, Aurelian, 2005. *Raymond Aron’s response to irresponsible metaphysics*. Instituto de Defesa Nacional, 3 111, 27–58.

¹⁰ Campos, Manuel António, 1999. *O Direito e a Moral no Pensamento de Friedrich Hayek* (Dissertação de Mestrado - Teoria e Ciência Política). Universidade Católica Portuguesa, Porto.

¹¹ Alves, André Azevedo, 2005. *Ordem, Liberdade e Estado: Uma Reflexão Crítica sobre a Filosofia Política em Hayek e Buchanan* (Dissertação de Mestrado - Ciência Política). Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.

¹² Silva, Pedro Augusto, 1999. *A Ordem Espontânea no Pensamento de Friedrich August Von Hayek: Para uma Reabilitação da Tradição Liberal Clássica* (Dissertação de Mestrado - Teoria e Ciência Política). Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.

¹³ Samões, Orlando, 2009. *Dispersão de Resultados em Hayek* (Dissertação de Mestrado - Teoria e Ciência Política). Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.

¹⁴ Pires, Samuel de Paiva, 2011. *Do conceito de liberdade em Friedrich A. Hayek: um contributo para o estudo do liberalismo clássico em Portugal* (Dissertação de Mestrado - Ciência Política). Universidade de Lisboa, Lisboa.

Em relação ao conceito e figura do intelectual, só me deparei com um único estudo sobre o tópico, um artigo de Maria Laura Pires intitulado *'Public intellectuals: past, present and future'*¹⁵. A autora teve como propósito neste artigo, analisar os diversos papéis desempenhados pelo intelectual ao longo do tempo e compreender a posição deste nas democracias modernas. Neste artigo não existe no entanto nenhuma referência a qualquer um dos autores em estudo. No plano internacional, o intelectual já é alvo de alguns estudos, sendo que muitos procedem ao estudos dos intelectuais segundo as suas nacionalidades em determinadas épocas chave. Um dos estudos realizados foca-se nos intelectuais dos Estados Unidos da América, *'American intellectuals and the idea of an "Atlantic Community" c.1890-1949'*¹⁶, de Emiliano Alessandri, outro dos intelectuais espanhóis, *'A study of Spanish intellectuals during the political transition'*¹⁷ de Juan Pecourt, outro ainda dos intelectuais da Roménia na transição entre o Comunismo e o pós-Comunismo, *'Intellectuals and politics : from Communism to post-Communism : the case of Romanian intellectuals'*¹⁸ de Luliana-Cosmina Tanasoiu. A esquerda intelectual em França, nos anos a seguir à segunda grande guerra, foi também objecto de estudo de uma dissertação de doutoramento intitulada *'The decline of the Intellectual Left in France : French political thinking, 1945-1985'*¹⁹, de Sunil Khilnani. Outra tese relacionada com a esquerda, desta vez relacionada com a figura de Marx e a revolução bolchevique, *'Intellectuals, political power and emancipation from Marx to the October Revolution'*²⁰ de Alexander A. Chryssis. Por fim o tópico do intelectual também é tratado, em diversos estudos, de uma forma mais geral, como por exemplo *'The Role of the Intellectual'*²¹ de

¹⁵ Pires, Maria Laura Bettencourt, 2009. Public intellectuals: past, present and future. Comunicação e Cultura 115–130.

¹⁶ Alessandri, Emiliano, 2010. American intellectuals and the idea of an “Atlantic Community” c.1890-1949 (Dissertação de Doutoramento). University of Cambridge, Cambridge.

¹⁷ Pecourt, Juan, 2005. A study of Spanish intellectuals during the political transition (Dissertação de Doutoramento). University of Cambridge, Cambridge.

¹⁸ Tanasoiu, Iuliana-Cosmina, 2003. Intellectuals and politics : from Communism to post-Communism : the case of Romanian intellectuals (Dissertação de Doutoramento). University of The West of England, Bristol.

¹⁹ Khilnani, Sunil K. R., 1989. The decline of the Intellectual Left in France : French political thinking, 1945-1985 (Dissertação de Doutoramento). University of Cambridge, Cambridge.

²⁰ Chryssis, Alexander A., 1995. Intellectuals, political power and emancipation from Marx to the October Revolution (Dissertação de Doutoramento). University of Leicester, Leicester.

²¹ Hall, Gary John, 1995. The Role of the Intellectual (Dissertação de Doutoramento). University of Sussex, Sussex.

Gary John Hall ou *'Between identity and practice : the narratives of the intellectual in the twentieth-century'*²² de Stephen Palmer. Considero que a recolha de estudos internacionais aqui realizada sobre o intelectual é apenas uma pequena amostra representativa do universo de estudos sobre o papel, a influência e a diversidade existente da figura do intelectual. Este levantamento oferece algumas pistas sobre o nosso objecto de estudo, como o grau de complexidade que o conceito aparenta ter ou a extensão da influência que o intelectual possui, independentemente da sua nacionalidade ou época, mas fundamentalmente mostra a importância do tema e a relevância que o seu estudo tem para a compreensão da dinâmica da sociedade e de como esta é afectada pelo intelectual.

O estudo e trabalho a que me proponho tem como objectivo compreender a influência e o impacto político que os intelectuais aparentam ter na sociedade contemporânea. Para tal, será preciso analisar e definir o conceito de intelectual. Quem é esta figura? Qual é a sua origem? Quais os seus propósitos? Tenciono assim estabelecer e elaborar o perfil do intelectual para depois ser me possível visualizar, de forma mais clara e precisa, o seu poder e influência política. Sendo um tópico passível a ser bastante extenso e complexo, como podemos ver pela diversidade de estudos realizada, decidi proceder à escolha de três autores que estivessem devidamente familiarizados com o tema. Joseph Schumpeter (1883-1950), Friedrich A. Hayek (1899-1992) e Raymond Aron (1905-1983), depois de inúmeras considerações, foram os autores que considereei como sendo os mais adequados para o estudo em causa.

Os três autores encontram-se enquadrados na mesma época histórica, sendo que tiveram a oportunidade de presenciar os mesmos acontecimentos, como as duas grandes guerras e a importância e ascensão que o comunismo teve no após segunda guerra mundial. Schumpeter, Hayek e Aron podem ser considerados também da vertente política liberal e grandes críticos da extrema esquerda e em especial da ideologia marxista. Partilhavam também de uma preocupação pela figura do intelectual e do impacto que esta apresentava em termos políticos na sociedade.

Para o estudo do intelectual em Joseph Schumpeter irei me concentrar principalmente na sua obra *'Capitalism, Socialism and Democracy'*²³, publicada em 1942, onde o autor dedica uma parte do seu livro a esta figura. Considera também que a influência e o trabalho do intelectual acabaram por dar a sua contribuição para a queda do capitalismo e conseqüentemente para a elevação do ideal socialista. Esta obra é considerada como sendo uma obra de referência no campo das ciências sociais e económicas, sendo também uma das principais e mais conhecidas obras do autor. Considero que também irá ser importante estudar outras obras do

²² Palmer, Stephen, 1998. *Between identity and practice : the narratives of the intellectual in the twentieth-century*. (Dissertação de Doutoramento). University of Warwick, Warwick.

²³ Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido.

mesmo autor, em especial, *'History of Economic Analysis'*²⁴(1954), que consiste na elaboração da história das ideias políticas e económicas desde a Grécia Antiga até à actualidade. Em Friedrich A. Hayek irei me focar principalmente no seu artigo *'The Intellectuals and Socialism'*²⁵, publicado em 1949. Neste ensaio, Hayek analisa o papel do intelectual na sociedade moderna e adverte para a desvalorização que, normalmente, se faz da influência e do poder deste. Este texto pode ser visto como um complemento de um das suas obras mais conhecidas *'The Road to Serfdom'*²⁶(1944), onde o autor adverte para os perigos das economias centralizadas e planificadas. Outras obras como *'The Use of Knowledge in Society'*²⁷(1945), *'The Counter-Revolution of Science, Studies on The Abuse of Reason'*²⁸ (1952), *'Law, Legislation and Liberty'*²⁹(1960) e *'The Fatal Conceit. The Errors of Socialism'*³⁰ (1988) prevejo que venham a ser obras que podem vir a complementar o pensamento do autor em diversos pontos, sendo essencial que sejam estudadas e analisadas de forma a serem enquadradas nas respectivas questões. Em Aron, irei focar-me principalmente na sua obra *'The Opium of the Intellectuals'*³¹, publicada em 1955. Também considerada como uma obra de referência. O autor, nesta obra, adverte para os perigos daquilo que considerava como sendo uma *'religião secular'*, o Marxismo. Outra obra de Aron que certamente será útil para uma melhor compreensão e análise do autor e que poderá acrescentar mais informação a este trabalho, sendo uma obra de referência em Sociologia e Ciência Política, é *'As Etapas do Pensamento Sociológico'*³²(1965).

As razões que levaram a escolher estas obras prenderam-se com o facto de que todas elas salientam e sublinham a importância do intelectual, sendo as obras onde os autores mais se debruçaram sobre este tema. É importante também ter em conta que a publicação das três obras aqui estudadas não ultrapassa um período de 15

²⁴ Schumpeter, Joseph, 1997. *History of Economic Analysis*, 1ª ed., Routledge, Reino Unido.

²⁵ Hayek, Friedrich A., 1967. *The Intellectuals and Socialism*, in: *Studies in Philosophy, Politics, and Economics*. Routledge, Londres, pp. 93–129.

²⁶ Hayek, Friedrich A., 2006. *The Road to Serfdom*. Routledge Classics, EUA.

²⁷ Hayek, Friedrich A., 1945. *The Use of Knowledge in Society*. *American Economic Review* XXXV, 519–30.

²⁸ Hayek, Friedrich A., 1952. *The Counter-Revolution of Science. Studies on The Abuse of Reason*. The Free Press, Illinois.

²⁹ Hayek, Friedrich A., 2013. *Law, Legislation and Liberty*. Routledge Classics, Reino Unido.

³⁰ Hayek, Friedrich A., 1992. *The Fatal Conceit. The Errors of Socialism*, 1ª ed., *The Collected Works of Friedrich August Hayek*. Routledge, Londres.

³¹ Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA.

³² Aron, Raymond, 2010. *As Etapas do Pensamento Sociológico*, 9ª ed. D. Quixote, Portugal.

anos. Sendo que tratam os mesmos aspectos históricos, como a ascensão do comunismo e socialismo e a ameaça da queda do capitalismo, enquadram-se dentro do mesmo espaço temporal. Só a obra de Schumpeter é que se situa ainda dentro do período da segunda grande guerra, tendo sido publicada três anos antes desta ter terminado, numa altura em que ainda era incerto o seu desenlace. As obras de Hayek e Aron já aparecem alguns anos depois do fim da guerra, quando a guerra fria começava se a iniciar e já havia uma clara e definida separação entre dois blocos ideológicos.

O intelectual foi abordado por outros autores e deu origem a algumas importantes obras. Julien Benda, no seu *'The Treason of the Intellectuals'*³³ de 1927, explora, através de uma profunda análise, o tema dos intelectuais e da sua *'traição'*. Esta obra nasce como uma crítica directa aos acontecimentos do Caso de Dreyfus e aos intelectuais, que para Benda, venderam os seus princípios, os seus ideais e os seus valores em troca de um lugar no palco político, acabando por envergar pelos caminhos impuros da política secular. Apesar de uma importante referência deste tema, decidi não inserir esta obra nas obras principais a serem estudadas devido ao facto da sua publicação já se afastar demasiado em termos temporais das restantes. Outro factor que me levou a deixar de parte esta obra deve-se à falta de uma análise das inclinações políticas do intelectual, em especial não haver nenhuma referência sobre a inclinação dos intelectuais para a esquerda. Aspecto que tem um especial destaque nas obras escolhidas e que julgo vir a ser central ao longo deste trabalho. Porém, considerei inserir a obra como referência secundária e retirar dela o que considerar como mais valia para o estudo do intelectual.

*'Os Intelectuais e o Liberalismo'*³⁴, de 2004, de Raymond Boudon é uma obra centrada em tentar compreender as razões pelas quais o liberalismo é um sistema muitas vezes incompreendido e alvo de críticas e de oposição. Em especial, as razões pelas quais os intelectuais têm uma aversão tão grande a este tipo de ideologia política. Tal como a obra de Benda, considerei que a data de publicação desta obra fugia ao espaço de tempo pretendido. Sendo uma obra bastante actual, perdia-se a perspectiva, a sensibilidade e a visão que uma obra publicada na época tem. As obras de Schumpeter, Hayek e Aron debruçavam-se sobre os mesmos acontecimentos que decorreram na altura da qual me centro. Para mais o autor não tem a mesma reputação dos autores escolhidos na área de ciência e teoria política e a obra em causa não alcançou o patamar das obras seleccionadas.

Outra obra válida a ser considerada e que acabou por não ser considerada foi a obra de Jeremy Jennings e Anthony Kemp-Welch, *'Intellectuals in Politics'*(1997)³⁵. Esta obra aborda o papel político do intelectual na

³³ Benda, Julien, 2009. *The Treason of the Intellectuals*, 4ª ed., Transaction Publishers, EUA.

³⁴ Boudon, Raymond, 2005. *Os Intelectuais e o Liberalismo*, 1ª ed. Gradiva, Lisboa.

³⁵ Jennings, Jeremy, Kemp-Welch, Anthony (Eds.), 1997. *Intellectuals in Politics*. Routledge, EUA.

sociedade. Em especial como os intelectuais conseguiram-se estabelecer como a consciência e a voz dos oprimidos e do povo, a ligação existente entre intelectuais e o Marxismo e o intelectual nos Estados Unidos da América. Apesar de esta obra tocar em pontos importantes e relevantes para este estudo, decidi não a escolher como obra principal, sendo que as razões que me levaram a tal são semelhantes às razões porque a obra de Raymond Boudon não foi também selecionada. Apesar de não ser considerada como literatura principal, o facto de ter pontos relevantes será uma obra que terá especial atenção.

Por fim, o artigo de Nozick intitulado ‘*Why Intellectuals Oppose Capitalism?*’³⁶(1998), onde o autor trata da questão de os intelectuais terem uma inclinação política de esquerda e de normalmente se oporem ao capitalismo, foi também deixado de parte das leituras principais, devido ao facto de ser de um tamanho mais reduzido, não possuindo assim tanta informação sobre o tema como as obras escolhidas, e de ter também uma data de publicação bastante actual e focar-se demasiado na questão do impacto da educação nos intelectuais. Porém, como é também um tópico directamente relacionado com o nosso estudo, será dada a devida atenção.

Certamente que não foram referidas aqui todas as obras, artigos e estudos relativos à figura do intelectual, pois tal tarefa seria demasiado vasta para ser realizável. Porém selecionei as obras que considero que poderiam suscitar maiores dúvidas por não terem sido selecionadas para figurarem como obras principais. Algumas das razões aqui apontadas podem também ser extrapoladas para outras obras não referidas aqui.

Para que o meu estudo tenha uma orientação precisa e clara terei em mente, ao longo de todo o processo, uma única questão de partida. Toda a pesquisa a realizar, todas as obras ou autores a ler e todo o trabalho a desempenhar será sempre feito à luz da questão: ***“Quais são as implicações políticas que podem resultar da actividade do intelectual, segundo Schumpeter, Hayek e Aron?”***

Depois de selecionada a questão de partida, procederei a uma leitura rigorosa e cuidadosa das três obras selecionadas com o propósito de seleccionar informação que possa responder, seja directamente ou relacionada de uma forma mais subtil, à questão principal. Ao ser realizada esta seleção, irei proceder à sua análise e começarei a dividi-la e inseri-la em subcapítulos que considerar serem os mais apropriados. Serão colocadas pequenas questões que terão como propósito ajudar na construção da resposta para a questão de partida. Cada subcapítulo, desta forma, responderá a uma ou várias pequenas questões auxiliares. O produto final, o capítulo de cada autor, será o conjunto de subcapítulos, respostas às questões auxiliares e a resposta à pergunta central, ou seja, o capítulo final, a conclusão.

Ao proceder a uma leitura inicial de Schumpeter já reparei que a ideologia marxista irá ter uma posição central e será essencial para o estudo e compreensão do intelectual. O autor inicia a sua obra procurando compreender as razões que levaram a um renascimento do marxismo nas décadas 40 e 50, principalmente em

³⁶ Nozick, Robert, 1986. *Why Intellectuals Oppose Capitalism?*, in: Aronoff, Craig E., Goodwin, Randall B., Ward, John L. (Eds.), *The Future of Private Enterprise*. Business Publishing Division, EUA, pp. 133–143.

países que não tinham sofrido nenhuma da sua influência, como é o caso dos Estados Unidos da América. Denota também, paralelamente, o desagrado para com o capitalismo. Será que este renascimento do marxismo está interligado com o aparecimento do intelectual moderno? Que consequências ou ameaças, apontadas pelo autor, poderão advir desta nova atracção pelo socialismo? Estará o intelectual relacionado com o desencanto pelo capitalismo? Graças a esta leitura prévia pude reparar que um dos temas centrais e iniciais do autor é o tópico do Marxismo como sendo uma espécie de *'religião'*. Qual é o paralelismo entre Marxismo e religião para Schumpeter? Será esta comparação importante no estudo do intelectual?

Na sua obra *'Capitalism, Socialism and Democracy'*³⁷, Schumpeter dedica todo um capítulo à figura do intelectual. Isto revela que o autor atribui um certo grau de importância e interesse por esta figura, tendo sido uma das diversas razões que me levou a escolher esta obra. Neste capítulo iremos ver como Schumpeter caracteriza e define o intelectual. Qual o papel que lhes foi destinado? Qual o impacto deste na sociedade? Se tem alguma inclinação política ou actividade na esfera política? E se sim, qual? Estas são algumas das questões auxiliares, porém ao longo de uma análise mais exaustiva do texto irão surgir novas questões que complementarão ou substituirão as antigas. Autores como Nozick, através do seu artigo já referido, ou Karl Marx, como figura central do Comunismo, ou ainda Karl Popper, com os seus estudos sobre o Marxismo poderão vir a ser alguns dos autores importantes de serem estudados de forma a contribuir para uma análise mais profunda sobre o intelectual em Schumpeter.

Hayek escreveu um artigo ligado com a temática do intelectual. O tom geral neste texto é de aviso para uma influência crescente que os intelectuais de esquerda estavam a ter na sociedade na altura da sua publicação. Hayek adverte também para uma falta de conhecimento geral pela sociedade desta influência que os intelectuais possuem. Aqui podemos ver que Hayek já assume a existência de uma predisposição do intelectual pela esquerda política. E que esta, aos olhos do autor, se mostra desfavorável ao liberalismo e à sociedade em geral. Um dos conceitos centrais que desperta a atenção após uma rápida leitura do texto é o de os intelectuais serem *'comerciantes profissionais de ideias em segunda mão'*. O que realmente significa este conceito? De que forma estará ligado ao intelectual? Que consequências tem os intelectuais serem de esquerda e ao mesmo tempo serem os *'comerciantes profissionais de ideias em segunda mão'* da sociedade? A análise a estas e mais questões que irão surgir com uma leitura profunda do texto irão nos colocar mais próximos da resposta para a pergunta de partida. Podemos desde já antever que um aspecto que virá a ser central neste trabalho é a questão da relação entre intelectual e esquerda. Mas porque existirá esta tendência? Hayek ao longo deste texto, e também em outras das suas obras, analisa esta questão em pormenor. E para que a

³⁷ Ver Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido.

possamos compreender na sua totalidade, obras como as já referidas anteriormente serão devidamente estudadas. Exemplo de dois autores que poderão ajudar a complementar diversos pontos relacionados com o pensamento de Hayek são Karl Popper, com a sua obra *‘Conjectures and Refutations: The Growth of Scientific Knowledge’*³⁸ onde trata da questão da sobrevalorização do pensamento racional e científico e Julien Benda, através do seu livro *‘The Treason of the Intellectuals’*³⁹, onde desenvolve a temática do envolvimento do intelectual na esfera política.

Raymond Aron dedica uma das suas obras de maior referência ao tema do intelectual. O seu estudo centra-se principalmente em tentar compreender a razão de o Marxismo ser uma ideologia tão atractiva para as massas, e em especial para a figura do intelectual. Vemos aqui que todos os três autores sublinham o facto de existir uma certa atração do intelectual pela esquerda. Aron inicia o seu estudo analisando o que ele considera ser, os três mitos do Marxismo: o mito da esquerda, o mito da revolução e o mito do proletariado. Iremos ver como estes mitos estão interligados e compreender a sua importância no intelectual. Aron, tal como tinha sido considerado anteriormente por Schumpeter, olha para o Marxismo como uma espécie de *‘religião’*, e aponta haver algum paralelismo entre os dois conceitos. Ao longo da análise da sua obra iremos ver como é que o intelectual, desta vez segundo Aron e tendo em conta o pensamento de Schumpeter, se insere na *‘religião’* Marxista. Aron também estudou a ideologia Marxista e a figura de Marx e publicou a sua análise noutras obras, procederemos assim ao seu estudo de forma a complementar com mais ideias do autor sobre este tópico. O conceito de intelectual e as suas implicações políticas irão surgir através de um minucioso exame da obra e da interpretação da crítica, uma crítica elaborada de dentro do Marxismo, sendo utilizada a sua linguagem e os seus conceitos, feita por Aron a esta ideologia. Tendo o autor utilizado a noção de mito é importante uma leitura das obras de Sorel, sendo um autor de referência para o conceito de mito. Oakeshott e a sua obra *‘The Politics of Faith and the Politics of Skepticism’*⁴⁰ parece-nos também uma passagem obrigatória para a compreensão do conceito de fé inserido em sistemas políticos ou sistemas de pensamentos. Por fim, sendo que Aron refere a questão da revolução, Dahrendorf com o seu artigo *‘Must Revolutions Fail?’*⁴¹ assinala-se como sendo outra obra que merecerá alguma atenção. Tal como em Schumpeter e Hayek, a leitura de outros autores não se prenderá apenas aqueles aqui referidos. Estes são apenas uma pequena

³⁸ Ver Popper, Karl, 1962. *Conjectures and Refutations: The Growth of Scientific Knowledge*, 1ª ed., Basic Books, EUA.

³⁹ Ver Benda, Julien, 2009. *The Treason of the Intellectuals*, 4ª ed., Transaction Publishers, EUA.

⁴⁰ Ver Oakeshott, Michael, 1996. *The Politics of Faith and the Politics of Skepticism*. Yale University Press, EUA.

⁴¹ Dahrendorf, Ralf, 1997. *Must Revolutions Fail?*, in: *After 1989 - Morals, Revolution and Civil Society*. St. Martin’s Press, Reino Unido, pp. 3–13.

amostra do estudo que se terá pela frente. Ao longo de muitas leituras e de análises mais profundas irão ser descobertas outras obras e outros autores de forma a enriquecer este estudo e dota-lo de uma maior diversidade de visões, estejam elas em concordância ou oposição.

Schumpeter, Joseph

Capitalismo, Socialismo e Democracia

“*Capitalism, Socialism, and Democracy*”⁴², publicado pela primeira vez em 1942, é considerado uma das principais obras de Joseph A. Schumpeter. Apesar de já terem passado mais de 70 anos após a sua publicação, continua a ser bastante actual e com relevância para a compreensão de certos problemas existentes na sociedade moderna. Autores como Larry J. Diamond e Marc F. Plattner consideram-na ser: “... *de uma abrangência magistral e grande visão, que continua, nos dias de hoje, a ser amplamente lido citado por cientistas políticos.*”⁴³ Nesta obra o autor afirma que a sobrevivência do sistema capitalista é insustentável, ilustrando as razões que o conduziram a tal conclusão. A figura do intelectual apresenta-se como tendo uma posição central no movimento socialista, dando a sua contribuição para a queda do capitalismo.

⁴² Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido.

⁴³ Diamond, Larry Jay, Plattner, Marc F., 1992. *Capitalism, Socialism, and Democracy: An Introduction*. *Journal of Democracy* 3, p. 3 - “... *of magisterial scope and great insight that continues to be widely read and cited by social scientists today.*”

Joseph Schumpeter inicia a sua obra ao indicar o Marxismo como exemplo de uma formulação intelectual ideológica que reaparece no debate público, após um curto período no esquecimento. Porém, apesar de a sua popularidade ter aumentado, não significa que a ideologia tenha apresentado melhorias, ou que esteja agora isenta de falhas ou erros. A discórdia que lhe foi tão habitual também acompanha o seu regresso.⁴⁵ O autor considera como axiomático o renascimento do Marxismo manifestado na União Soviética. Para justificar este acontecimento aponta como possíveis razões: uma forte influência cultural vinda da Alemanha, um sentimento congenial para a mente russa se dedicar à especulação Marxista e a existência de uma proximidade bastante íntima entre Marxistas Alemães e Russos.⁴⁶ É também importante sublinhar que o Marxismo foi uma das maiores influências para uma grande parte dos economistas russos. Marx era considerado como um autor de referência, onde se detectava uma educação Marxista bem presente, mesmo nos críticos mais ferozes de Marx.⁴⁷ Por sua vez, o aparecimento não premeditado do Marxismo nos EUA revela ser de mais difícil justificação, pois nunca antes neste país houve qualquer inclinação para teorias Marxistas.

“No sistema Marxista, tal julgamento contrário ou mesmo refutação exacta, pela própria incapacidade de ferir mortalmente, apenas serve para conferir mais poder à estrutura.”⁴⁸

Joseph Schumpeter, tal como depois se verifica em Aron⁴⁹, considera o Marxismo como uma ‘religião’⁵⁰. Para o autor, o Marxismo, tal como as religiões tradicionais, apresenta-se como sendo um sistema

⁴⁴ Ver Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p.5.

⁴⁵ Ver Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, pp. 3-4

⁴⁶ Ver Schumpeter, Joseph, 1997. *History of Economic Analysis*, 1ª ed., Routledge, Reino Unido, p.878.

⁴⁷ Ver Schumpeter, Joseph, 1997. *History of Economic Analysis*, 1ª ed., Routledge, Reino Unido, p.879.

⁴⁸ Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p. 3 - “*In the case of the Marxian system, such adverse judgment or even exact disproof, by its very failure to injure fatally, only serves to bring out the power of the structure.*”

⁴⁹ Ver Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, pp. 265-294

⁵⁰ Ver Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, pp. 5-6.

onde estão delineados certos padrões e valores absolutos e inquestionáveis que têm como objectivo primário guiar e orientar o crente ao longo da sua vida. Todos os eventos e acontecimentos, tanto aqueles que ocorrem a nível individual como a nível da sociedade, irão ser julgados e analisados segundo estes padrões e valores. Outra característica apontada por Schumpeter, de forma a estabelecer o paralelismo entre religião e marxismo, é a existência de um *'plano de salvação'*. O marxismo apontava e identificava o mal e o infortúnio existente e que infligia a sociedade e em especial uma certa parte da população. Por sua vez, estabelecia um plano de salvação, ou uma missão profética, e fornecia os instrumentos necessários a essa parte da população para escapar da opressão do mal e se libertar a si e à sociedade da situação presente. E tal como acontecia com o mal identificado, também esta secção da população, a classe do proletariado, foi estabelecida e escolhida pela própria ideologia. Tendo sido identificada como a principal vítima do infortúnio e sendo a sua condição considerada como uma classe oprimida e subjugada. O marxismo, para Schumpeter, vem oferecer assim uma esperança renovada e a promessa de dar um novo significado e um novo sentido às vidas dos seus crentes. Esta esperança e este novo optimismo advém da promessa do marxismo de que o paraíso pode se dar ainda neste lado da vida. Ao contrário das religiões tradicionais, o marxismo oferece a salvação e o céu ainda nesta terra. O reaparecimento do marxismo e a promessa de uma nova vida acaba por coincidir com uma altura em que a fé tradicional encontrava-se fragilizada, aproveitando assim o ambiente de dúvida, descrença e desorientação que se viva na sociedade. Popper, por sua vez, lembra que este género de profecia, alegadamente científica, proporciona a grande parte da população, principalmente à mais desfavorecida, um sentimento de esperança e refúgio da ideia do fatalismo das suas vidas e condições de miséria⁵¹, assim afirma que a profecia *"(...) [p]roporciona uma fuga das responsabilidades do dia a dia para um futuro paradisíaco; e proporciona também o complemento natural deste paraíso ao realçar o desamparo do indivíduo perante o que descreve como forças económicas esmagadoras e demoníacas do momento presente."*⁵² Para Karl Popper, a profecia de Marx tinha um aspecto singular, contrariamente a outras profecias que consistiam em acontecimentos impossíveis de prever e autónomos do ambiente em seu redor, a premissa da profecia marxista era que esta dependia necessariamente de condições económicas observáveis e previsíveis, ganhando assim um carácter expectável e derivado das circunstâncias existentes.

⁵¹ Ver Popper, Karl, 2002. *The Open Society and Its Enemies*, 1ª ed., Routledge, EUA, pp. 343-354.

⁵² Popper, Karl, 2002. *The Open Society and Its Enemies*, 1ª ed., Routledge, EUA, p. 349. - *"It provides an escape from our present responsibilities into a future paradise; and it provides the fitting complement of this paradise by over-stressing the helplessness of the individual in face of what it describes as the overwhelming and demoniacal economic forces of the present moment."*

Para Popper, Marx tenta transparecer que existem apenas duas únicas alternativas: uma em que a conjuntura de angústia continua por tempo indeterminado, e outra onde existe a possibilidade de surgir um mundo melhor, por outras palavras, a possibilidade de um paraíso na terra. Ao que a primeira alternativa revela ser mais difícil de ser concebida, Marx consegue assim arranjar uma base ‘*justificativa*’ para a sua profecia. Os homens olham para a segunda alternativa como sendo a única alternativa possível de ser imaginada, e sendo também a mais desejada, acabam por se inclinar para o socialismo. Para Schumpeter, o marxismo oferece toda a orientação necessária para a salvação desta vida àquele que se apresente como crente. Como tal, todas as suas acções e actividades do quotidiano estão sobre um constante escrutínio e são avaliadas e condenadas segundo a matriz marxista. Caso esta seja fielmente cumprida, é prometida a alternativa que Popper considera como sendo a única possível de ser concebida pela mente e desejos humanos, a da salvação e libertação dos males terrestres.

“Para o crente apresenta-se, primeiro, como um sistema de fins supremos que encarna em si o próprio sentido da vida e que incorpora normas absolutas, pelas quais eventos e acções serão julgados; e, segundo, um guia para esses fins que implica um plano de salvação e a indicação do mal do qual a humanidade, ou parte dela, será salva.”⁵³

Para Schumpeter o encanto e o sucesso que o Marxismo obteve é facilmente explicado por estes pontos em comum com as religiões tradicionais, sendo que o papel da propaganda apenas explica uma pequena parte do seu triunfo. “(...) [S]e Marx não tivesse sido mais do que um fornecedor de fraseologia, estaria neste momento morto.”⁵⁴ Marx foi muito mais do que um simples propagandista e o seu sucesso aparece principalmente devido à sua capacidade de se assemelhar a um profeta. Na altura em questão, e tal como foi anteriormente referido, a fé religiosa tinha vindo a registar um declínio de popularidade simultaneamente em todas as classes da sociedade, abalando as esperanças que ainda restavam nos trabalhadores e classes desfavorecidas de todo o mundo por um melhor destino, mesmo se apenas acontecesse após a cessação da vida. Para Schumpeter, vivia-se também numa época em que a realização da classe burguesa se encontrava no seu auge enquanto a civilização burguesa se encontrava na direcção oposta, ou seja no seu ponto mais baixo, “o tempo do materialismo mecanicista, de um ambiente cultural que foi atraído por não ter tido nenhum sinal

⁵³ Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p.5 - “*To the believer it presents, first, a system of ultimate ends that embody the meaning of life and are absolute standards by which to judge events and actions; and, secondly, a guide to those ends which implies a plan of salvation and the indication of the evil from which mankind, or a chosen section of mankind, is to be saved.*”

⁵⁴ Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p.6 - “*(...)[I]f Marx had not been more than a purveyor of phraseology, he would be dead by now.*”

de uma nova arte ou de um novo modo de vida no seu ventre, e que revoltava-se na banalidade mais repulsiva”⁵⁵. O ambiente que se vivia teve também uma importante contribuição para o sucesso do marxismo e facilitou a propagação da sua mensagem. Popper vem complementar esta ideia de Schumpeter de que a força do marxismo não se cinge apenas à sua propaganda ou à sua exaltação pelo método científico, mas que deriva, na sua maior parte, do seu elemento e carácter religioso. Os crentes são levados pela fé marxista e depositam nela toda a esperança. Principalmente para as classes mais baixas o reaparecimento do marxismo traz, desta forma, um novo sentido às suas vidas. Quando antes olhavam para a miséria e para a pobreza como algo de inevitável e inerente à sua condição e às suas rotinas, veem agora graças aos ensinamentos marxistas, que esta ideia pode ser ilusória e artificial e que afinal podem aspirar e eventualmente obter um estilo de vida que julgavam ser só acessível às classes superiores da sociedade.

“De acordo com o princípio de que tudo é possível valerá a pena assinalar que as profecias Marxistas bem poderiam ter se tornado realidade. A fé, tal como o optimismo progressista do século dezanove, pode ser uma força política poderosa; pode ajudar na realização do que tinha previsto. Assim, mesmo uma correção que esteja correcta pode não ser tão prontamente aceite como corroboração de uma teoria, e do seu carácter científico. Pode ser sim uma consequência do seu *carácter religioso* e uma prova da força da fé religiosa que tem sido capaz de inspirar no homem. E, mais particularmente, no Marxismo o elemento religioso tem sido inequívoco. Na hora na miséria e degradação mais profunda, a profecia de Marx deu aos trabalhadores uma crença mais inspiradora na sua missão, e no futuro brilhante que o seu movimento tem vindo a preparar para toda a humanidade.”⁵⁶

⁵⁵ Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p.6. – *“the time of mechanistic materialism, of a cultural milieu which had as yet betrayed no sign that a new art and a new mode of life were in its womb, and which rioted in most repulsive banality.”*

⁵⁶ Popper, Karl, 2002. *The Open Society and Its Enemies*, 1ª ed., Routledge, EUA, p. 401-402. - *“In accordance with the principle that everything is possible it may be worth while to point out that Marx’s prophecies might well have come true. A faith like the progressivist optimism of the nineteenth century can be a powerful political force; it can help to bring about what it has predicted. Thus even a correct prediction must not be accept too readily as a corroboration of a theory, and of its scientific character. It may rather be a consequence of its religious character and a proof of the force of the religious faith, which it has been able to inspire in men. And in Marxism more particularly the religious element is unmistakable. In the hour of their deepest misery and degradation, Marx’s prophecy gave the workers an inspiring belief in their mission, and in the great future which their movement was to prepare for the whole of mankind.”* (itálicos meus)

Para Schumpeter a mensagem marxista foi redigida com o propósito de ser aceite pela mente positivista⁵⁷ daquele tempo - sendo esta maioritariamente de origem burguesa, o que nos permite afirmar que “(...) [M]arxismo é essencialmente um produto da mente burguesa”⁵⁸. A época em que se vivia, uma época positivista onde a atenção se focava principalmente nas questões materialistas e racionalistas, não aceitava assim nenhuma solução que fosse baseada ou que tivesse alguma ligação com áreas fora desses campos. A aceitação do marxismo torna-se assim uma atitude previsível de forma a corresponder com as vontades da altura. Neste ponto o autor não deixou de tecer uma crítica os economistas afirmando que os seus horizontes tendiam a ser demasiado limitados e curtos, acabando por mostrarem resistência a tudo o que se apresentava como novo. As suas visões económicas, apesar de proclamarem o contrário, não eram mais que “(...) [a]s típicas visões da classe burguesa inglesa”, “Os faróis burgueses são uma evidência em quase todas as páginas.”⁵⁹ Considerava também que apesar de Karl Marx pregar a realização individual, e de olhar para a ciência como forma de salvação, os seus ensinamentos acabavam por ter as velhas e replicadas raízes, as raízes burguesas. O Marxismo envolve as classes trabalhadoras num sentimento artificial de frustração e submissão e na ideia da existência de maus tratos propositados pelas classes superiores, e cuja solução para estas injustiças se encontra apenas no sistema socialista.

“Mas a pregação sob a aparência de análise, e uma análise tendo em consideração as necessidades sentidas, foi o que conquistou alianças apaixonada e deu ao Marxismo a suprema bênção, que consiste na convicção que aquilo que se é e aquilo que se defende nunca pode ser derrotado mas que acaba por sair vitorioso no fim.”⁶⁰

⁵⁷ Ver Comte Bourdeau, Michel, 2014, "Auguste Comte", The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Edição Outubro de 2014), Edward N. Zalta (ed.), forthcoming URL = <<http://plato.stanford.edu/archives/fall2014/entries/comte/>> - De uma forma muito sucinta, positivismo é uma filosofia elaborada por Auguste Comte em que consiste em atribuir à descrição de fenómenos sensoriais a forma mais elevada de conhecimento.

⁵⁸ Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p.6. - “(...) [M]arxism is essentially a product of the bourgeois mind.”

⁵⁹ Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p.66. “(...) [T]he typical views of the English bourgeois class.”; “Bourgeois blinkers are in evidence on almost every page.”

⁶⁰ Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p. 6 “But preaching in the garb of analysis and analyzing with a view to heartfelt needs, this is what conquered passionate allegiance and gave to the Marxist that supreme boon which consists in the conviction that what one is and stands for can never be defeated but must conquer victoriously in the end.”

Schumpeter afirma que o truque usado pelo Marxismo para fomentar sentimentos de frustração não reflecte nem transmite os verdadeiros sentimentos da classe trabalhadora, nem mesmo sentimentos que pudessem estar no mais profundo inconsciente.⁶¹ Além do mais a ideologia de luta de classes foi, em 1888⁶², vista como uma ideologia de proletariado, quando na realidade só uma fracção muito pequena do proletário sentia alguma identificação com ela. “*Também deve significar que a ideologia do proletariado, ou uma grande parte dela, foi (em 1888) correctamente elaborada pela ideologia de luta de classes do Manifesto – considerando que é igualmente claro que este não era o caso para a grande maioria dos trabalhadores, e que, na melhor das hipóteses, apenas pequenas minorias seguiam a bandeira Marxista.*”⁶³ De forma a criar a ilusão de uma ‘*lógica de evolução social*’⁶⁴, o marxismo tentava assim manipular e inflamar os sentimentos dos trabalhadores, independentemente de serem sentimentos realmente efectivos ou não, de forma a convertê-los a sentimentos de revolta. Graças a este artifício e juntamente com a noção de ‘*consciência de classe*’, tornar as massas cientes de si próprias, a ideologia acaba por provocar uma adulteração da natureza e essência do trabalhador, que na propaganda e educação marxista se encontrava engrandecida.

É importante salientar que o autor identificou existir uma grande diferença entre os Socialistas Utópicos e Marx. Estes grupos de Socialistas Utópicos e fanáticos socialistas tinham, na altura, pouca credibilidade na sociedade e eram muitas vezes olhados com desconfiança. De forma a evitarem serem confundidos com este género de grupos, Marx e também Engels quiseram distanciar-se através de um ‘*comunismo bruto, áspero e*

⁶¹ Ver Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, pp. 5-7

⁶² 1888 - Data de publicação da edição inglesa do ‘*Manifesto do Partido Comunista*’. Esta edição teve como tradutor Samuel Moore em cooperação com Friedrich Engels. No prefácio desta edição, Engels refere a luta de classes, onde a classe do proletariado é vista como a classe oprimida submissa à classe sua opressora, a classe burguesa. O conceito de luta de classes foi omitido nos dois primeiros prefácios do Manifesto, o prefácio da edição alemã de 1872 e da edição russa de 1882. Engel, na edição alemã de 1883 já refere de forma muito sucinta o conceito de luta de classe e é só na edição de 1884 que Engel explica o conceito de forma bastante mais aprofundada. É importante também referir, que foi esta edição que serviu de base para edições posteriores do manifesto na língua inglesa em países como a Inglaterra, os Estados Unidos e mesmo a União Soviética. - Ver Marx, Karl, Engels, Friedrich, 2005. *Manifesto of the Communist Party*. Progress, pp. 7-9.

⁶³ Schumpeter, Joseph, 2002. *Essays on entrepreneurs, innovations, business cycles, and the evolution of capitalism*, 5ª ed., Transaction Publishers, EUA, p.289. - “*It must also mean that the ideology of the proletariat, or of a large part of it, was (in 1888) correctly rendered by the class-struggle ideology of the Manifesto - whereas it is equally clear that this was not the case for the large majority of workers and that, at best, only small minorities then followed the Marxist flag.*”

⁶⁴ Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p. 7. - “*logical of social evolution*”.

puramente instintivo’ e que atribuíram a uma parte da classe operária. Esta questão demonstra, e em parte desculpa, o insucesso dos autores em reconhecer as prioridades doutrinárias dos escritores utópicos em certos pontos essenciais⁶⁵. Além de um desejo e uma vontade consciente de separação por parte de Marx e Engels, o pensamento de Marx em si distinguia-se e elevava-se a muitas correntes socialistas da época. Marx manteve-se afastado da tendência de considerar os trabalhadores como heróis ou como sendo a classe superior relativamente às restantes. Também nunca caiu no erro de fantasiar aquilo que proclamava, nem de ditar ideais ou de ordenar ou comandar os actores em questão. Schumpeter atribui a Marx o papel de profeta e não o de Deus e como tal as suas funções consistiam apenas em expor aquilo que considerava que ia acontecer e apenas a relatar o que considerava ser a situação presente, “...[M]arx pretendia apenas falar da lógica do processo dialéctico da história.”⁶⁶ Marx mostrava ter assim uma melhor compreensão da realidade e das classes do que muitos socialistas da sua época. Schumpeter porém afirma que o seu génio, aquilo que o fazia sobressair e lhe dava clara distinção e separação dos socialistas utópicos, vai além deste ponto e que pode-se verificar a sua astúcia e inteligência no ‘*Manifesto of the Communist Party*’⁶⁷, onde identifica as conquistas e o mérito presente no sistema capitalista e reconhece a sua necessidade histórica, mesmo quando afirma acreditar na morte do capitalismo. Marx, contrariamente a muitos socialistas, atribuía à burguesia, e à burguesia apenas, o mérito de ter sido a classe que ao longo da história foi a mais bem sucedida em termos de capacidade produtiva, de avanço civilizacional e de diminuição do sector agrícola. “*A burguesia...tem sido a primeira a revelar as possibilidades da actividade do homem. Tem alcançado maravilhas que ultrapassam as pirâmides do Egipto, os aquedutos Romanos e as catedrais Góticas; tem conduzido expedições que põem na sombras todos os anteriores Êxodos das nações e as cruzadas...A burguesia, pelo seu rápido melhoramento de todos os instrumentos de produção, pelos seus meios de comunicação que ficaram vastamente acessíveis, arrasta todas as nações, mesmo as mais bárbaras, para a civilização...Tem criado cidades imensas, aumentado grandemente a população urbana em relação com a população rural e assim tem salvo uma parte considerável de população do embrutecimento da vida rural...A burguesia, durante o tempo, de alguns escassos cem anos, que esteve no*

⁶⁵ Schumpeter, Joseph, 2002. *Essays on entrepreneurs, innovations, business cycles, and the evolution of capitalism*, 5ª ed., Transaction Publishers, EUA, p.288.

⁶⁶ Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p. 7. - “...[M]arx pretended no more than to speak the logic of the dialectic processo f history.”

⁶⁷ Ver Marx, Karl, Engels, Friedrich, 2005. *Manifesto of the Communist Party*. Progress.

poder criou forças produtivas mais massivas e mais colossais do que todas as gerações passadas em conjunto.”⁶⁸

Schumpeter afirma que o movimento moderno da classe trabalhadora não é devidamente interpretado pela teoria presente no ‘*Manifesto of the Communist Party*’. Dá como exemplo, sublinhando não ser o único, de que Marx falha em compreender que existiu um aumento do peso social e político da classe trabalhadora como resultado de um aumento real de salários por trabalhador, uma consequência da existência de um desenvolvimento que Marx insiste em negar.⁶⁹ Para Schumpeter, a filosofia de Marx prende-se com a aceitação, de uma forma substancial, da visão burguesa de que o feudalismo é uma arena de forças em que a submissão e exploração das massas são considerados como factos incontestáveis. O explorador feudal é substituído pelo explorador capitalista.⁷⁰ Segundo Aron, neste ponto, Marx assinalava as etapas da história humana de acordo com os regimes económicos correspondentes.⁷¹ Na sua obra “*A Contribution to the Critique of Political Economy*”⁷², publicada em 1859, Marx afirma “(...) [*e*]m linhas gerais os modos de produção Asiáticos, antigos, feudal e burguês moderno podem ser designados como épocas que marcam o progresso do desenvolvimento económico da sociedade”⁷³. Aron, nos seus estudos, analisa estes quatro modos de produção, procedendo à sua breve análise, referindo que Marx via o modo de produção feudal como sendo caracterizado por servidão, enquanto o modo burguês era-o pelo salariado. No entanto, ambos seriam igualmente modos de exploração do homem pelo homem, sendo que na passagem de regime feudal para burguês ou capitalista só o tipo de exploração se alteraria, ao que a exploração em si continuaria a existir. O sistema capitalismo difere do

⁶⁸ Marx, Karl, Engels, Friedrich, 2005. *Manifesto of the Communist Party*. Progress, pp.16-17. – “...*It has been the first to show what man’s activity can bring about. It has accomplished wonders far surpassing Egyptian pyramids, Roman aqueducts, and Gothic cathedrals; it has conducted expeditions that put in the shade all former Exoduses of nations and crusades...The bourgeoisie, by the rapid improvement of all instruments of production, by the immensely facilitated means of communication, draws all, even the most barbarian, nations into civilisation... It has created enormous cities, has greatly increased the urban population as compared with the rural, and has thus rescued a considerable part of the population from the idiocy of rural life... The bourgeoisie, during its rule of scarce one hundred years, has created more massive and more colossal productive forces than have all preceding generations together.*”

⁶⁹ Ver Schumpeter, Joseph, 2002. *Essays on entrepreneurs, innovations, business cycles, and the evolution of capitalism*, 5ª ed., Transaction Publishers, EUA, p. 289.

⁷⁰ Ver Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p.15.

⁷¹ Ver Aron, Raymond, 2010. *As Etapas do Pensamento Sociológico*, 9ª ed. D. Quixote, Portugal, pp. 147-224.

⁷² Ver Marx, Karl, 1977. *A Contribution to the Critique of Political Economy*. Progress Publishers, Moscovo.

⁷³ Marx, Karl, 1977. *A Contribution to the Critique of Political Economy*. Progress Publishers, Moscovo, p. 2.

sistema anterior, o feudal, num aspecto crucial, os níveis de produção deste são bastante superiores comparativamente com os anteriores sistemas económicos.⁷⁴ Marx admite que o capitalismo possui um poder, nunca antes visto, de desenvolver a capacidade produtiva de uma sociedade. Porém, para ele, este aumento de produção não significa melhoria de condições para a população em geral. Pelo contrário, Marx considera que as relações de produção e a distribuição de rendimentos não conseguem acompanhar este aumento de produção. A riqueza proveniente do capitalismo acaba por se concentrar apenas numa pequena fracção da sociedade, a burguesia, enquanto a maioria da população, o proletariado, torna-se cada vez mais numeroso e envolve-se em maior miséria, não podendo desfrutar os resultados deste progresso capitalista em termos de produção. O controlo de capital levará sempre a uma maior acumulação daquele que o detém. A guerra de classes que segundo Marx será o resultado inevitável desta situação acabará na destruição de ambas as classes e por sua vez na destruição do sistema capitalista. *“A história de toda a sociedade até ao momento é uma história de luta de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestre de Guilda e viajante, numa palavra, opressor e oprimido, tiveram em constante oposição, e continuam numa interrupção, tanto escondida como em guerra aberta, e que tem terminado sempre, ou numa reconstituição revolucionária de toda a sociedade, ou na ruína das classes em guerra.”*⁷⁵ Podemos ver que esta noção do capitalismo por ele apresentada acaba por ter directa oposição da de Schumpeter. Para este, a verdadeira capacidade e dádiva do capitalismo consiste em tornar disponível e acessível uma maior quantidade de bens e serviços à maioria da população e não apenas a uma pequena parte, como se verificava nos sistemas anteriores. Schumpeter ilustra esta questão através do famoso exemplo das meias de seda da Rainha: *“A Rainha Elizabeth sempre possuiu meias de seda. A concretização do capitalismo não consiste em aumentar a oferta de meias de seda para as rainhas, mas sim em trazê-las para o alcance das trabalhadoras de fábrica, em troca de um decréscimo constante de esforço.”*⁷⁶. Graças à diminuição de custos de produção e de trabalho (esforço) que o capitalismo permite, as meias de seda tornam-se assim mais baratas e por sua vez, acessíveis aos rendimentos mais baixos.

⁷⁴ Ver Aron, Raymond, 2010. As Etapas do Pensamento Sociológico, 9ª ed. D. Quixote, Portugal, pp.151-159.

⁷⁵ Marx, Karl, Engels, Friedrich, 2005. Manifesto of the Communist Party. Progress, p.14 - *“The history of all hitherto existing society is the history of class struggles. Freeman and slave, patrician and plebeian, lord and serf, guildmaster and journeyman, in a word, oppressor and oppressed, stood in constant opposition to one another, carried on an uninterrupted, now hidden, now open fight, that each time ended, either in the revolutionary reconstitution of society at large, or in the common ruin of the contending classes.”*

⁷⁶ Schumpeter, Joseph, 2010. Capitalism, Socialism and Democracy, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p.59 - *“Queen Elizabeth owned silk stockings. The capitalist achievement does not typically consist in providing more silk stockings for queens but in bringing them within the reach of factory girls in return for steadily decreasing amounts of effort.”*

Schumpeter ao analisar a teoria marxista divide-a em duas proposições. A primeira localiza o papel das condições de produção da teoria marxista, traduzindo-se por: *“As formas ou condições de produção são a determinante fundamental das estruturas sociais que por sua vez gera atitudes, acções e civilizações.”*⁷⁷ O processo produtivo aparece aqui como a chave central de uma sociedade e que por sua vez irá determinar a estrutura social. Esta ideia é ilustrada por Marx na obra *‘The Poverty of Philosophy’*⁷⁸ de 1892. *“As relações sociais estão intimamente ligadas às forças produtivas. Em adquirir novas forças produtivas os homens são obrigados a mudar o seu modo de produção; e ao mudar o seu modo de produção, em mudar a forma como ganham os seus rendimentos, eles mudas todas as suas relações sociais. O moinho manual deu à sociedade o senhor feudal; o moinho a vapor deu à sociedade o capitalista industrial.”*⁷⁹ O modo produção altera assim a estrutura da sociedade. Ao mudar o modo de produção toda a estrutura altera, pois este tem uma ligação directa com a forma do trabalhador ganhar os seus rendimentos, o que por sua vez estabelece a sua posição social. O senhor feudal é substituído pelo capitalista industrial, devido às alterações produtivas que houve na mudança de um sistema para o outro. Daqui Schumpeter infere que os métodos de produção são uma condição fora do controlo dos indivíduos que interagem com tais instrumentos e que se dão devido a uma necessidade prática. Devido a questões económicas e conseqüentemente à situação social que gera, os métodos de produção acabam por se estabelecer por si próprios, sem haver uma força consciente para tal. Desta forma a segunda proposição traduz-se por: *“As formas de produção em si têm uma lógica própria; por outras palavras, elas mudam de acordo com as necessidades inerentes a elas de forma a produzir os seus sucessores apenas com o seu próprio trabalho.”*⁸⁰

Para Schumpeter, todas estas características e elementos do marxismo tornam-se aliciantes para os intelectuais. Estes encontravam-se espalhados pelos diversos meios de comunicação da época e esperavam por algo que os fizesse sair da rotina e da monotonia do dia a dia. Sentiam-se intelectualmente e emocionalmente

⁷⁷ Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p.10 - *“The forms or conditions of production are the fundamental determinant of social structures which in turn breed attitudes, actions and civilizations.”*

⁷⁸ Ver Marx, Karl, n.d. *The Poverty of Philosophy*. Foreign Languages Publishing House, Moscovo.

⁷⁹ Marx, Karl, n.d. *The Poverty of Philosophy*. Foreign Languages Publishing House, Moscovo, p. 109. – *“Social relations are closely bound up with productive forces. In acquiring new productive forces men change their mode of production; and in changing their mode of production, in changing the way of earning their living, they change all their social relations. The handmill gives you society with the feudal lord; the steam-mill, society with the industrial capitalist.”*

⁸⁰ Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p.11 - *“The forms of production themselves have a logic of their own; that is to say, they change according to necessities inherent in them so as to produce their successors merely by their own working.”*

insatisfeitos e os seus trabalhados não lhes davam a gratificação e a realização que esperavam. Queriam salvar o mundo, mas não sabiam como nem por onde começar. Desejavam assim novos estímulos, um novo rumo e a possibilidade de virem a desempenhar um papel na salvação da humanidade. O marxismo, como se pode ver, apresenta-se assim como o remédio mais óbvio e previsível para as suas agonias diárias e insatisfação sentida. Os intelectuais encontram no marxismo aquilo que procuravam.

“Mais uma vez, nada é mais fácil de compreender do que a fascinação exercida pela síntese que é para nós exactamente isso. É particularmente compreensível por entre a juventude e por entre esses habitantes intelectuais no universo jornalístico a quem os deuses parecem ter concebido o dom da eterna juventude. Ofegantes com impaciência para ter o seu lugar, ansiosos por salvar o mundo de alguma ou outra coisa, agoniados pelos livros didácticos de um tédio indescritível, insatisfeitos tanto emocionalmente como intelectualmente, incapazes de atingir a síntese pelos seus próprios esforços, eles encontram o que anseiam em Marx. Aqui está, a chave para todos os segredos mais íntimos, a varinha mágica que dirige tanto grandes eventos como pequenos. Eles observam o esquema explicativo que ao mesmo tempo é –se me é permitido um lapso momentâneo de Hegelianismo – mais geral e mais concreto. Eles vêm para além das pomposas marionetas da política e dos negócios que nunca sabem o que está realmente em causa. E quem os pode culpar, olhando para as alternativas disponíveis?”⁸¹

Hayek também refere este ponto de os intelectuais deixam-se facilmente levar pelo marxismo devido a um descontentamento sentido perante as suas vidas profissionais e intelectuais⁸², como iremos ver no respectivo capítulo.

⁸¹ Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, pp. 40-41 — *“Once more, nothing is easier to understand than the fascination exerted by a synthesis which does for us just this. It is particularly understandable in the young and in those intellectual denizens of our newspaper world to whom the gods seem to have granted the gift of eternal young. Panting with impatience to have their innings, longing to save the world from something or other, disgusted with textbooks of undescrivable tedium, dissatisfied emotionally and intellectually, unable to achieve synthesis by their own effort, they find what they crave for in Marx. There it is, the key to all the most intimate secrets, the magic wand that marshals both great events and small. They are beholding an explanatory schema that at the same time is - if I may for a moment lapse into Hegelianism - most general and most concrete. They see through the pompous marionettes of politics and business who never know what it is all about. And who can blame them, considering available alternatives?”*

⁸² Ver Hayek, Friedrich A., 1967. *The Intellectuals and Socialism*, in: *Studies in Philosophy, Politics, and Economics*. Routledge, Londres, p.115

O intelectual em Schumpeter

Schumpeter afirma que esta síntese tão desejada, a síntese Marxista, falha na forma como explica e justifica acontecimentos que tiveram lugar nas décadas precedentes à data de publicação de *‘Capitalism, Socialism and Democracy’*⁸³. Um período de depressão ou regressão económica acaba por creditar qualquer previsão pessimista da mesma forma como credita a Marxista.⁸⁴ A burguesia descontente e os intelectuais, através da sua palavra, criam a impressão fictícia do contrário e que naturalmente adquire a matriz Marxista, como podemos ver em seguida, o enviesamento de informação e a manipulação da representação da realidade pelos intelectuais, tópico tratado posteriormente por Hayek⁸⁵.

“Questões económicas e sociais movem-se pela sua própria dinâmica e as situações daí resultantes forçam indivíduos e grupos a se comportarem de formas por eles desejadas - não através da destruição da sua liberdade de escolha, mas em moldar as mentalidades e limitar a lista de alternativas por onde se pode escolher.”⁸⁶

As massas não se encontram numa posição que lhes permita compararem de uma forma racional as alternativas existentes dos diversos regimes económicos, acabando por terem sempre de aceitar o que lhes é transmitido. Os enquadramentos provenientes das questões económicas e sociais presentes levam os indivíduos e grupos a comportarem-se de certa forma, não através de uma diminuição da liberdade de escolha mas através

⁸³ Ver Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido.

⁸⁴ Ver Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, pp. 41-42

⁸⁵ Ver Hayek, Friedrich A., 1967. *The Intellectuals and Socialism*, in: *Studies in Philosophy, Politics, and Economics*. Routledge, Londres, pp. 107-109

⁸⁶ Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p.115 *“Things economic and social move by their own momentum and the ensuing situations compel individuals and groups to behave in certain ways whatever they may wish to do - not indeed by destroying their freedom of choice but by shaping the choosing mentalities and by narrowing the list of possibilities from which to choose.”*

da formatação das suas mentalidades e por delimitarem as possibilidades de escolha.⁸⁷ Para o autor, Marx considerava a evolução como coeficiente necessário para o socialismo e a revolução não se apresentava de forma alguma como uma peça de substituição para qualquer um dos elementos do processo evolutivo social.⁸⁸

“Os Marxistas recusam, muitas vezes, discutir a questão se uma violenta revolução podia ou não ser ‘justificada’; afirmam não ser moralistas, mas cientistas, e que não lidam com especulações sobre o que deveria ser, mas com os factos que são ou irão ser. Noutras palavra, eles são profetas históricos que se dedicam apenas aquilo que irá acontecer.”⁸⁹

A revolução, no entanto, acaba por desempenhar a função de redigir a conclusão a se cumprir sob um conjunto preciso de condições. *“Desta forma, a revolução marxista difere completamente, em essência e em objectivo, das revoluções feitas tanto pelo burguês radical como pelo socialista conspirador. É essencialmente revolução na plenitude do tempo.”*⁹⁰

Para Schumpeter o *“(…) [c]apitalismo cria um enquadramento mental crítico que, depois de ter destruído a autoridade moral de tantas outras instituições, no final revolta-se contra si mesmo.”*⁹¹ O autor constata que quando a classe burguesa se encontra numa posição de fragilidade se torna susceptível a agressão externa⁹². Esta agressão e hostilidade é por sua vez racionalizada pelos próprios agressores, que acabarão por

⁸⁷ Ver Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p.115.

⁸⁸ Ver Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, pp. 38-49

⁸⁹ Popper, Karl, 2002. *The Open Society and Its Enemies*, 1ª ed., Routledge, EUA, p. 361. - *“Marxists often decline to discuss the question whether or not a violent revolution would be ‘justified’; they say that they are not moralists, but scientists, and that they do not deal with speculations about what ought to be, but with the facts of what is or will be. In other words, they are historical prophets who confine themselves to the question of what will happen.”*

⁹⁰ Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p. 49 - *“The marxist revolution therefore differs entirely, in nature and in function, from the revolutions both of the bourgeois radical and of the socialist conspirator. It is essentially revolution in the fullness of time.”*

⁹¹ Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p.128 - *“(…) [C]apitalism creates a critical frame of mind which, after having destroyed the moral authority of so many other institutions, in the end turns against its own.”*

⁹² Ver Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p.128

encontrar uma justificação, que perante os seus olhos é considerada como legítima, dos seus actos. Esta racionalidade aqui referida prende-se com a criação de justificações ou razões, que damos a nós próprios ou a terceiros, com o objectivo de satisfazer as nossas concepções e ideais, ignorando muitas vezes a realidade. O autor considera haver uma correlação histórica entre a fragilidade da burguesia e a ordem capitalista.

A investida contra o sistema capitalista

Schumpeter considera que graças à estrutura e essência inerente ao capitalismo, este detém as sementes da sua própria destruição. Como tal evidencia diversos aspectos dentro da máquina capitalista que possam vir a revelar-se ser pontos que ditarão o fim de todo o sistema.

Para o autor, o progresso económico próprio do capitalismo tende a dirigir-se para um modo de trabalho automatizado e impessoal.⁹³ A acção individual é substituída sempre que possível por um sistema burocrático e as tomadas de decisões são agora delegadas para comités distantes e processuais. A mecanização acaba por abarcar uma parte tão grande da actividade laboral que chega ao ponto de dissipar qualquer sentimento de realização individual profissional e torna-se apenas numa execução rotineira de tarefas. A falta de realização individual acaba por limitar o homem, pois não permite que este atinja um posição durável e merecida em termos de liderança social. Este tipo de processo social ameaça assim o papel desempenhado pelo empresário capitalista e por sua vez a sua posição social. A burguesia acaba por ser afectada por esta transformação no papel do capitalista, pois estes, caso fossem bem sucedidos, transitavam e alimentavam a classe burguesa. *“...[c]aso a evolução capitalista – ‘progresso’ – terminar ou se tornar completamente automática, a base económica da burguesia industrial irá ser eventualmente reduzida a salários, como aqueles pagos aos actuais postos administrativos, à excepção de quasi-rendas e ganhos de monopólios que se espera que venham a existir por algum tempo. Desde o empreendimento capitalista, pelos seus próprios sucessos, tende a tornar o processo automático, concluimos que tende a fazer-se a si próprio de supérfluo – partindo-se em pedaços pelo peso do seu próprio sucesso. A perfeita unidade gigante industrial não elimina apenas as pequenas e médias empresas como ‘expropria’ os seus donos, mas no fim acaba também por eliminar o empresário e expropriar a burguesia como classe que ao longo do processo não perde apenas o seu rendimento mas também, e infinitamente mais importante, a sua função. Os verdadeiros fazedores do socialismo não eram os intelectuais ou agitadores que o pregavam, mas os Vanderbilt, Carnegies e Rockefellers.”*⁹⁴ O sucesso e as conquistas atingidas pelo sistema

⁹³ Ver Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p.119.

⁹⁴ Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p.119. - *“...[i]f capitalist evolution—“progress”— either ceases or becomes completely automatic, the economic basis of the industrial bourgeoisie will be reduced eventually to wages such as are paid for current administrative work excepting remnants of quasi-rents and monopoloid gains that may be expected to linger on for some time. Since capitalist enterprise, by its very achievements, tends to automatize progress, we conclude that it tends to make itself superfluous—to break to pieces under the pressure of its own success. The perfectly*

capitalista terão o efeito perverso de fazer supérfluo o seu próprio sistema e tenderá levar assim todo o empreendimento à sua destruição.

Para Schumpeter, o capitalismo, ao advir ao feudalismo, acabou por destruir todo o sistema institucional deste. Esta destruição refletiu-se sobretudo em três aspectos: o trabalho e a actividade do artesão acaba por desaparecer na sua totalidade devido aos efeitos imediatos da competição inerente ao empreendimento capitalista, sendo que a acção política relativamente à remoção de organizações e regulamentações atrofiadas vai marcar ainda mais este desaparecimento; o mundo do senhor e dono feudal e do camponês é destruído pela acção política e em alguns casos mesmo por acção revolucionária, sendo que o capitalismo actuou sobre estas transformações; por fim para além destas mudanças houve também uma mudança na autoridade legislativa e a opinião pública tem agora, pela primeira vez, uma maior relevância e impacto no sistema político e económico. As classes ou grupos que detinham um papel de liderança na sociedade viram os seus privilégios políticos e económicos desaparecerem e com eles o controlo que possuíam. Diversos grupos, como a realeza, o exercito, a Igreja e outro tornou se cada vez mais dependente do rendimento que provinha da máquina capitalista, mesmo em casos em que a sua origem era puramente feudal que devido ao desenvolvimento capitalista contemporâneo deixaram de existir. Assim, devido a acompanhar este desenvolvimento, muitas políticas internacionais e domésticas tiveram de ser adaptadas, havendo também bastantes mudanças institucionais. A burguesia sente sempre a necessidade de ter um enquadramento em que exista uma camada de material não burguês exerça a função de proteger a burguesia. Quando existe tal enquadramento a burguesia tem hipóteses de ser bem sucedida, não apenas através de uma política defensiva, mas também numa posição ofensiva, especialmente num lugar de oposição. Durante um determinado espaço de tempo a burguesia sentiu-se de tal forma segura que se deu ao luxo de atacar esta camada não burguesa que a protegia e o enquadramento que figuravam. A burguesia arriscava assim criticar outras classes e as suas respectivas posições na sociedade sem compreender que caso estas fossem eliminadas, acabaria por criar um efeito perverso e um impacto nefasto na sua própria classe. Não compreendiam que sem a proteção de certos grupos não burgueses, a classe burguesa não possuiria a capacidade política de governar a nação e garantir o funcionamento da sociedade, nem tão pouco de assegurar os interesses e a sobrevivência da sua própria classe. Teria sempre a necessidade de um protector ou mestre que a lhe oferece-se protecção. Este protetor, no entanto, é excluído no sistema capitalista. Os mecanismos económicos e os efeitos psicossociológicos inerentes ao capitalismo acabam por invalidar esta figura, não

bureaucratized giant industrial unit not only ousts the small or medium-sized firm and “expropriates” its owners, but in the end it also ousts the entrepreneur and expropriates the bourgeoisie as a class which in the process stands to lose not only its income but also what is infinitely more important, its function. The true pacemakers of socialism were not the intellectuals or agitators who preached it but the Vanderbilts, Carnegies and Rockefellers. “

criando espaço ou oportunidade de ser criado ou desenvolvido um substituto para proteger os interesses da classe burguesa.⁹⁵

O processo capitalista, porém, não destrói apenas o enquadramento institucional da sociedade feudal, mas também ameaça levar o seu próprio enquadramento à destruição. A classe associada ao capitalismo, o empresário capitalista deve o seu sucesso ao sistema que o criou, porém e paradoxalmente o seu prestígio e peso social acaba por lhe prejudicar. A burguesia perde também o seu peso social. Esta perda de importância e vitalidade deve-se principalmente à transformação e mudança de significado das instituições do mundo da burguesia. O processo capitalista tende a atacar a base económica do pequeno produtor e do pequeno comerciante. O mesmo processo competitivo que destruiu muitas das classes pré-capitalistas, como os artesãos, irá fazer o mesmo por estes grupos, as classes das camadas inferiores da indústria capitalista. Schumpeter aqui afirma que este argumento acaba por ir ao encontro de alguma da argumentação de Marx, atribuindo-lhe razão em algumas das suas observações.⁹⁶ A concentração industrial tem assim um efeito perverso no próprio sistema capitalista, afectando assim a estrutura política. O conjunto de elementos que constituem a camada das pequenas e médias empresas contam de forma bastante significativa para as urnas políticas, e tendo uma voz na sociedade que nunca será substituída pelos altos dirigentes das grandes empresas. Os conceitos de propriedade privada e livre contratação perdem assim a sua força e vitalidade dentro da nação e os seus elementos mais ilustrativos e simbólicos são engolidos e desaparecem do horizonte dos indivíduos.⁹⁷ Por outro lado, o modo institucional das grandes unidades e o seu sistema de grandes números de accionistas que pouca relação ou envolvimento têm com o verdadeiro funcionamento da empresa acaba também por fustigar o seu enquadramento. O processo capitalista acaba assim por arrastar todas as instituições que expressam a essência da verdade actividade económica privada, em especial as instituições de propriedade privada e de livre contratação, para fora do seu próprio engenho. Mesmo quando a sua eliminação é evitada, acaba sempre por existir uma perda de importância e vitalidade que é fundamental para a sobrevivência e manutenção do capitalismo. *“O processo capitalista, ao substituir uma mera parcela de acções por paredes e por máquinas de uma fábrica, faz desaparecer a vida que o conceito de propriedade possui. Solta a aderência que foi outrora tão forte – a aderência no sentido de direito legal e a capacidade real de fazer o que quiser consigo próprio; a*

⁹⁵ Ver Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p.120.

⁹⁶ Ver Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p.125.

⁹⁷ Ver Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p. 125.

aderência também no sentido de o possuidor do título acabar por perder a vontade de lutar, tanto economicamente, fisicamente, como politicamente pela 'sua' fábrica e pelo seu controlo, e mesmo morrer por ela, caso o seja necessário. E esta evaporação daquilo que podemos denominar de substância material de propriedade – a sua realidade visível e táctil – afecta não apenas a atitude dos titulares mas também a do trabalhador e do público em geral. O desmaterializado, o fora de funcionamento e o absente de propriedade não impressiona nem evoca lealdade moral como a essência vital da propriedade fez. Eventualmente não haverá ninguém que realmente a queira defender – ninguém dentro e ninguém fora do recinto das grandes preocupações.”⁹⁸

Estes três factores identificados pelo autor, a desvalorização da classe capitalista, a dissipação de uma barreira protectiva e a destruição da autoridade moral de algumas instituições, tendem a criar um ambiente de hostilidade dentro do próprio sistema contra este. Não só a própria classe burguesa que começa a ser vítima de agressões e hostilidades vindas de outras classes, como os próprios valores burgueses, tais como a propriedade privada. Schumpeter afirma haver assim uma correlação entre esta fragilidade da classe da burguesia e a hostilidade para com a ordem capitalista. Este ataque político e esta hospitalidade para com o capitalismo não é elaborado através de um raciocínio lógico ou tendo em conta injustiças legítimas ou de válidas críticas. O ponto apontado por Schumpeter é que a crítica à ordem capitalista é constituída tendo em conta valores extrarracionais, ou seja, pressupõe-se que lhes falte um cariz racional. O autor aqui, ao contrário de Hayek ou Aron afirma que a destruição do capitalismo virá porque os seus críticos se baseiam, não na crença excessiva da razão, mas por se focarem em valores extrarracionais e pecarem por não existir uma base racional nas suas acusações. Sendo este o caso, uma defesa eficaz a estes ataques não pode ser elaborada apenas de argumentos racionais. Apesar de terem alguma eficácia ao atacarem a parte racional do argumento que estão a refutar, falham em alcançar a sua força orientadora extra racional que se encontra subjacente. Para Schumpeter, a racionalidade capitalista, tendo destruído as instituições que continham estes impulsos sub ou super racionais,

⁹⁸ Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, pp. 126-127. - *“The capitalist process, by substituting a mere parcel of shares for the walls of and the machines in a factory, takes the life out of the idea of property. It loosens the grip that once was so strong—the grip in the sense of the legal right and the actual ability to do as one pleases with one’s own; the grip also in the sense that the holder of the title loses the will to fight, economically, physically, politically, for “his” factory and his control over it, to die if necessary on its steps. And this evaporation of what we may term the material substance of property—its visible and touchable reality—affects not only the attitude of holders but also that of the workmen and of the public in general. Dematerialized, defunctionalized and absentee ownership does not impress and call forth moral allegiance as the vital form of property did. Eventually there will be nobody left who really cares to stand for it—nobody within and nobody without the precincts of the big concerns.”*

não tem capacidades de os eliminar ou controlar⁹⁹. Numa sociedade onde os meios e vontade para disciplinar e orientar se encontram em falta, a revolta é uma iminência constante.

O autor aponta outro elemento que contribui a se formar um ambiente de hospitalidade para com o sistema capitalista: a capacidade de compreensão por parte da população do alcance dos resultados do capitalismo. Um reconhecimento justo e racional da performance económica do capitalismo e uma visão mais confiante nos resultados a longo prazo irão exigir um proeza moral quase impossível das classes mais pobres. Para a parte da população de maior fragilidade económica, é a visão de curto prazo que predomina. Por fim, as atribulações diárias e as frustrações inerentes a qualquer sistema social acabam por pouco a pouco criar alguma inquietação e incómodo para com o sistema. Uma ligação emocional para com a ordem social, que se encontra muitas vezes em outros sistemas sociais, e que de certa forma podia mitigar estes efeitos não se encontra entanto presente do sistema capitalista. Um aumento de exigências e expectativas derivadas de uma melhoria das condições económica e sociais, juntamente com todos estes factos acaba por provocar, ao longo do tempo, um ressentimento por parte da população que acabará por se traduzir em hostilidade para com o sistema.

“O melhoramento secular, que é dado como garantido, e acoplado com insegurança individual, que é sensivelmente ressentida é, sem dúvida, a melhor receita para o propagação de agitação social.”¹⁰⁰

Um ambiente de hostilidade para com a ordem preestabelecida é edificado por certos grupos específicos cujos interesses consistem em moldar e organizar o ressentimento nas massas, sendo depois fomentado, dando-lhe voz e atribuindo-lhe liderança. Schumpeter considera que as massas têm dificuldade em articular e remodelar as suas próprias opiniões em atitudes e acções consistentes e coerentes¹⁰¹. Necessitam na sua maioria das vezes de um grupo ou um indivíduo que as guie e ocupe o lugar de liderança. Ambientes com condições favoráveis a hostilidades gerais para com um sistema social ou algum ataque particular a este, tende a atrair grupos específicos que pretendem explorar a situação.

⁹⁹ Ver Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p.129

¹⁰⁰ Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p.130 - “*Secular improvement that is taken for granted and coupled with individual insecurity that is acutely resented is of course the best recipe for breeding social unrest.*”

¹⁰¹ Ver Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p. 130

“Ao contrário de qualquer outro tipo de sociedade, o capitalismo de forma inevitável e por força da própria lógica que a sua civilização cria, educa e subsidia um interesse em agitação social.”¹⁰²

Marx e Tocqueville foram dois dos autores que estudaram e se dedicaram ao estudo dos possíveis factores que pudessem fomentar a agitação social no capitalismo, porém as suas conclusões divergiram em sentidos completamente opostos. Marx via na pobreza do proletariado e na desigualdade social extrema algumas das causas principais para o descontentamento geral que acabaria por se traduzir numa profunda ruptura da sociedade e à suposta desejada revolução¹⁰³. Tocqueville, por outro lado e tendo como casos de análise a Revolução Francesa e o crescimento do EUA, acreditava que a agitação social era originária do aumento das expectativas por parte da população¹⁰⁴.

“Não é sempre uma situação que vai de mal a pior que resulta numa revolução. O que acontece na maioria das vezes é que as pessoas que suportaram as leis mais opressivas, sem qualquer tipo de queixa, quase como se não as sentissem, acabam por rejeitar, de forma violenta, essas mesmas leis quando o peso é aliviado.”¹⁰⁵

A teoria prende-se com a ideia que os homens ao observarem uma contínua melhoria das suas condições de vida, acreditam que esta irá se perpetuar infinitamente, assim ao primeiro sinal que revele a possibilidade de um deterioramento dessas mesmas condições, o homem revolta-se com o objectivo de exigir o estilo de vida a que já se teria habituado. Assim de um lado, Marx considerava que a pobreza provocada pelo regime capitalista seria o factor que levaria ao seu fim, enquanto Schumpeter, aproximando se mais de Tocqueville, acreditava que a queda do capitalismo era originária do aumento das condições de vida, e provavelmente derivado deste aumento de expectativas por parte da população.

¹⁰² Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p. 131 - *“Unlike any other type of society, capitalism inevitably and by virtue of the very logic of its civilization creates, educates and subsidizes a vested interest in social unrest.”*

¹⁰³ Ver Marx, Karl, Engels, Friedrich, 2005. *Manifesto of the Communist Party*. Progress, pp. 23-26.

¹⁰⁴ Ver Tocqueville, Alexis de, 2001. *The Ancien Régime and the French Revolution*, 1ª ed., Cambridge University Press, EUA, pp. 152-159.

¹⁰⁵ Ver Tocqueville, Alexis de, 2001. *The Ancien Régime and the French Revolution*, 1ª ed., Cambridge University Press, EUA, pp. 157. - *“It is not always going from bad to worse that leads to revolution. What happens most often is that a people that put up with the most oppressive laws without complaint, as if they did not feel them, rejects those laws violently when the burden is alleviated.”*

O intelectual como provocador social

A figura do intelectual aparece, por fim, como consequência desta agitação social. A sua definição não se apresenta fácil, e tal como se posteriormente se irá verificar em Hayek¹⁰⁶, Aron¹⁰⁷ e outros autores, Schumpeter revela as dificuldades que a sua definição apresenta. A classe do intelectual é entendida como uma classe social, porém difere em grande parte do sentido que usamos a expressão de classe social que atribuímos a camponeses ou trabalhadores industriais.

Os intelectuais podem ser originários de todos os segmentos e classes da sociedade. A actividade central do intelectual prende-se e relaciona-se com o exercício de debates e controvérsias entre os seus pares. Procura exercer a sua influência fomentando e estimulando a discussão de ideias, formando ofensivas contra interesses de outras classes que não a deles. Conseguem assim empregar atitudes e acções suficientemente sólidas e vigorosas que se traduzem em comportamentos de grupo semelhantes aos de uma classe social. Qualquer indivíduo encerra em si o potencial de se tornar um membro da classe intelectual. Paralelamente Gramsci afirma que: *“Pode se dizer que todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm a função de intelectuais na sociedade.”*¹⁰⁸ Posso assim inferir que está ao alcance de qualquer membro da sociedade a possibilidade de vir exercer a actividade intelectual, sendo uma questão de escolha e opção pessoal envergar por este ofício.

Cada membro pertencente a esta classe, devido a partilharem da mesma instrução e formação, partilham da mesma matriz de pensamento o que facilita a compreensão entre eles e fortalece os seus laços existentes. Schumpeter¹⁰⁹, quando se refere à figura do intelectual, e tal como Aron¹¹⁰, não a aplica nem aos indivíduos que possuem uma educação superior, nem àqueles pertencentes às classes liberais. Estes últimos só

¹⁰⁶ Ver Hayek, Friedrich A., 1967. *The Intellectuals and Socialism*, in: *Studies in Philosophy, Politics, and Economics*. Routledge, Londres, pp. 107-110

¹⁰⁷ Ver Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, pp. 203-235

¹⁰⁸ Gramsci, Antonio, 2003. *Selections from the Prison Notebooks*, 1ª ed., International Publishers, Nova Iorque, p.9. - *“All men are intellectuals, one could therefore say: but not all men have in society the function of intellectuals.”*

¹⁰⁹ Ver Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, pp.131-132

¹¹⁰ Ver Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, pp. 207-208

serão incluídos no conceito usado por Schumpeter, caso falem e opinem fora das suas áreas de especialidade. Hayek no seu texto “*The Intellectuals and Socialism*”¹¹¹ referiu esta questão de forma mais aprofundada e as implicações da mesma. Refere também haver uma correlação entre intelectuais e algumas profissões. Estas, sendo o exemplo dado o do jornalismo, possuem uma maior tendência para que a maioria dos seus membros sejam classificados de intelectuais. Porém o indivíduo de qualquer profissão pode aspirar a ser um intelectual, sendo que muitos intelectuais têm uma profissão paralela de forma a garantir a sua sobrevivência.

“Intelectuais são na realidade pessoas que exercem o poder da palavra falada e escrita, e uma das características que os distingue de outras pessoas que praticam os mesmos afazeres é a ausência de responsabilidade directa nos assuntos práticos. Este toque em geral é proveniente de outro - a ausência de conhecimento em primeira mão que só a verdadeira experiência pode oferecer.”¹¹²

O intelectual é assim alguém que sabe escrever e falar para o público, e que ao contrário de, por exemplo, um político, aquilo que escreve ou diz raramente lhe causa problemas ou o colocam em situações desconfortáveis. Ou seja, não lhe é atribuído qualquer responsabilidade pelas consequências que as suas opiniões ou dizeres poderão causar. Consequentemente, como não sofre qualquer consequência dos seus escritos, não sente a necessidade de ter aquele cuidado extra naquilo que diz ou escreve, como são obrigados a ter os da classe política. Esta, caso cometa algo errado, incorra em alguma acção prejudicial, pronuncie uma opinião desfavorável ou defenda algo contrário aos ideais dos seus eleitores, corre o risco de perder votos e apoios ou mesmo de vir a ser responsabilizado, levando em última instância à perda da sua posição política e do seu emprego. Os intelectuais, por sua vez, apesar de estarem dependentes do seu público, não correm estes riscos. Como são vistos como actores secundários no palco político, económico ou social e como se considera que as suas acções não têm impacto directo nas políticas do país ou nação não sentem necessidade de o acusarem ou de o responsabilizarem caso incorram a erro. Isto leva-os a sentirem que têm total liberdade de expressão e não sentem-se na obrigação de terem de se preocupar com danos indirectos ou efeitos colaterais das suas acções.

¹¹¹ Ver Hayek, Friedrich A., 1967. *The Intellectuals and Socialism*, in: *Studies in Philosophy, Politics, and Economics*. Routledge, Londres, pp.113-119

¹¹² Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p. 131 - “*Intellectuals are in fact people who wield the power of the spoken and the written word, and one of the touches that distinguish them from other people who do the same is the absence of direct responsibility for practical affairs. This touch in general accounts for another - the absence of that first-hand knowledge of them which only actual experience can give.*”

A atitude crítica do intelectual advém da sua posição de observador ou pessoa externa à situação que está a ser alvo da crítica. A sua melhor e principal oportunidade de se afirmar e obter o reconhecimento que precisa vem da sua capacidade, seja esta real ou apenas em potencial, de provocar incómodo e inquietação na sociedade.

“Mas, se o mosteiro deu à luz o intelectual do mundo medieval, foi o capitalismo que o deixou livre e o presenteou com a imprensa escrita.”¹¹³

A evolução do empreendimento capitalista contribuiu para a evolução do intelectual e forneceu-lhe com os elementos necessários para o exercício da sua função. Por um lado, graças à criação da imprensa escrita, ao aumento da capacidade produtiva e a uma diminuição dos preços na generalidade dos bens, os instrumentos usados pelo intelectual para divulgar as suas ideias e opiniões tornam-se mais acessíveis para a maior parte da população, por outro com um aumento universal da educação o público capaz de receber e interpretar a informação torna-se bastante mais vasto. Com o advento do capitalismo e democracia, a opinião pública, é agora tida em consideração devido ao seu impacto considerável no funcionamento do sistema político e económico. Graças a esta maior relevância da opinião pública, o intelectual, cuja actividade está directamente relacionada com o contacto e fomentação desta, ganha uma maior importância e um papel mais preponderante na sociedade. Por fim, a liberdade de expressão oferece ao intelectual a possibilidade de se expressar sem qualquer tipo de limitações ou entraves. Só no capitalismo e pela primeira vez na história a coexistência de todos estes elementos se torna possível. A evolução do intelectual, não sendo um produto intencional e propositado do capitalismo, é uma consequência que deriva de este possuir condições tão atractivas para o seu desenvolvimento.

“O livro mais barato, o jornal ou panfleto barato, juntamente com um público mais amplo que foram, em parte, seu produto, mas até certo ponto, um fenómeno independente devido a um acesso a riqueza e encargo que atingiu a burguesia industrial e ao aumento incidente na

¹¹³ Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p. 132 - “*But if the monastery gave birth to the intellectual of the medieval world, it was capitalism that let him loose and presented him with the printing press.*”

importância política na opinião pública anónima – todos essas dádivas, assim como um aumento de liberdade da restrição, são subprodutos do engenho capitalista.”¹¹⁴

O despontar da classe intelectual coincidiu com a evolução capitalista. Porém, esta não possui a capacidade, nem a vontade de controlar ou fiscalizar a classe intelectual de uma forma eficaz. A falta de vontade é proveniente de não haver nenhuma intenção em se proceder à utilização de métodos para tal objectivo pois revelam ser incompatíveis com a pensamento intrínseco do engenho capitalista; enquanto a incapacidade está relacionada com o facto de as instituições do processo capitalista não permitirem esse controlo.

A liberdade para o debate público que a sociedade capitalista oferece engloba também a liberdade para se poder criticar e atacar as fundações da mesma. Quem procede à realização deste tipo de provocações mordazes e é incapaz de as evitar é a classe de intelectuais, cuja sobrevivência depende exactamente disso. A crítica que se inicia nas figuras públicas e eventos, num contexto em que nada é sagrado, acaba inevitavelmente e de forma fatal, numa crítica cerrada às classes, instituições e ao próprio sistema capitalista.

O melhoria da qualidade de vida e do tempo de lazer com que a maioria da população capitalista agora se depara, transforma a essência de patrono pelos quais os intelectuais têm de responder. Ou seja, ao servirem agora as massas, os intelectuais terão de adaptar os seus serviços para irem ao encontro dos novos gostos e interesses desta categoria.

¹¹⁴ Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p. 133 - “*The cheaper book, the cheap newspaper or pamphlet, together with the widening of the public that was in part their product but partly an independent phenomenon due to the access of wealth and weight which came to the industrial bourgeoisie and to the incident increase in the political importance of an anonymous public opinion - all these boons, as well as increasing freedom from restraint, are by-products of the capitalist engine.*”

O impacto do capitalismo no progresso educativo

Schumpeter fala também do impacto que o capitalismo teve no sector educativo. Este trouxe consigo uma maior oferta de instituições educacionais, em especial infraestruturas de educação superior, tornando-as mais acessíveis a todas as classes, independentemente das suas condições sociais ou económicas. No entanto, como consequência de uma maior oferta de ensino superior, verificou-se um aumento no número de pessoas direcionadas para áreas profissionais, semiprofissionais e para profissões de colarinho branco. O autor considera então haver uma sobrecarga na oferta de trabalhadores especializados, o que por sua vez tende a provocar grandes taxas de desemprego sectorial. Paralelamente com o acréscimo de desemprego sectorial especializado as condições de trabalhos nos cargos de trabalho já existentes tendem a tornar-se pouco satisfatórias para o trabalhador, sendo um estilo de trabalho mais precário e com ordenados abaixo das expectativas.¹¹⁵

Antonio Gramsci, apesar de se encontrar no espectro político totalmente oposto a Joseph Schumpeter, refere e elabora esta questão na sua obra '*Selections from the Prison Notebooks*'¹¹⁶, escrita entre os anos 1929 e 1935. Ao contrário de Schumpeter, Gramsci considera que cada vez mais a sociedade tem necessidade de ofícios que exigem uma maior especialização técnica e/ou cultural. Defende que a única forma de colmatar esta procura é através de uma maior expansão de educação por parte de toda a população e em especial pela sua base. O autor não coloca sequer a hipótese de poder haver um crise de desemprego como consequência deste aumento de oferta educativa e acredita que deva existir maiores números de trabalhadores com qualificações intelectuais. Gramsci acredita que um dos objectivos principais do sistema educativo é a criação e a preparação de intelectuais, principalmente de intelectuais de origem das classes trabalhadoras.¹¹⁷

O desemprego e as expectativas frustradas criam um tipo particular de descontentamento. Um indivíduo ao investir e realizar um curso superior cria inevitavelmente expectativas elevadas, porém acaba por vê-las frustradas devido ao facto de não conseguir encontrar um cargo ou um trabalho que corresponda às suas qualificações e à sua educação. Schumpeter considera também que devido a haver um excesso de participantes

¹¹⁵ Ver Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p.136

¹¹⁶ Ver Gramsci, Antonio, 2003. *Selections from the Prison Notebooks*, 1ª ed., International Publishers, Nova Iorque.

¹¹⁷ Ver Gramsci, Antonio, 2003. *Selections from the Prison Notebooks*, 1ª ed., International Publishers, Nova Iorque, pp. 26-43.

do ensino superior a qualidade do mesmo acaba por sair prejudicada, enfraquecendo o ensino oferecido e criando profissionais menos preparados para as exigências do trabalho.

Os resultados desta negligência e banalização de escolas e universidades acabam por ter consequências prejudiciais. Este aspecto foi reforçado por um autor mais actual, Raymond Boudon, que na sua obra “*Os Intelectuais e o Liberalismo*”¹¹⁸, afirma que tem havido, desde os anos 60 do século XX até aos dias de hoje, um aumento do número de alunos e um maior desenvolvimento da universidade de massas, provocando assim uma diminuição progressiva em termos de exigência na educação e prejudicando o ensino de ferramentas intelectuais que exigem uma maior dedicação de tempo e esforço.

Aqueles que se encontram numa situação muito abaixo das suas expectativas acabam por tender para vocações onde os critérios são menos definidos e as exigências de ordem inferior, fazendo assim aumentar, de forma desproporcional, a classe de intelectuais, no sentido estrito do termo. A entrada num descontente estado de espírito cria e fomenta o ressentimento. Este ressentimento acabará por ser racionalizado e traduzido em criticismo social pelo espectador cuja atitude típica é esta, o intelectual.

¹¹⁸ Ver Boudon, Raymond, 2005. *Os Intelectuais e o Liberalismo*, 1ª ed. Gradiva, Lisboa, pp. 81-88.

A batalha do intelectual

A hostilidade sentida pelo intelectual para com o capitalismo e para com o sistema de mercado livre está bastante marcada nas suas atitudes e no seu comportamento. Esta advém de uma indignação e uma frustração sentida pelo intelectual e ao qual tenta racionalizar e justificar atribuído as culpas ao sistema do qual se insere. Como tal a frustração, e consequentemente a hostilidade demonstrada pelo intelectual, tende a aumentar com os avanços e com a evolução do sistema capitalista.

“Uma situação de grupo bem definida de matriz proletária; e, uma atitude de grupo formatada por um interesse de grupo, que irá contar, de forma mais realista, pela hostilidade da ordem capitalista do que alguma vez poderia a teoria – em si, uma racionalização em sentido psicológico – de acordo com os factos ultrajantes da indignação justa do intelectual, e não sendo melhor do que uma teoria de amantes, em que os seus sentimentos nada mais representam a não ser por inferência lógica das virtudes do amado. Além do mais, a nossa teoria também tem em conta o facto que a hostilidade aumenta, em vez de diminuir, com cada sucesso da evolução capitalista.”¹¹⁹

O intelectual opera através da manipulação da atmosfera de hostilidade geral que envolve o capitalismo. Mais do que a simples criação de material a ser usado para destabilizar, o intelectual estimula, fomenta, verbaliza e organiza as provocações e ofensas, que são aspectos essenciais do seu trabalho. Os intelectuais, muito também devido à essência das suas funções, tentavam-se inserir nas mais diversas áreas e debater ou falar de todo o tipo de tópicos e assuntos. Schumpeter identifica que, em especial, estes tinham uma participação bastante activa nas questões relacionadas com políticas de trabalho.

¹¹⁹ Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p.136-137 - “*A well defined group situation of proletarian hue; and a group interest shaping a group attitude that will much more realistically account for hostility to the capitalist order than could the theory - itself a rationalization in the psychological sense - according to which the intellectual’s righteous indignation outrageous facts and which is no better than the theory of lovers that their feelings represent nothing but the logical inference from the virtues of the beloved. Moreover our theory also accounts for the fact that this hostility increases, instead of demising, with every achievement of capitalist evolution.*”

“Intelectuais raramente entram na vida profissional política e ainda menos concorrem a postos de responsabilidade. Mas fazem parte da equipa política de departamentos, escrevem panfletos de partidos e discursos, agem como secretários e conselheiros, fazem a reputação de jornal do político individual que, apesar de não ser tudo, poucos homens podem se dar ao luxo de negligenciar. Ao realizar estas acções, até certa parte, cunham a sua mentalidade em quase tudo o que está a ser feito.”¹²⁰

Uma área da qual os intelectuais gozaram de uma participação bastante activa foi nas políticas do trabalho. A sua função consistiu sobretudo na verbalização do movimento, no fornecimento de teorias e slogans e em criarem uma consciência própria para este, o que consequentemente acabou por transformar o seu significado e essência. *“Apesar de os intelectuais não terem criado o movimento trabalhador, trabalharam porém em algo que difere substancialmente do que seria sem eles.”*¹²¹ Todo este processo resulta numa natural radicalização, que se traduz num enviesamento revolucionário para as práticas burguesas de uniões sindicais, um enviesamento que foi ressentido, inicialmente, por muitos líderes não intelectuais.

O intelectual não possui qualquer autoridade ou poder verdadeiramente genuíno e a sua posição é bastante débil e dependente dos actores externos e em particular do seu público. Devido a esta dependência, os intelectuais *“...[t]êm de bajular, prometer e incitar, cuidar da ala esquerda e amarrar as minorias, patrocinar casos duvidosos ou submarginais, apelar ao confins das margens, professar-se pronto a obedecer – em suma, comportar-se perante as massas como os seus precedentes se comportavam, primeiro, perante os seus superior eclesiásticos, e seguir perante príncipes e outros patronos individuais, e por fim perante o mestre colectivo do complexo burguês.”*¹²² De forma a obter o maior número possível de seguidores, é assim necessário ao intelectual prometer-lhes obediência e adulação. A sua sobrevivência depende exactamente disso. Os seus

¹²⁰ Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p.138 - *“Intellectuals rarely enter professional politics and still more rarely conquer responsible office. But they staff political bureaus, write party pamphlets and speeches, act as secretaries and advisers, make the individual politician’s newspaper reputation which, though it is not everything, few men can afford to neglect. In doing these things they to some extent impress their mentality on almost everything that is being done.”*

¹²¹ Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p.137 - *“Though intellectuals have not created the labor movement, they have yet worked it up into something that differs substantially from what it would be without them.”*

¹²² Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p. 137 - *“...[m]ust flatter, promise and incite, nurse left wings and scowling minorities, sponsor doubtful or submarginal cases, appeal to fringe ends, profess himself ready to obey—in short, behave toward the masses as his predecessors behaved first toward their ecclesiastical superiors, later toward princes and other individual patrons, still later toward the collective master of bourgeois complexion.”*

semelhantes de outros tempos apesar de apresentarem o mesmo tipo de subordinação distinguiam-se quanto ao tipo de patrono. Como podemos ver aqui e também em Julien Benda¹²³, os intelectuais contemporâneos, contrariamente aos seus antepassados, encontram-se sob a alçada de um maior e um mais vasto e diversificado senhor.

¹²³ Ver Benda, Julien, 2009. *The Treason of the Intellectuals*, 4^a ed., Transaction Publishers, EUA, pp. 43-51.

Crítica ao Intelectual

Schumpeter, tal como Hayek ou Benda, desculpa o intelectual afirmando que este se rege por aquilo que considera como o correcto, as suas convicções são assim as mais sinceras, a sua crença naquilo que prega é da mais pura e acredita com todo o seu ser que as suas palavras são a expressão do que será o mais benéfico para a sociedade. Porém Schumpeter não deixa de criticar o intelectual, acusando-o de ser uma vítima de ilusão ideológica e se deixar levar demasiado facilmente por ideias políticas, sem que assuma qualquer posição crítica ou de as questionar.

“De forma ligeiramente mais realista, todos são vítimas de ilusão ideológica, havendo como excepção o intelectual radical moderno, que se mantém no topo da rocha da verdade, juiz imparcial de tudo o que é humano. Agora, se alguma coisa pode ser considerada como óbvia nesta área é o facto de que o intelectual, na maioria de casos, é um conjunto de preconceitos suportados pela força das mais sinceras convicções.”¹²⁴

Schumpeter refere que as acções acabaram também por ter um efeito perverso das suas intenções. A educação ideológica e os sermões dirigidos às massas acabaram por fazer com que estas perdessem parte da sua identificação com o movimento. O movimento transforma-se assim num movimento puramente intelectual, feito por intelectuais e para intelectuais, alienando o trabalhador comum ou o cidadão médio das ideias do partido.

“É verdade que os amplos esforços pedagógicos nas escolas do partido acabaram por converter um grande número deles; mas essa situação, e de forma substancial, – a fenda oculta entre o partido que era dominado por intelectuais Marxistas, e os sindicatos, que estavam mais directamente sob o controlo dos trabalhadores – persistiu e criou dificuldades, do início ao fim, porque as massas sentiam que a ideologia Marxista não era verdadeiramente sua *mas que lhes*

¹²⁴ Schumpeter, Joseph, 1997. *History of Economic Analysis*, 1ª ed., Routledge, Reino Unido, p. 37. - “*Slightly more realistically, everyone is a victim of ideological delusion except the modern radical intellectual who stands indeed upon the rock of truth, the unbiased judge of all things human. Now, if anything can be called obvious in this field, it is the fact that this intellectual is just a bundle of prejudices that are in most cases held with all the force of sincere conviction.*”

era imposta pelos intelectuais que tinham adoptado outra ideia intelectual sobre o que a ideologia deveria ser.”(itálico do autor). ”¹²⁵

O intelectual fica assim cego na sua vaidade e perde de vista o que , com a mais pura sinceridade, considerava ser como o ideal para as necessidades da classe do proletariado. Acaba assim por forçar as suas ideias e as ideias dos seus antecessores, afastando cada vez mais o público a que se pretendia dirigir, e consequentemente o ajudar a cumprir a missão, mais uma vez, atribuída pelo movimento e pelos intelectuais, sem que a classe escolhida tivesse uma palavra a dizer.

¹²⁵ Schumpeter, Joseph, 2002. Essays on entrepreneurs, innovations, business cycles, and the evolution of capitalism, 5^a ed., Transaction Publishers, EUA, p. 290. - *“True, extensive pedagogical efforts in the party schools eventually did convert an increasing number of them; but substantially that situation - the unavowed rift between the party which was dominated by Marxist intellectuals, and the trade-unions, which were much more directly under the control of the workmen - persisted and created difficulties throughout because the masses felt that the Marxist ideology was not their own but that it was imposed upon them by intellectuals who had adopted another intellectual’s idea of what their ideology ought to be.”*

Hayek, F. A.
Os Intelectuais e o Socialismo

“*The Intellectuals and Socialism*”¹²⁶ de F.A. Hayek foi pela primeira vez publicado em 1949, pela “*University of Chicago Law Review*”. Neste texto o autor expõe a sua teoria sobre a influência dos intelectuais, atribuindo-lhes a expressão ‘*comerciantes profissionais de ideias em segunda mão*’¹²⁷. Hayek afirma existir uma grande tendência, mesmo nos países democráticos, de se acreditar que a influência dos intelectuais possa ser negligenciável. Esta noção, no entanto, é apenas ilusória, sendo que intelectual possuía e possui uma influência como nunca antes se viu na história. Sendo que o seu poder vem da sua capacidade excepcional em ‘*moldar a opinião pública*’¹²⁸.

¹²⁶ Ver Hayek, Friedrich A., 1967. *The Intellectuals and Socialism*, in: *Studies in Philosophy, Politics, and Economics*. Routledge, Londres.

¹²⁷ Hayek, Friedrich A., 1967. *The Intellectuals and Socialism*, in: *Studies in Philosophy, Politics, and Economics*. Routledge, Londres, p. 105. - “*Professional second hand dealers of ideas*”

¹²⁸ Hayek, Friedrich A., 1967. *The Intellectuals and Socialism*, in: *Studies in Philosophy, Politics, and Economics*. Routledge, Londres, p. 105. - ‘*shaping public opinion*’

O 'Intellectual' para Hayek

No seu ensaio, Hayek utiliza o conceito do intelectual por ser aquele que mais se assemelha a '*comerciantes profissionais de ideias em segunda mão*'¹²⁹, ou seja, os transmissores de ideias dentro de uma sociedade. No entanto, assinala que o termo escolhido apresenta algumas limitações e que não faz total justiça à classe que pretende retratar. Não haver um conceito mais exacto e preciso para classificar e descrever este fenómeno pode ser uma das razões pela qual ainda existe um desconhecimento e uma falta de compreensão por parte da sociedade relativamente a esta questão. O autor começa por nos oferecer uma enumeração daquilo que considera não fazer parte do conceito do intelectual. Indivíduos que sejam pensadores originais, académicos ou mesmo especialistas das diversas áreas de estudo e de conhecimento não são incluídos no conceito de intelectual aqui referido. A definição que Hayek realmente procura é, por ele, considerada como um fenómeno cuja existência é relativamente nova na história do Homem e que pode abranger as mais variadas profissões e actividades.¹³⁰ Todos estes factores dificultam a tarefa de criar uma definição ou estabelecer uma noção clara e precisa para o conceito de intelectual. Porém não é apenas a sua noção que apresenta dificuldades mas também o estabelecimento da verdadeira dimensão desta classe, a percepção da sua influência e o seu poder e a compreensão do grau de dependência que a sociedade moderna apresenta ter das actividades exercidas por esta figura.¹³¹

Tal como Hayek, outros autores, como podemos ver por Gramsci¹³², apontaram as diversas dificuldades com que se deparam perante o estudo para uma definição do conceito de intelectual. Gramsci afirmou que para se ter uma melhor compreensão deste fenómeno não nos podemos cingir apenas às actividades exercidas pelo intelectual, sendo também necessário ter em conta a posição ocupada por eles na sociedade e qual o impacto social e as consequências das suas actividades.

¹²⁹ Ver Hayek, Friedrich A., 1967. *The Intellectuals and Socialism*, in: *Studies in Philosophy, Politics, and Economics*. Routledge, Londres, p.110. - '*secondhand dealers in ideas*'.

¹³⁰ Ver Hayek, Friedrich A., 1967. *The Intellectuals and Socialism*, in: *Studies in Philosophy, Politics, and Economics*. Routledge, Londres, p.110.

¹³¹ Ver Hayek, Friedrich A., 1967. *The Intellectuals and Socialism*, in: *Studies in Philosophy, Politics, and Economics*. Routledge, Londres, p.107.

¹³² Ver Gramsci, Antonio, 2003. *Selections from the Prison Notebooks*, 1ª ed., International Publishers, Nova Iorque, pp. 3-23.

“Quais são os limites ‘máximos’ para a aceitação do termo ‘intelectual’? Será possível encontrar um critério unitário que permita caracterizar, de forma igual, as mais diversas e díspares actividades dos intelectuais e as actividades de outros grupos sociais? O erro mais generalizado de método parece ser, para mim, aquele em que se olha para o critério de distinção da natureza intrínseca das actividades do intelectual, em vez de se olhar para o sistema de relações em todo o seu conjunto, o qual têm o seu lugar presente dentro do complexo geral das relações sociais.”¹³³

Gramsci, tal com Hayek, aponta para a existência de um vasto número de actividades e profissões passíveis a cair dentro do conceito de intelectual, ao qual ele denomina de ‘*intelectual orgânico*’¹³⁴ na sua obra “*Selections from the Prison Notebooks*”¹³⁵, dificultando assim a sua definição e delimitação. O autor pergunta até onde se pode colocar a linha de separação entre o intelectual e o não intelectual, sendo que a simples análise das suas actividades se mostra insuficiente para dar resposta a estas questões. Hayek refere ainda Joseph Schumpeter, que na sua obra de 1942. “*Capitalism, Socialism and Democracy*”¹³⁶, afirma que a distinção entre o intelectual e os restantes indivíduos versados no poder da palavra escrita e falada deve-se a factores como a falta de responsabilidade directa dos assuntos práticos que tratam e a ausência de conhecimento de primeira mão.¹³⁷

Hayek refere que para o desempenho da função de ‘*intermediário na difusão de ideias*’¹³⁸, o intelectual não necessita de certas características que instintivamente consideraríamos como sendo necessárias ou mesmo

¹³³ Gramsci, Antonio, 2003. *Selections from the Prison Notebooks*, 1ª ed., International Publishers, Nova Iorque, p. 8. - “*What are the ‘maximum’ limits of acceptance of the term ‘intellectual’? Can one find a unitary criterion to characterize equally all the diverse and disparate activities of intellectuals and the activities of other social groupings? The most widespread error of method seems to me that of having looked for this criterion of distinction in the intrinsic nature of intellectual activities, rather than in the ensemble of the system of relations in which these have their place within the general complex of social relations.*”

¹³⁴ Ver Gramsci, Antonio, 2003. *Selections from the Prison Notebooks*, 1ª ed., International Publishers, Nova Iorque, p. 6

¹³⁵ Gramsci, Antonio, 2003. *Selections from the Prison Notebooks*, 1ª ed., International Publishers, Nova Iorque

¹³⁶ Ver Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido.

¹³⁷ Ver Hayek, Friedrich A., 1967. *The Intellectuals and Socialism*, in: *Studies in Philosophy, Politics, and Economics*. Routledge, Londres, p.110.

¹³⁸ Ver Hayek, Friedrich A., 1967. *The Intellectuals and Socialism*, in: *Studies in Philosophy, Politics, and Economics*. Routledge, Londres, p.107. - “*intermediary in the spreading of ideas*”.

essenciais. Contrariamente àquilo que poderíamos pensar, o exercício da actividade do intelectual não exige dele uma inteligência particular ou distinta, nem exige sequer que seja detentor de um conhecimento ou consciência mais aprofundada sobre o tópico ou ideia que pretende transmitir. Hayek considera que para o intelectual poder realizar a tarefa de difundir ideias e informação, tarefa essa que é a essência da sua existência, necessita de atrair para si o maior número possível de ouvintes e/ou leitores que, por sua vez, constituí o seu público. Para tal, necessita de ter presente e de ter a habilidade de manobrar um vasto e diversificado número de assuntos e tópicos, de forma a poder escrever e/ou falar sobre eles com facilidade e prontidão. Porém, para que consiga aumentar a dimensão do seu público, isto por si só, revela não ser suficiente, sendo necessário que o intelectual consiga-se posicionar num lugar onde possa aceder a novas ideias e nova informação de forma mais rápida e em primeiro lugar do que o seu público. Hayek considera que os intelectuais podem ser considerados como uma espécie de mediadores. Por outras palavras, podemos dizer que são os intermediários existentes entre os produtores de ideias, onde se pode incluir os pensadores originais, os académicos ou os especialistas, e os receptores das suas palavras, ou seja o público fiel ao intelectual. O autor afirma ainda que estes *“podem ser mestres na técnica de transmissão de ideias, mas são geralmente amadores no que toca à substância do que por ele é transmitido”*¹³⁹. O intelectual acaba por ser um especialista e um perito no que toca à forma e ao método de difusão e transmissão de ideias e informação, porém relativamente à mensagem em si, ao seu conteúdo ou substância, mostra não possuir qualquer tipo de compreensão ou verdadeiro entendimento. Ao revelar pouco conhecimento e bastante levidade nos assuntos que trata, o intelectual acaba por seleccionar e utilizar apenas as ideias e a informação que lhe pareçam estar em maior sintonia com as suas próprias visões e os seus próprios ideais, ou seja, apenas utiliza aquelas que se encaixem dentro de um enquadramento que seja coerente com o seu próprio mundo. Hayek aponta que a seleção de ideias e informação pelo intelectual é realizada tendo também em conta aquilo que se encontram na moda ou o que pareça ser o mais popular por entre a população naquele determinado momento. Podemos ver assim que raramente são os méritos específicos das próprias ideias que são os utilizados como critério de escolha, mas sim outros critérios secundários que estão pouco relacionados com o valor das ideias em si. O autor, de forma a ilustrar possíveis profissões que a classe dos intelectuais tende a exercer, enumera os seguintes exemplos: professores, escritores, jornalistas, comentadores radiofónicos e considera que até mesmo cientistas e médicos, quando se dá o caso de estes falarem fora dos seus campos de estudo e fora das suas especialidades, possam estar incluídos. Estes acabam

¹³⁹ Hayek, Friedrich A., 1967. *The Intellectuals and Socialism*, in: *Studies in Philosophy, Politics, and Economics*. Routledge, Londres, p. 107. - *“...may be masters of the technique of conveying ideas but are usually amateurs so far as the substance of what they convey is concerned.”*

por receber total credibilidade, como se de um especialista na área se tratasse, graças às suas reputações e ao respeito que a comunidade nutre por eles.¹⁴⁰

“São os intelectuais, que neste sentido, os que decidem quais os pontos de vista e opiniões que chegarão até nós, quais os factos que são suficientemente importantes para nos serem transmitidos, e de que forma e por que ângulo nos vão ser apresentados. Se iremos aprender através dos resultados do trabalho elaborado pelo especialista e pelo pensador original depende essencialmente da sua decisão.”¹⁴¹

Cabe assim à classe do intelectual o papel de difundir o conhecimento e as ideias pela sociedade. No entanto estes, possuindo as suas próprias opiniões e tendo as suas convicções pessoais, ao desempenharem o seu papel acabam por modificar a informação que passa por eles e que desagua nas massas. Para Hayek, as opiniões e convicções do intelectual são como uma espécie de filtro por onde a informação tende necessariamente de passar.¹⁴² Desta forma a população, quando vai receber a informação, recebe já uma versão enviesada da mesma, sendo que na maioria das vezes encontra-se orientada para uma perspectiva ideológica socialista.¹⁴³ Os indivíduos ao ouvirem a informação acabam por absorver a ideologia de uma forma quase inconsciente e sem se aperceberem de que se trata apenas de ideologia e não de factos. Acreditam que se trata da mais pura das verdades. A audiência peca assim por não assumir uma postura crítica daquilo que ouve, acabando por nunca vir a questioná-la. Como consequência da informação falaciosa e enviesada, as opiniões entre a população e as suas acções baseiam-se em falsos pressupostos, o que por sua vez levará a resultados enviesados e nefastos.

¹⁴⁰ Ver Hayek, Friedrich A., 1967. *The Intellectuals and Socialism*, in: *Studies in Philosophy, Politics, and Economics*. Routledge, Londres, p.107.

¹⁴¹ Hayek, Friedrich A., 1967. *The Intellectuals and Socialism*, in: *Studies in Philosophy, Politics, and Economics*. Routledge, Londres, p. 108. - “*It is the intellectuals in this sense who decide what views and opinions are to reach us, which facts are important enough to be told to us, and in what form and from what angle they are to be presented. Whether we shall ever learn of the results of the work of the expert and the original thinker depends mainly on their decision.*”

¹⁴² Ver Hayek, Friedrich A., 1967. *The Intellectuals and Socialism*, in: *Studies in Philosophy, Politics, and Economics*. Routledge, Londres, p. 106. - “*...their convictions and opinions which operate as the sieve through which all new conceptions must pass before they reach the masses.*”

¹⁴³ Veremos mais adiante porque é que para Hayek a informação que passa pelo intelectual tende a ter uma base ideológica socialista.

A utilização desta espécie de filtro pelo intelectual não é muitas vezes feita de forma propositada ou mesmo consciente, mas sim porque é da própria natureza do intelectual usar aquilo que sabe e conhece, aquilo em que acredita e aquilo que se identifica na execução das suas tarefas quotidianas. Hayek considera assim a maioria dos intelectuais como sendo intelectualmente honestos, seguindo sempre as suas convicções e as suas crenças.¹⁴⁴ A posição que o intelectual ocupa na sociedade faz com que ele lide e tenha acesso, de forma sistemática e diária, a um tipo de informação e conhecimento que o coloca numa posição de vantagem e que os seus superiores geralmente não possuem. Consequentemente adquirem uma posição que faz com que não possam ser substituídos e as actividades que normalmente são por eles exercidas só até um certo limite é que podem ser delegadas.

É a partir desta seleção e triagem de novas ideias, ou seja, deste facilitismo em descartar certas opiniões ou conclusões e em favorecer outras, por parte do intelectual, sem que este tenha uma real compreensão dos assuntos relacionados, que se cria o clima de opinião vigente, ou o *‘weltanschauung’*. O *‘clima de opinião’*¹⁴⁵ de qualquer período é, essencialmente, um conjunto de preconcepções bastante generalizadas. Como consequência, a recepção favorável ou desfavorável de opiniões e ideias acaba por depender do tipo de clima de opinião dominante e do que é, aos olhos do intelectual, os avanços científicos mais significativos ou as opiniões mais importantes. Para classificar como mais significantes ou importantes, o intelectual procede a uma seleção e transferência de trechos de informação e conhecimento de diversas áreas de especialidade que lhe tenham despertado especial interesse. Como exemplo deste processo, o autor aponta o ideal de igualdade material como sendo uma das mais poderosas ideias generalizadas que influenciaram o desenvolvimento político da sua época, afirmando que: “...[o] mais destrutivo da moral construtivista é o igualitarismo”.¹⁴⁶ Para o autor, o perigo do igualitarismo consiste principalmente no broqueio de informação, que impede os indivíduos de tomarem decisões locais por si e os impedem de poderem seleccionar qual a melhor conduta a seguir consoante a situação em questão. O igualitarismo acaba também por afectar a possibilidade de haver uma distinção perante os restantes pares, prejudicando ou mesmo destruindo qualquer incentivo para o melhoramento pessoal e profissional.¹⁴⁷ Para Hayek “(...) [u]ma distribuição igualitária iria necessariamente remover qualquer base

¹⁴⁴ Ver Hayek, Friedrich A., 1967. *The Intellectuals and Socialism*, in: *Studies in Philosophy, Politics, and Economics*. Routledge, Londres, p. 106. – “*And just because the intellectuals are mostly intellectually honest, it is inevitable that they should follow their own conviction whenever they have discretion and that they should give a corresponding slant to everything that passes through their hands.*”

¹⁴⁵ Ver Hayek, Friedrich A., 1967. *The Intellectuals and Socialism*, in: *Studies in Philosophy, Politics, and Economics*. Routledge, Londres, p.115.

¹⁴⁶ Hayek, Friedrich A., 2013. *Law, Legislation and Liberty*. Routledge Classics, Reino Unido, p. 502. - “...[t]he most destructive of the constructivist morals is egalitarianism.”

para a decisão individual de como devem-se inserir no padrão de actividades gerais e deixar apenas o comando definitivo como fundação de toda a ordem.”¹⁴⁸

Hayek afirma que a posição de intelectual dá a aparência de ser o caminho mais promissor e de oferecer maiores probabilidades de sucesso e de obtenção de influência e poder para aqueles que se encontram insatisfeitos e descontentes com as suas carreiras profissionais. Estes olham para a figura do intelectual como a solução ideal para darem voz aos seus ideais. Para o autor, um homem capaz, competente e que aceita e compreende a ordem existente da sociedade encontra diversos outros caminhos para poder exercer a influência e encontrar o sucesso que procura.

Um dos autores que introduziu o tema do intelectual na literatura contemporânea foi Julien Benda, que na sua obra “*The Treason of the Intellectuals*”¹⁴⁹, publicada em 1927, refere que o intelectual ‘*desce ao mercado*’¹⁵⁰, ou seja, que o intelectual vê-se agora ao mesmo nível e numa posição de semelhante com o cidadão comum. O intelectual, pela primeira vez, fica sujeito às mesmas regras e responsabilidades que qualquer indivíduo do povo. Esta *descida* faz com que ele se torne mais susceptível a ser levado e arrastado pelas paixões e vícios e, como denota Hayek, “*(...)[d]esde que se preocupe com assuntos imediatos, ele será recompensado com influência, sucesso material, e popularidade entre aqueles, que até certo ponto, partilhem a sua visão geral*”¹⁵¹. Denota-se assim que o intelectual possui uma certa dependência pelos outros em seu redor, sejam as massas ou população em geral ou os seus pares. De forma a obter o reconhecimento e a recompensa de ambas as partes, o pensamento do intelectual terá de estar em sintonia com o pensamento em vigor e os seus consequentes ensinamentos terão de moldarem-se à visão geral. Assim acaba por se deixar levar e se deixar corromper. Só assim julga conseguir adquirir as regalias que tanto deseja e ambiciona. Schumpeter realça também esta subjugação existente no intelectual pela apreciação e avaliação das massas e dos restantes

¹⁴⁷ Ver Hayek, Friedrich A., 2013. *Law, Legislation and Liberty*. Routledge Classics, Reino Unido.

¹⁴⁸ Hayek, Friedrich A., 2013. *Law, Legislation and Liberty*. Routledge Classics, Reino Unido, p. 502. - “*An egalitarian distribution would necessarily remove all basis for the individual’s decision how they are to fit themselves into the pattern of general activities and leave only outright command as the foundation of all order.*”

¹⁴⁹ Ver Benda, Julien, 2009. *The Treason of the Intellectuals*, 4ª ed., Transaction Publishers, EUA, pp.43-178.

¹⁵⁰ Benda, Julien, 2009. *The Treason of the Intellectuals*, 4ª ed., Transaction Publishers, EUA, p.50. - “*(...) [t]he ‘clerk descends to the market place...’*”

¹⁵¹ Hayek, Friedrich A., 1967. *The Intellectuals and Socialism*, in: *Studies in Philosophy, Politics, and Economics*. Routledge, Londres, p. 124. - “*So long as he concerns himself with the immediate issues, he is rewarded with influence, material success, and popularity with those who up to a point share his general outlook.*”

elementos da sociedade, sendo que muitas das vezes procuram obter a sua aprovação e consentimento, deixando-se levar pelo desejo de lhes agradar, “(...) [R]esumindo, comportam-se perante as massas da mesma forma que os seus antecessores se comportavam, primeiro, para com os seus superiores eclesiásticos, depois para com os príncipes e outros patronos individuais, e muito mais tarde para com o mestre colectivo da organização burguesa.”¹⁵² É interessante notar aqui o paradoxo existente. Apesar de o intelectual criar e manipular a opinião pública vigente, o seu trabalho, o seu modo de ser e a sua própria imagem acaba por estar totalmente dependente e sob completa influência dos restantes membros da sociedade.¹⁵³

“(…) [O] mundo moderno fez do ‘intelectual’ um cidadão, sujeito a todas as responsabilidades de um cidadão, e conseqüentemente, é-lhe mais difícil o desprezo das leigas paixões, do que para os seus antecessores.”¹⁵⁴

Por fim, Hayek refere a atracção que o intelectual demonstra ter por ideias que sejam gerais e abstractas. Este sente um maior prazer quando lida com especulações sobre uma possível total reconstrução da sociedade ou quando fala de visões amplas e optimistas do que quando fala de aspectos técnicos concretos. O sistema planificado promete assim a ordem social tão desejada pelo intelectual. Considerações a curto prazo e de natureza prática, detalhes técnicos ou aperfeiçoamentos fragmentados de pequenos defeitos na sociedade aborrecem-no e tenta evita-los, considerando que pouco ajudam para expandir o seu número de ouvintes e/ou leitores. O autor denota que o intelectual tende-se mais a aproximar e a sentir-se atraído pela figura do filósofo do que da figura de um especialista, técnico ou cientista. A sua forma e método de pensar e a sua maneira de compreender e lidar com os assuntos que tem em mão aproxima-o mais da dinâmica do filósofo, “...[é] o mesmo esforço em direcção à síntese, procurado de forma mais metódica, o mesmo julgamento de visões particulares desde que se enquadrem num sistema geral de pensamento em vez dos seus méritos específicos, o mesmo esforço por uma visão consistente do mundo, que para ambos forma a base principal para a aceitação e

¹⁵² Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p.137. - “(...) [i]n short, behave toward the masses as his predecessors behaved first toward their ecclesiastical superiors, later toward princes and other individual patrons, still later toward the collective master of bourgeois complexion.”

¹⁵³ Ver Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, pp.130 – 138.

¹⁵⁴ Benda, Julien, 2009. *The Treason of the Intellectuals*, 4ª ed., Transaction Publishers, EUA, p.158. - “(...) [t]he modern world has made the “clerk” into a citizen, subject to all the responsibilities of a citizen, and consequently to despise lay passions is far more difficult for him than for his predecessors.”

rejeição de ideias.”¹⁵⁵ As resoluções dos problemas pelos especialistas, a sua natureza prática, a sua preocupação por aspectos pormenorizados e técnicos afasta assim o intelectual. As ideias e informação que advém destes métodos não são capazes de ultrapassar o influenciar o seu sistema de censura e só os métodos normalmente usados pelos filósofos conseguem obter a aprovação desta censura e satisfazer as necessidades do intelectual.

Benda afirma que “(...) [o]s ‘*intelectuais*’ exercitam agora paixões políticas com todas as características da paixão - a tendência para a acção, a sede por resultados imediatos, a preocupação exclusiva com o fim desejado, o desprezo pelo argumento, o excesso, o ódio, as ideias fixas. O ‘*intelectual*’ moderno impediu totalmente que o leigo desça sozinho ao mercado. O ‘*intelectual*’ moderno está determinado a ter a alma de um cidadão e fazer vigoroso uso desta; ele está orgulhoso de ter aquela alma; a sua literatura está recheada do seu contento pelo homem que se fecha completamente em arte e ciência e que não tem qualquer interesse pelas paixões do Estado.”¹⁵⁶

Julian Benda amplia as características do intelectual de Hayek, com o que considera ser particularidades do intelectual moderno e da sua forma de agir. Define-o como alguém que se encontra num estado constante de submissão e em que são as paixões que o dominam, e que o fazem recorrer aos excessos, pois só assim consegue obter para si toda a atenção do público e das massas. Este autor considera também existir um profundo envolvimento do intelectual por assuntos do Estado e pela própria figura do Estado em si. Por fim acredita também existir uma tendência do intelectual para ocupar o lugar que normalmente está predestinado aos leigos, ou seja, demonstra ter uma tendência para falar daquilo que se encontra fora do seu campo de

¹⁵⁵ Hayek, Friedrich A., 1967. *The Intellectuals and Socialism*, in: *Studies in Philosophy, Politics, and Economics*. Routledge, Londres, p. 124. – “*It is the same endeavor toward a synthesis, pursued more methodically, the same judgement of particular views in so far as they fit into a general system of thought rather than by their specific merits, the same striving after a consistent world view, which for both forms the main basis for accepting or rejecting ideas.*”

¹⁵⁶ Benda, Julien, 2009. *The Treason of the Intellectuals*, 4^a ed., Transaction Publishers, EUA, pp. 46-47 - “(...) [t]he “*clerks*” now exercise political passions with all the characteristics of passion - the tendency to action, the thirst for immediate results, the exclusive preoccupation with the desired end, the scorn for argument, the excess, the hatred, the fixed ideas. The modern ‘*clerk*’ has entirely ceased to let the layman alone descend to the market place. The modern ‘*clerk*’ is determined to have the soul of a citizen and to make vigorous use of it; he is proud of that soul; his literature is filled with his contempt for the man who shuts himself up with art or science and takes no interest in the passions of the State.”

especialidade (ponto referido também por Hayek) ¹⁵⁷, falando acima daqueles que são os verdadeiros especialistas nas matérias.¹⁵⁸

¹⁵⁷ Ver Hayek, Friedrich A., 1967. *The Intellectuals and Socialism*, in: *Studies in Philosophy, Politics, and Economics*. Routledge, Londres, pp. 93–129.

¹⁵⁸ Ver Benda, Julien, 2009. *The Treason of the Intellectuals*, 4^a ed., Transaction Publishers, EUA, pp.1-178.

O Poder e o Perigo dos Intelectuais

Hayek afirma existir um desconhecimento generalizado ou mesmo uma certa inconsciência por parte da sociedade quanto à forma como as reputações dos cientistas ou dos académicos são criadas. Para o autor os intelectuais influenciam muitas vezes este processo, criando e fabricando reputações de muitas figuras que ocupam lugares-chaves em organizações e posições elevadas. São assim, em muitos dos casos, as visões e perspectivas políticas que essas figuras possuem que vigoram como critério de seleção e real factor de escolha para a ocupação dessas posições e não os seus verdadeiros métodos como especialistas ou profissionais. Esta fabricação e manipulação de reputações pelos intelectuais é especialmente saliente em certas áreas onde os resultados não são utilizados por outros especialistas, mas que dependem principalmente da decisão política do público. Hayek aponta o exemplo dos economistas relativamente ao socialismo e protecionismo como caso ilustrativo desta questão. Na altura que o autor debatia este caso, existia uma maior percentagem de economistas a ter uma posição clara de oposição às doutrinas de socialismo e/ou protecionismo do que a ter uma posição favorável. Porém, e até paradoxalmente, estas registavam ter uma maior popularidade entre a população. Isto deveu-se sobretudo à acção exercida pelo intelectual que difundia, de forma intensa e constante, os ideais socialistas e protecionistas por entre o público, indo busca-las a uma pequena e polémica minoria de economistas.¹⁵⁹

Na sua obra “*Law, Legislation and Liberty*”¹⁶⁰, Hayek fala na utilização e manipulação dos ‘*comerciantes profissionais de ideias em segunda mão*’ por parte do Estado e de organismos governamentais. Por ‘*comerciantes profissionais de ideias em segunda mão*’, ou, à falta de melhor termo, intelectuais (como já foi referido), o autor aponta os meios de comunicação, como os órgãos onde a acção do intelectual se encontra mais presente. O seu impacto na opinião pública é inquestionável, sendo que os intelectuais tendem, muitas vezes, a influencia-la na direcção por eles pretendida. Graças a este poder e influência que os órgãos de comunicação têm na opinião pública, o governo considera-os como sendo um caminho fácil para a obtenção de votos e apoio popular, orientando assim os seus esforços de forma a beneficiar “...[e]sses intelectuais que

¹⁵⁹ Ver Hayek, Friedrich A., 1967. *The Intellectuals and Socialism*, in: *Studies in Philosophy, Politics, and Economics*. Routledge, Londres, pp. 119-123.

¹⁶⁰ Ver Hayek, Friedrich A., 2013. *Law, Legislation and Liberty*. Routledge Classics, Reino Unido, p.374.

governam os media”¹⁶¹, procurando obter deles toda a simpatia necessária para conseguirem concretizar os seus objectivos e ambições.

Para além dos perigos de envolvimento entre os meios de comunicação e o governo, Hayek adverte também para uma decadência na linguagem. O socialismo nos séculos XIX e XX tendia a utilizar certos conceitos específicos e palavras chaves nas suas descrições de ideais políticos com o objectivo de servir os seus próprios propósitos, acabando assim por alterar o antigo significado e sentido associados a esses mesmos conceitos. Era agora necessário uma maior preocupação e uma atenção redobrada quando se ouvia palavras como *‘liberdade’*, *‘democracia’*, *‘justiça’* e outras mais, pois podiam estar a ser utilizadas com o único propósito de seduzir e aliciar os indivíduos para os seus ideais. Esta deformação e manipulação dos conceitos, não se deveu apenas aos propagandistas, mas também aos filósofos sociais. *“Estas instâncias, seleccionadas quase ao acaso, do recorrente abuso de termos políticos por aqueles que possuem habilidade com as palavras, ao modificarem o significado dos conceitos que provavelmente nunca chegaram realmente a compreender, tem vindo, de forma gradual, a esvazia-las de todo o seu conteúdo, podendo vir a aumentar indefinidamente.”*¹⁶² Hayek aponta aqui Julien Benda como um dos autores que, na sua obra *“The Treason of the Intellectuals”*¹⁶³ criticou severamente o abuso do uso indiscriminado de conceitos políticos e o exercício de manipulação política por parte destes ‘novos’ actores da sociedade. Benda afirma assim que *“...[a]gora, no fim do século XIX, ocorreu uma mudança fundamental: os ‘intelectuais’ começaram a jogar o jogo das paixões políticas, o homem que agiu como avaliador no realismo do indivíduo, começou a actuar como estimulador.”*¹⁶⁴

Outro ponto a realçar é a questão da concentração de grande parte da informação e de conhecimento em apenas uma classe social ou grupo de pessoas, podendo advir daqui grandes perigos para a sociedade. Na sua obra, *“The Use of Knowledge in Society”*¹⁶⁵, Hayek demonstra e explica os perigos da centralização de

¹⁶¹ Hayek, Friedrich A., 2013. *Law, Legislation and Liberty*. Routledge Classics, Reino Unido, p.374. - *“... [t]hose intellectuals who run the media”*.

¹⁶² Hayek, Friedrich A., 2013. *Law, Legislation and Liberty*. Routledge Classics, Reino Unido, p. 470. - *“These instances, culled almost at random, of the current abuse of political terms in which those who have skill with words, by shifting the meaning of concepts they have perhaps never quite understood, have gradually emptied them of all clear content, could be increased indefinitely.”*

¹⁶³ Ver Benda, Julien, 2009. *The Treason of the Intellectuals*, 4^a ed., Transaction Publishers, EUA.

¹⁶⁴ Benda, Julien, 2009. *The Treason of the Intellectuals*, 4^a ed., Transaction Publishers, EUA, p.45. - *“Now, at the end of the nineteenth century a fundamental change occurred: the ‘clerks’ began to play the game of political passions. the men who had acted as a check on the realism of the people began to act as it stimulators.”*

¹⁶⁵ Ver Hayek, Friedrich A., 1945. *The Use of Knowledge in Society*. *American Economic Review* XXXV, 519–530.

informação, afirmando ser um sistema que se vem a revelar bastante mais ineficiente em comparação com um sistema ou uma sociedade de livre circulação de informação. O autor afirma que “(...) [m]esmo admitindo, na medida que o conhecimento científico está em causa, que um corpo de especialistas adequadamente escolhidos estejam numa melhor posição para comandar todo o melhor conhecimento disponível - apesar de isto dar-se apenas desvalorizando o grau de dificuldade na seleção dos especialistas. O que eu quero salientar é que, mesmo assumindo que este problema pode ser resolvido, é apenas uma pequena parte de um problema bastante maior.”¹⁶⁶

Hayek faz a distinção entre dois tipos diferentes de conhecimento: o conhecimento científico (compreende-se como sendo uma espécie de conhecimento das leis gerais) e o ‘conhecimento desorganizado’ ou ‘conhecimento de circunstâncias particulares de tempo e lugar’. O conhecimento do tipo científico é, segundo Hayek, sobrevalorizado pela sociedade moderna, e admite que este tipo de conhecimento pode ser melhor utilizado e analisado por uma equipa de especialistas e técnicos, sendo dirigido e controlado por estes: “Pode-se admitir que, na medida em que o conhecimento científico está em causa, um corpo devidamente escolhido de especialistas pode estar na melhor posição para comandar todo o melhor conhecimento disponível.”¹⁶⁷ Em contrapartida, o ‘conhecimento desorganizado’, aquele que se encontra distribuído e repartido por todos os indivíduos da sociedade e que é adquirido através de experiência e vivência pessoal de cada indivíduo, não pode nem deve ser centralizado, sendo que tem um impacto bem mais benéfico na sociedade se deixado fora de qualquer controlo.¹⁶⁸

“A característica peculiar do problema da ordem económica racional é precisamente determinado pelo facto que o conhecimento das circunstâncias com que temos de lidar nunca existe numa

¹⁶⁶ Hayek, Friedrich A., 1945. The Use of Knowledge in Society. American Economic Review XXXV, p. 526. - “It may be admitted that, as far as scientific knowledge is concerned, a body of suitably chosen experts may be in the best position to command all the best knowledge available—though this is of course merely shifting the difficulty to the problem of selecting the experts. What I wish to point out is that, even assuming that this problem can be readily solved, it is only a small part of the wider problem.”

¹⁶⁷ Hayek, Friedrich A., 1945. The Use of Knowledge in Society. American Economic Review XXXV, p. 521 - “It may be admitted that, as far as scientific knowledge is concerned, a body of suitably chosen experts may be in the best position to command all the best knowledge available.”

¹⁶⁸ Ver Hayek, Friedrich A., 1945. The Use of Knowledge in Society. American Economic Review XXXV, 520–521.

forma concentrada ou integrada, mas apenas por pedaços dispersos de conhecimento incompleto e frequentemente contraditório que todos os indivíduos de forma separada possuem.”¹⁶⁹

O autor, além de demonstrar o grau de ineficiência de uma sociedade que proceda à centralização de informação, ainda sublinha a impossibilidade desta. Ou seja, a concentração de todo o conhecimento necessário para o funcionamento da sociedade do segundo tipo, ‘*conhecimento desorganizado*’, num grupo reduzido de indivíduos, mesmo que se trate de especialistas e técnicos, revela-se ser impossível, pelo simples facto que a informação irá se encontrar sempre espalhada e dispersa por todos os membros da sociedade. A sua agregação e consequente análise e interpretação seria uma tarefa inexecuível de ser realizada por um conjunto de pessoas que apresenta ser uma ínfima parcela da sociedade.

A informação que cada indivíduo possui, e que ganhou graças a circunstâncias particulares e à sua experiência individual, faz com que este tenha alguma vantagem, principalmente nas suas tarefas e actividades, sobre todos os restantes membros da sociedade. Essa informação pode ter assim um uso benéfico para a sociedade, mas só no caso de o indivíduo possuir a liberdade necessária e a possibilidade de utilizar o seu poder de decisão para conseguir transformar esse tipo de conhecimento em aplicações práticas e acções.

“O problema económico da sociedade não é apenas um problema de como alocar recursos ‘disponíveis’ - por ‘disponível’ entende-se dado a uma única mente que deliberadamente resolve o problema definido com essa ‘informação’. É sim mais um problema de como garantir o melhor uso dos recursos conhecidos por qualquer um membro da sociedade, para fins cuja importância relativa só os indivíduos sabem. Ou, de forma resumida, é um problema de utilização de conhecimento que não é dado a qualquer pessoa na sua totalidade.”¹⁷⁰

¹⁶⁹ Hayek, Friedrich A., 1945. *The Use of Knowledge in Society*. *American Economic Review* XXXV, p. 519. “*The peculiar character of the problem of a rational economic order is determined precisely by the fact that the knowledge of the circumstances of which we must make use never exists in concentrated or integrated form but solely as the dispersed bits of incomplete and frequently contradictory knowledge which all the separate individuals possess.*”

¹⁷⁰ Hayek, Friedrich A., 1945. *The Use of Knowledge in Society*. *American Economic Review* XXXV, p. 519. “*The economic problem of society is thus not merely a problem of how to allocate “given” resources—if “given” is taken to mean given to a single mind which deliberately solves the problem set by these “data.” It is rather a problem of how to secure the best use of resources known to any of the members of society, for ends whose relative importance only these individuals know. Or, to put it briefly, it is a problem of the utilization of knowledge which is not given to anyone in its totality.*”

O Envolvimento do Intelectual no Socialismo

O socialismo, para Hayek, nunca se estabeleceu como um movimento da classe trabalhadora. Pelo contrário, sempre teve pouca identificação e associação com esta classe. Os seus ideais e princípios não apresentavam nem se propunham a ser soluções que pudessem responder aos males e às necessidades que esta classe demonstrava ter. O socialismo não nasceu assim a partir dos trabalhadores, mas sim de uma construção teórica e de um pensamento que tendia para o abstracto e para o utópico. Durante bastante tempo, só uma classe o conseguia dominar e encontrar alguma identificação e associação com este tipo de ideologia, a classe intelectual. De forma a fazer a transição para que as classes trabalhadoras ganhassem uma maior familiaridade com o socialismo, de forma a aceita-lo e a adoptar os seus ideais, foi necessário bastante tempo e esforço por parte dos intelectuais. O socialismo foi assim uma doutrina trabalhada e architectada pela classe dos intelectuais durante muitos anos até se tornar verdadeiramente estabelecida no palco político e social.¹⁷¹

“ Em todos os países que se moveram em direção ao socialismo, a fase de desenvolvimento no qual o socialismo se torna a influência determinante na política tem sido precedida por muitos anos, por um período no qual os ideais socialistas governaram o pensamento dos intelectuais mais activos.”¹⁷²

Por vezes os conflitos do momento e as batalhas de interesses que se dão defronte dos olhos do observador contemporâneo têm um ar de novidade e de espontaneidade. Porém este sentimento de novo é muitas vezes uma ilusão que engana o mais atento analista. A resolução destes conflitos, na maioria dos casos, ocorre anos antes do seu culminar. Tal como Hayek, Keynes, na sua obra de 1936, “*The General Theory of Employment, Interest and Money*”¹⁷³, acreditava que as ideias que eram usadas e consideradas como

¹⁷¹ Ver Hayek, Friedrich A., 1967. *The Intellectuals and Socialism*, in: *Studies in Philosophy, Politics, and Economics*. Routledge, Londres, p. 106

¹⁷² Hayek, Friedrich A., 1967. *The Intellectuals and Socialism*, in: *Studies in Philosophy, Politics, and Economics*. Routledge, Londres, p. 106 - “*In every country that has moved towards socialism, the phase of the development in which socialism becomes a determining influence on politics has been preceded for many years by a period during which socialist ideals governed the thinking of the more active intellectuals.*”

¹⁷³ Ver Keynes, John Maynard, 2003. *The General Theory of Employment, Interest and Money*, 1ª ed., Macmillan, Londres.

novidades, eram apenas reflexos e imitações de teorias e ideias elaboradas por filósofos e teóricos de tempos passados.

“... as ideias dos economistas e filósofos, tanto quando estão correctas como quando estão erradas, são mais poderosas do que é normalmente entendido. De facto, o mundo é governado por pouco mais. Homens práticos, que acreditam ser livres de qualquer influência intelectual, costumam ser escravos de um economista defunto. Homens dementes em autoridade, que ouvem vozes no ar, estão a destilar do seu frenesim de algum escriva académico de alguns anos atrás. Tenho a certeza que o poder dos interesses pessoais são grandemente exagerados comparativamente com a invasão gradual de ideias. Não é, de facto, imediatamente, mas depois de um certo intervalo: que no campo da economia e filosofia política não existem muitos que sejam influenciados por novas teorias depois de terem vinte e cinco ou trinta anos de idade, assim é provável as ideias que os funcionários civis, os políticos ou mesmo os agitadores aplicam aos acontecimentos actuais não sejam as mais recentes. Mas, mais cedo ou mais tarde, são as ideias, e não os interesses particulares, que são perigosas para o bem e para o mal.”¹⁷⁴

Para Hayek, o impacto das ideias que de forma bem sucedida conseguem passar pelo filtro de convicções do intelectual vai para além do seu público recorrente. Quando o assunto que está a ser debatido está fora da nossa área de conhecimento e de especialidade, corremos o risco de não conseguir avaliar devidamente aquilo que nos está a ser transmitido. Devido a esta lacuna corremos o risco de cair na área de influência do intelectual. E até o melhor especialista, fora do seu campo de trabalho, torna-se tão dependente desta classe como qualquer outro indivíduo. Podemos observar este fenómeno em grande parte dos países do Ocidente, mesmo naqueles que apresentam-se e consideram-se como claros opositores ao socialismo. Quando se dá o caso de não possuírem informação em primeira mão, acabam por ir buscar o conhecimento e os dados a fontes

¹⁷⁴ Keynes, John Maynard, 2003. *The General Theory of Employment, Interest and Money*, 1ª ed., Macmillan, Londres, p. 234. - “... *the ideas of economists and political philosophers, both when they are right and when they are wrong, are more powerful than is commonly understood. Indeed the world is ruled by little else. Practical men, who believe themselves to be quite exempt from any intellectual influence, are usually the slaves of some defunct economist. Madmen in authority, who hear voices in the air, are distilling their frenzy from some academic scribbler of a few years back. I am sure that the power of vested interests is vastly exaggerated compared with the gradual encroachment of ideas. Not, indeed, immediately, but after a certain interval; for in the field of economic and political philosophy there are not many who are influenced by new theories after they are twenty-five or thirty years of age, so that the ideas which civil servants and politicians and even agitators apply to current events are not likely to be the newest. But, soon or late, it is ideas, not vested interests, which are dangerous for good or evil.*”

socialistas, considerando que a informação que está a ser obtida é fiável e totalmente credível. Assim muitos dos países ‘opositores ao socialismo’ acabam, de uma forma inconsciente e descuidada, em se tornarem difusores dos seus ideais.

A difusão e transmissão de informação já filtrada e conseqüentemente enviesada pelos intelectuais e seus ideais, apresenta ser um grave perigo para indivíduos como o ‘*homem-massa*’ de Ortega y Gasset. Ortega, na sua obra “*A Rebelião das Massas*”¹⁷⁵ procura analisar e estudar este conceito, reflectindo sobre as possíveis implicações que este género de figura terá na sociedade. O autor considera que uma das características mais salientes do ‘*homem-massa*’ é possuir uma alma obliterada e hermética. Mais especificamente, um hermetismo de carácter intelectual. Ou seja, o indivíduo inserido neste contexto de multidão, ou seja o homem-massa, aceita e possui opiniões sobre determinado assunto sem que tenha realizado um estudo ou análise prévia ou tenha feito qualquer tipo de pesquisa sobre a validade ou veracidade de tal informação. Aceita assim a informação recebida do exterior sem a questionar ou a colocar em causa.¹⁷⁶ Para Ortega “(...) [a] pessoa encontra-se com um repertório de ideias dentro de si. Decide contentar-se com elas e considerar-se intelectualmente completa. Ao não notar a falta de nada fora de si, instala-se definitivamente naquele repertório. Eis pois o mecanismo da obliteração.”¹⁷⁷ Desta forma o ‘*homem-massa*’ aceita e adopta prontamente opiniões vindas do intelectual, dos ‘*comerciantes profissionais de ideias em segunda mão*’, sem as verdadeiramente questionar ou debater. Ao mesmo tempo que absorvem tão facilmente o que ouvem sentem-se confiantes e orgulhosos por possuírem tal informação e conhecimento, pois sentem-se ‘*intelectualmente completos*’. No entanto, Ortega adverte para o facto que a sua utilização do conceito de massa “(...) [n]ão designa aqui uma classe social, mas uma classe ou modo de ser homem que se dá hoje em todas as classes sociais, que, por isso mesmo, representa o nosso tempo, no qual predomina e impera.”¹⁷⁸

Esta influência que os intelectuais demonstravam ter na sociedade foi, para Hayek, bastante mais aproveitada pelos partidos políticos de esquerda. Apesar de estes publicitarem e de quererem fazer acreditar que a sua popularidade era devida à sua força numérica, à sua oposição aos interesses materiais e aos seus ideais políticos, as suas acções mostravam uma clara compreensão pela força e poder do intelectual. Em termos práticos, agiam como se tivessem bem cientes e conscientes da posição ocupada pelos intelectuais na sociedade. O autor deixa no entanto presente a dúvida se os seus esforços seriam apenas reflexos espontâneos das circunstâncias da época ou se as suas acções seriam conscientemente pensadas e planeadas de forma a obter

¹⁷⁵ Ver Gasset, José Ortega y, n.d. *A Rebelião das Massas*. Relógio D’Água, Lisboa, pp. 70-88.

¹⁷⁶ Ver também Le Bon, Gustave, 1980. *Psicologia das Multidões*, Pensadores. Delraux, Lisboa, pp. 30-70.

¹⁷⁷ Gasset, José Ortega y, n.d. *A Rebelião das Massas*. Relógio D’Água, Lisboa, pp. 81-82.

¹⁷⁸ Gasset, José Ortega y, n.d. *A Rebelião das Massas*. Relógio D’Água, Lisboa, p. 111.

apoio desta *'elite'*. Qualquer que tenha sido o caso, os partidos da esquerda obtiveram dos seus esforços bastante sucesso, ao contrário dos grupos e partidos mais conservadores. Estes preferiram e decidiram-se por ter uma aproximação mais inocente e mais imediata à massa democrática, focando-se essencialmente numa estratégia de persuasão directa ao voto individual.

A Inclinação do Intelectual pelo Socialismo e pela Esquerda

Como podemos ver anteriormente, o intelectual ao transmitir e difundir a informação que recebe acaba por a enviar e a modificar, orientando-a na direcção de uma ideologia específica e de forma a que adquira maior sintonia com as suas próprias convicções e crenças. Hayek sublinha, no entanto, que isto não é feito devido a intenções malignas ou interesses egoístas. A tendência dos intelectuais para se inclinarem na direcção ideológica socialista, dá-se porque estes seguem as suas mais honestas convicções e procedem segundo o que acreditam ser as melhores das intenções, seguindo uma linha intelectualmente e moralmente correcta e sincera.

“...é necessário reconhecer que existe uma maior probabilidade de o intelectual típico de hoje ser um socialista quanto mais este seja guiado por boa vontade e inteligência e que no plano da argumentação puramente intelectual, ele tenha globalmente melhores capacidades de construir um melhor caso do que a maioria da sua oposição dentro da sua classe.”¹⁷⁹

Os intelectuais ao acreditarem que estão a ser guiados por boa fé e que os seus programas e políticas são erguidas apenas com boas intenções, esquecem-se muitas vezes da possível existência daquilo que Popper, nos seus escritos, designa e denomina de ‘consequências não intencionais’.¹⁸⁰ Para este autor, as ‘consequências não intencionais’ podem ter “(...) [r]epercussões que possam violar todos os interesses do agente, seja consciente ou inconsciente.”¹⁸¹ Este género de consequências possuem o poder de conseguir corromper a própria essência da ideia ou teoria do intelectual bem intencionado, fazendo com que os resultados da mesma acabem por saírem contrários às perspectivas esperadas. Por si só, as consequências não intencionais seriam suficientes para por em causa a teoria original apresentada, pois são elas que se encontram por detrás dos pontos

¹⁷⁹ Hayek, Friedrich A., 1967. *The Intellectuals and Socialism*, in: *Studies in Philosophy, Politics, and Economics*. Routledge, Londres, p. 113. - “...it is necessary to recognize that on the whole the typical intellectual is today more likely to be a socialist the more he is guided by good will and intelligence and that on the plane of purely intellectual argument he will generally be able to make out a better case than the majority of his opponents within his class.”

¹⁸⁰ Ver Popper, Karl, 1957. *The Poverty of Historicism*, 1ª ed., The Beacon Press, EUA, pp.152-159.

¹⁸¹ Popper, Karl, 1957. *The Poverty of Historicism*, 1ª ed., The Beacon Press, EUA, p. 158. - “(...) [r]epercussions which may violate all interests of the actor, whether conscious or unconscious”

fracos e as falhas que possam existir. Enquanto em muitos casos a teoria só necessita de ser revista, noutras terá mesmo de ser abandonada¹⁸²

Os erros que os intelectuais tendem a normalmente incorrer, para Hayek, devem-se sobretudo a dois pontos-chave: primeiro, devido ao facto de o intelectual só considerar certos ideais e princípios e assim todos os seus julgamentos e considerações acabam por serem realizados apenas segundo esses ideais, nunca sendo colocada a hipótese de existir perspectivas alternativas ou outras visões que possam influenciar as situações ou acontecimentos; e, segundo, o intelectual tende a fazer certos julgamentos ou acções, que apesar de se relacionarem e serem derivados de algumas verdades genuínas, por terem sido transferidos de outras áreas ou campos de especialidade, a sua validade acaba por se tornar suspeita e duvidosa, acabando por gerar resultados negativos ou mesmo nefastos. Para que possa-se realizar uma refutação eficaz e convincente de tais erros é necessário que exista um maior avanço intelectual. Dando especial atenção a pontos ou particularidades que possam parecer demasiado abstractas ou afastadas de questões práticas.¹⁸³

Apesar de os erros do intelectual poderem ser genuínos e serem cometidos de forma inocente e sem malícia, Hayek afirma ser necessário e essencial conseguir identifica-los e assumi-los. Indivíduos, que apesar de serem bem intencionados e inteligentes, ocupem posições cuja função seja a difusão de ideias e conhecimento ao incorrerem neste tipo de erros podem se vir a tornar uma ameaça à sociedade. Tal como Hayek, Julien Benda não acusa o intelectual de incorrer em más práticas ou de possuir más intenções. Benda justifica os seus comportamentos apontando para a possibilidade de ser o resultado do ambiente e do enquadramento que os rodeia. As condições exteriores que foram impostas ao intelectual têm como consequência uma modificação negativa do seu comportamento, tornando-os mais suscetíveis a praticar certos erros.

“A nova fé dos intelectuais é, em grande medida, o resultado das condições sociais que lhe foram impostas e o verdadeiro mal, talvez não seja tanto a ‘*grande traição*’ dos ‘*intelectuais*’ como o desaparecimento dos ‘*intelectuais*’; a impossibilidade de levar uma vida de ‘*intelectual*’ no mundo de hoje.”¹⁸⁴

¹⁸² Ver Dahrendorf, Ralf, 2000. *The Paradoxes of Unintended Consequences*. Central European University Press, p. xiii.

¹⁸³ Ver Hayek, Friedrich A., 1967. *The Intellectuals and Socialism*, in: *Studies in Philosophy, Politics, and Economics*. Routledge, Londres, pp. 112-117.

¹⁸⁴ Benda, Julien, 2009. *The Treason of the Intellectuals*, 4^a ed., Transaction Publishers, EUA, p. 159. - “*The ‘clerk’s’ new faith is to a great extent a result of the social conditions imposed upon him, and the real evil to deplore is perhaps not so much the ‘great betrayal’ of the ‘clerks’ as the disappearance of the ‘clerks’, the impossibility of leading the life of a ‘clerk’ in the world of today.*”

Como podemos notar e sendo um aspecto importante a sublinhar, Julien Benda lamenta o desaparecimento da figura do intelectual dos tempos antigos. O autor considerava que antigamente os intelectuais eram livres de quaisquer associações políticas e/ou ideológicas, podendo praticar a sua arte de forma desinteressada e despreocupada, sendo fiéis de forma total. Os intelectuais modernos, objecto do nosso estudo, em contrapartida, transformaram-se em escravos, acabando por estarem acorrentados às esferas políticas, ideológicas e sociais.

Na sua obra de 1988, *“The Fatal Conceit”*¹⁸⁵, Hayek explora e analisa a questão da influência que o racionalismo parece ter no intelectual. O autor acredita que quanto mais inteligente ou educado um indivíduo for, maior a probabilidade de este tender para o racionalismo, o que por sua vez e quase como que inevitavelmente, o indivíduo terá uma visão de cariz socialista.

“Quanto mais alto se sobe na escada da inteligência, quanto mais falamos com os intelectuais, maior a probabilidade de encontrar convicções socialistas. Os racionalistas tendem a ser inteligentes e intelectuais; e os intelectuais inteligentes tendem a ser socialistas.”¹⁸⁶

Esta tendência de uma pessoa inteligente ter uma preferência para o socialismo aparece pela particularidade de essa pessoa já apresentar e demonstrar uma inclinação para sobrevalorizar a inteligência, inflacionando a sua importância e utilidade. Como resultado desta sobrevalorização, acredita que todos os benefícios e aspectos positivos que a nossa civilização apresenta ter apenas se devem ao *‘desígnio deliberado’*¹⁸⁷, desvalorizando e menosprezando assim o exercício e a prática dos costumes e tradições. Acredita cegamente que só com o uso da razão, através de uma reflexão pormenorizada e inteligente e por desígnio ou por *‘coordenação racional’*¹⁸⁸ das nossas acções é que se pode corrigir e até mesmo eliminar por

¹⁸⁵ Ver Hayek, Friedrich A., 1992. *The Fatal Conceit. The Errors of Socialism*, 1ª ed., The Collected Works of Friedrich August Hayek. Routledge, Londres.

¹⁸⁶ Hayek, Friedrich A., 1992. *The Fatal Conceit. The Errors of Socialism*, 1ª ed., The Collected Works of Friedrich August Hayek. Routledge, Londres, p. 53. - *“The higher we climb up the ladder of intelligence, the more we talk with intellectuals, the more likely we are to encounter socialist convictions. Rationalists tend to be intelligent and intellectual; and intelligent intellectuals tend to be socialists.”*

¹⁸⁷ Ver Hayek, Friedrich A., 1992. *The Fatal Conceit. The Errors of Socialism*, 1ª ed., The Collected Works of Friedrich August Hayek. Routledge, Londres, p.54.

¹⁸⁸ Ver Hayek, Friedrich A., 1992. *The Fatal Conceit. The Errors of Socialism*, 1ª ed., The Collected Works of Friedrich August Hayek. Routledge, Londres, p.54.

completo as falhas ainda existentes. Para Hayek, esta crença na razão cria uma inclinação favorável ao planeamento e ao controlo centralizado de uma economia, que é a essência do socialismo.

O autor Robert Nozick redigiu um ensaio dedicado a esta problemática, procurando encontrar razões para esta aversão que os intelectuais demonstram ter pelo capitalismo e pelos sistemas de ordem espontânea, e consequentemente a sua atracção e fascinação pelos regimes centralizados e planificados. Em *‘Why Intellectuals Oppose Capitalism?’*¹⁸⁹, Nozick afirma que muita da frustração e desgosto que os intelectuais nutrem pelo capitalismo advém do sentimento de considerarem que a sociedade capitalista não valoriza nem gratifica devidamente os méritos e/ou as capacidades verdadeiras de cada indivíduo. O intelectual sente e acredita que possui uma das posições mais elevadas na sociedade e que as funções que desempenha como sendo as mais prestigiadas e honradas, exigindo assim que seja recompensado na mesma medida. Porém, tal não acontece. O intelectual ao sentir que os seus méritos não estão a ser reconhecidos começa a brotar dentro dele um sentimento de frustração e humilhação. Para Nozick este sentimento de superioridade e de se considerar que a actividade racional deva ter uma posição de excelência, em comparação com todas as outras actividades, já advém do tempo em que se deu a origem do registo do pensamento e da palavra escrita. O autor considera Platão e Aristóteles como exemplos ilustrativos de pensadores que defendiam a sua arte como sendo a mais suprema, acabando por ser esta a ideia a ser passada de geração em geração e sempre através dos homens que praticavam e exerciam este mesmo ofício. Sendo que só eles é que possuíam o monopólio da palavra escrita, quem poderia deixar registado para futuras gerações os contra-argumentos a esta doutrina e apresentar uma defesa a favor de outras artes que não a arte da razão? Porém, Nozick não considera como sendo esta a única instituição que promove a razão como ideal supremo e aponta a escola e a academia como outra instância culpada de promover a ideia de que a actividade intelectual é a mais nobre e que deve ser a mais recompensada e honrada. O conhecimento enciclopédico possui nesta instituição um lugar central e o sistema de avaliação gira quase exclusivamente em redor do mérito intelectual. O intelectual, que tem inevitavelmente de passar pelas instituições educacionais e académicas, quando chegam ao mercado de trabalho deparam-se com uma grande disparidade daquilo que estava acostumado e de como agora o trabalho é compensado. As capacidades que dantes eram valorizadas e enaltecidas, perdem no mercado de trabalho a sua importância. Os colegas do intelectual, que dantes eram vistos por ele, como inferiores em termos académicos, alcançam agora lugares e posições superiores e de destaque na sociedade. O sistema capitalista, por permitir que tal aconteça, é objecto de raiva e ressentimento pelo intelectual. Por fim, é importante notar que as escolas estão construídas tendo em conta um sistema centralizado e planificado, em que a autoridade principal é o professor. O intelectual, ao ter

¹⁸⁹ Ver Nozick, Robert, 1986. *Why Intellectuals Oppose Capitalism?*, in: Aronoff, Craig E., Goodwin, Randall B., Ward, John L. (Eds.), *The Future of Private Enterprise*. Business Publishing Division, EUA, pp. 133–143.

sido tão bem sucedido neste sistema, repudia e recusa o sistema de mercado, pois aos seus olhos este lhe parece um local completamente anárquico e caótico. Estas são algumas explicações oferecidas por Nozick, que acrescentam e complementam o estudo de Schumpeter, Hayek e Aron, em compreender o fenómeno do abuso da razão e do intelecto e em especial da figura do intelectual.

Hayek afirma, e como se poder ver também por Nozick, que os intelectuais colocam em causa, e de uma forma sistemática e persistente, as práticas pela quais as comunidades e a sociedade se rege, criticando e atacando as regras de conduta existentes e todos aqueles que as aceitam. Apontam o dedo às tradições e aos costumes declarando serem práticas conservadoras, desajustadas aos tempos actuais e prejudiciais à sociedade e ao Homem. O autor contra-argumenta com este tipo de pensamento tão típico do intelectual, considerando que foram estas mesmas tradições que tiveram uma maior contribuição para o progresso e para a sociedade do que alguma vez o desígnio racional e intelectual teve ou poderá ter.¹⁹⁰

O intelectual mostra também uma maior tendência de se alinhar com a ciência e com a razão, tendo sido inculcado que o *‘Cientificismo’*¹⁹¹ é tudo o que a ciência e o uso da razão são. *‘Cientificismo’*, para Hayek, é a aplicação dos métodos usados pelas ciências naturais em problemas específicos de ciências sociais, sendo que muitas vezes a sua aplicação é realizada de forma errónea e enviesado e com resultados prejudiciais e graves. Karl Popper refere também que as ciências naturais não apresentam os mesmos problemas que se verificam nas ciências sociais, estas últimas *“(…)[e]stão preocupadas com a consciência humana ou com a acção reflectida, acções em que a pessoa pode escolher entre diversos caminhos que lhe estão disponíveis.”*¹⁹² Os métodos normalmente utilizados pelas ciências naturais, métodos como a aplicação de raciocínio lógico ou de recurso à razão, quando utilizados em ciências, tais como as ciências sociais, que lidam principalmente o comportamento humano que na maioria dos casos é imprevisível e até incoerente, acabam por chegar a conclusão ilusórias e falaciosas. Deparamo-nos aqui com os limites da razão, limites esses que os intelectuais tentam tanto ignorar. O conceito *‘Cientificismo’* utilizado por Hayek descreve assim *“(…)[u]ma atitude que é decisivamente anticientífica no verdadeiro sentido da expressão, uma vez que envolve uma aplicação mecanizada e acrítica de hábitos de pensamento de áreas diferentes daqueles que eram originados.”*¹⁹³ Mais tarde, como por exemplo na

¹⁹⁰ Ver Hayek, Friedrich A., 2013. *Law, Legislation and Liberty*. Routledge Classics, Reino Unido, pp. 500-501.

¹⁹¹ Ver Hayek, Friedrich A., 2013. *Law, Legislation and Liberty*. Routledge Classics, Reino Unido, p. 500. – *‘scientism’*

¹⁹² Popper, Karl, 1962. *Conjectures and Refutations: The Growth of Scientific Knowledge*, 1ª ed., Basic Books, EUA, p. 26 - *“(…)[a]re concerned with man’s conscious or reflected action, actions where a person can be said to choose between various courses open to him.”*

sua obra *‘Law, Legislation and Liberty’*, o autor preferiu utilizar o termo de *‘construtivismo’* sempre que pretendia referir-se ao conceito de cientificismo.¹⁹⁴

Este cientificismo, ou construtivismo, deriva de um uso abusado da razão. Os intelectuais consideravam que a razão era um instrumento perfeito e que era a chave para a obtenção das respostas a todas as perguntas ou dúvidas existentes na sociedade, independentemente se fosse problemas derivados das áreas das ciências naturais ou das áreas das ciências sociais. Devido a este fascínio pela razão, utilizavam-na de forma abusiva e exagerada. Os intelectuais, negando também a existência de limites da razão, acabavam por não acreditar na possibilidade de existir conhecimento útil ou verdadeiro fora dos campos da experimentação deliberada. Para eles, só através da experimentação é que se chegava à verdade. Assim, não podiam aceitar, nem sequer colocar a hipótese, de poder existir uma tradição que tivesse alguma validade, com a exceção da tradição da razão.

Conforme refere Popper : “(...) [q]uem optar por uma atitude racionalista assim o faz porque adoptou, conscientemente ou inconscientemente, alguma proposta, ou decisão, ou crença, ou comportamento, uma adopção que pode ser considerada como sendo *‘irracional’*. Independentemente de esta adopção ser provisória ou levar a um hábito constante, pode ser descrita como uma *fé irracional na razão* (itálicos do autor). Assim o racionalismo está necessariamente numa posição longe de ser compreendida ou independente.”¹⁹⁵

Karl Popper, como no caso de Hayek, revela e demonstra aqui a ideia do que é ter uma confiança completa e total na razão, ou seja, uma *‘fé cega na razão’*. A este tipo de racionalismo, Popper, denomina de *‘racionalismo acrítico ou abrangente’*¹⁹⁶ e definia como o tipo de atitude em que o indivíduo só aceita a informação ou o conhecimento se esta poder ser justificada através do método da argumentação ou através de

¹⁹³ Popper, Karl, 1962. *Conjectures and Refutations: The Growth of Scientific Knowledge*, 1ª ed., Basic Books, EUA. - “(...) [a]n attitude which is decidedly unscientific in the true sense of the word, since it involves a mechanical and uncritical application of habits of thought to fields different from those in which they have been formed.”

¹⁹⁴ Ver Hayek, Friedrich A., 2013. *Law, Legislation and Liberty*. Routledge Classics, Reino Unido, p.529.

¹⁹⁵ Popper, Karl, 2002. *The Open Society and Its Enemies*, 1ª ed., Routledge, EUA, p. 436. - “(...) [w]hoever adopts the rationalist attitude does so because he has adopted, consciously or unconsciously, some proposal, or decision, or belief, or behavior; an adoption which may be called *‘irrational’*. Whether this adoption is tentative or leads to a settled habit, we may describe it as an irrational faith in reason. So rationalism is necessarily far from comprehensive or self-contained.”

¹⁹⁶ Popper, Karl, 2002. *The Open Society and Its Enemies*, 1ª ed., Routledge, EUA, p. 435 – *‘Uncritical or comprehensive rationalism’*.

experiência, não admitindo explicações de qualquer outro género. Para o autor “...[o] racionalismo acrítico não é sustentável em termos lógicos; e sendo que apenas um argumento puramente lógico pode revelar isto, o racionalismo acrítico só pode ser defendido pelo sua arma de eleição, o argumento.”¹⁹⁷ Por outras palavras, a experiência e o argumento é a base e o aspecto central e único deste tipo de atitude racionalista, existindo aqui uma crença e uma certeza que estes métodos encerram em si a solução para todos os problemas. “Porém nem o argumento lógico nem a experiência pode estabelecer a atitude racionalista; pois só aqueles que se encontram preparados para considerar o método argumentativo ou experiência, ou seja aqueles que por si já adoptaram esta atitude, é que vão ficar impressionados por ela.”¹⁹⁸ A atitude racionalista acrítica é assim um racionalismo dogmático.

Hayek não deixa de afirmar que aqueles que demonstram ter uma inclinação favorável e uma preferência ao socialismo, acabam também por ser os mais activos, os mais inteligentes e mais originais de entre os intelectuais. Esta ocorrência dá-se sobretudo nos estágios iniciais do progresso socialista, numa etapa em que as ideias e os princípios tentam-se infiltrar e estabelecer o seu lugar na sociedade. Mais tarde, numa fase consecutiva a esta etapa, acaba por ser a pressão de pares entre os intelectuais e as opiniões e visões políticas o factor decisivo que os orienta e os leva em direcção ao socialismo. Nesta última fase, a força e a vontade necessária para que o homem consiga resistir aos seus pares e se libertar das ideias socialistas é bastante elevada e esmagadora.

“Por isso, é que provavelmente existe o facto de que, não são apenas as pessoas mais inteligentes que são geralmente socialistas, mas que existe uma maior proporção de socialistas entre as melhores mentes que se dedicam à procura intelectual, e numa sociedade moderna que lhes dá uma influência decisiva na opinião pública.”¹⁹⁹

¹⁹⁷ Popper, Karl, 2002. *The Open Society and Its Enemies*, 1ª ed., Routledge, EUA, pp. 435-436. – “*Uncritical rationalism is therefore logically untenable; and since a purely logical argument can show this, uncritical rationalism can be defeated by its own chosen weapon, argument.*”

¹⁹⁸ Popper, Karl, 2002. *The Open Society and Its Enemies*, 1ª ed., Routledge, EUA, p. 436. – “*The rationalist attitude is characterized by the importance it attaches to argument and experience. But neither logical argument nor experience can establish the rationalist attitude; for only those who are ready to consider argument or experience, and who have therefore adopted this attitude already, will be impressed by them.*”

¹⁹⁹ Hayek, Friedrich A., 1967. *The Intellectuals and Socialism*, in: *Studies in Philosophy, Politics, and Economics*. Routledge, Londres, p. 121. - “*It is therefore probably the fact, not that the more intelligent people are generally socialists, but that a much higher proportion of socialists among the best minds devote themselves to those intellectual pursuits which in modern society give them a decisive influence on public opinion.*”

Crítica ao Liberalismo

Hayek ao terminar o seu ensaio expõe uma linha de pensamento semelhante à de Schumpeter na sua obra “*Capitalism, Socialism and Democracy*”²⁰⁰. Considera que a sociedade livre encerra em si certos elementos que acabarão por ter um efeito prejudicial, levando mesmo à destruição da liberdade e consecutivamente à destruição da própria sociedade livre. Em países, sendo os Estados Unidos da América o exemplo oferecido pelo autor, onde a liberdade é uma constante e uma certeza e os seus cidadãos desconhecem realidades marcadas pela sua ausência, acabam por não saber apreciar o ser verdadeiro valor. Chegam mesmo a incorrer facilmente no risco de vir a perde-la, em prol de outros princípios ou ideais. Hayek nota assim existir uma perda de fascínio e atração pelo princípio da liberdade e pelo liberalismo por parte da juventude que nunca experienciou uma realidade sem liberdade. Existe aqui também uma certa ironia no facto de que um dos elementos que mais tem contribuído para a possibilidade de perda da liberdade é exactamente aquele que precisa mais dela para sobreviver, o intelectual. A sociedade livre permite ao intelectual que as suas ideias possam correr livremente sem impedimentos ou censura. O fim de uma sociedade assim significaria a morte do aparecimento de novas ideias e do seu debate e discussão, o que por sua vez levaria a morte do intelectual.

“Pode ser que, uma sociedade livre como aquela que conhecemos suporte em si as forças da sua própria destruição, que assim que a liberdade seja atingida é tida como garantida e cessa de ser valorizada, que o livre crescimento de ideias, que é a essência de uma sociedade livre, traga a destruição das mesmas fundações da qual depende.”²⁰¹

²⁰⁰ Ver Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, pp. 51-146.

²⁰¹ Hayek, Friedrich A., 1967. *The Intellectuals and Socialism*, in: *Studies in Philosophy, Politics, and Economics*. Routledge, Londres, pp. 127-128. – “*It may be that as a free society as we have known it carries in itself the forces of its own destruction, that once freedom has been achieved it is taken for granted and ceases to be valued, and that the free growth of ideas which is the essence of a free society will bring about the destruction of the foundations on which it depends.*”

Para evitar que a nossa época seja marcada pelo detrimento ou mesmo fim das sociedades livres, Hayek lança uma dura crítica aos liberais tradicionais e propõe uma solução para se restaurar a atração e o fascínio pelo liberalismo. O autor afirma que os liberais pecam por não possuírem a mesma coragem demonstrada pelos socialistas na utilização e maneiço do conceito de Utopia. Para o autor, esta coragem e a utilização deste conceito traduz-se numa fonte de força que atrai bastantes seguidores, funcionando a favor do socialismo. O intelectual de esquerda ao exercer um clima de especulação em redor de certos princípios gerais, cria espaço e oportunidade para excitar a imaginação dos que desconhecem os efeitos reais da aplicação dos princípios e que se encontram afastados das realidades diárias. Além de fomentar a imaginação e promover esperança, concentra os esforços para tentar estabelecer alguma explicação ou obter alguma compreensão com uma base racional para o funcionamento das ordens sociais. Por fim, oferece também a ideia que existe possibilidade para grandes reconstruções e grandes melhoramentos da sociedade, algo que o liberalismo, depois de já ter obtido grandes vitórias, não se mostra muito complacente. O intelectual encontra assim nas especulações e nas aspirações socialistas a oportunidade de ver os seus gostos e desejos saciados, o que se revela fatal para a tradição liberal.

O pensador liberal, antes de se ter verificado a existência deste fascínio pelo socialismo, possuía mais oportunidades e possibilidades de conseguir influenciar directamente as decisões da política da época. Na altura em que Hayek redigia o seu ensaio, este notava que os liberais consideravam a especulação a longo prazo como algo nefasto e prejudicial em termos de resultados reais, sendo que preferiam evita-la nos seus esforços políticos. Desta forma, enquanto o liberal via a especulação como uma desvantagem, aos olhos do socialista esta era vista como uma força. O liberal, desde que a sua atenção se encontre focada em assuntos mais imediatos, é compensado pelos seus pares e por aqueles que partilham das mesmas ideias com influência, popularidade e sucesso material. A especulação dos princípios gerais, tão característico do clima intelectual, é assim desvalorizado pelos liberais.

O autor propõe assim que os liberais considerem novas abordagens de forma a atrair mais números de indivíduos. Apela assim pela criação de uma *'utopia liberal'*²⁰², ou seja, por um programa que vá além de uma simples defesa do estado actual. O liberalismo, para Hayek, deve oferecer uma imagem de verdadeiro radicalismo liberal, e que não se reduza a algo demasiado prático ou que não se limite apenas ao politicamente possível.

“A não ser que se crie as fundações filosóficas de uma sociedade livre uma vez mais um assunto vivo intelectual, e a sua implementação uma tarefa que desafie a ingenuidade e imaginação das nossas mentes mais ricas, as perspectivas para a liberdade são de facto sombrias. Mas se

²⁰² Ver Hayek, Friedrich A., 1967. *The Intellectuals and Socialism*, in: *Studies in Philosophy, Politics, and Economics*. Routledge, Londres, pp. 127-129.

recuperamos a crença no poder das ideias que sejam a marca do liberalismo no seu melhor, a batalha não está perdida. O avivamento intelectual do liberalismo está já a caminho em muitas partes do mundo. Chegará a tempo?”²⁰³

²⁰³ Hayek, Friedrich A., 1967. *The Intellectuals and Socialism*, in: *Studies in Philosophy, Politics, and Economics*. Routledge, Londres, p. 129 - *“Unless we can make the philosophic foundations of a free society once more a living intellectual issue, and its implementation a task which challenges the ingenuity and imagination of our liveliest minds, the prospects of freedom are indeed dark. But if we can regain that belief in the power of ideas which was the mark of liberalism at its best, the battle is not lost. The intellectual revival of liberalism is already under way in many parts of the world. Will it be in time?”*

Aron, Raymond
O Ópio dos Intelectuais

O *'The Opium of the Intellectuals'*²⁰⁴ teve como data de publicação o ano de 1955, correspondendo aos anos iniciais do período da Guerra Fria. Foi considerada como sendo uma obra central para a compreensão e análise do pensamento político e sociológico do século XX e uma das principais obras do autor. O seu título faz alusão à celebre declaração de Karl Marx, de que *'a religião é o ópio do povo'*²⁰⁵, sendo que a obra debruça-se sobre os perigos do marxismo como religião secular. O intelectual em Aron apresenta-se como sendo uma das figuras centrais que se deixa fascinar e cegar pela ideologia marxista.

²⁰⁴ Ver Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA.

²⁰⁵ Marx, Karl, 1970. *Critique of Hegel's "Philosophy of Right."* University of Cambridge Press, Cambridge, p.131. - *"Thus, the struggle against religion is, indirectly the struggle against that world of which religion is the spiritual aroma is religion. The wretchedness of religion is at once an expression of real of and a protest against real wretchedness. Religion is the sigh of the oppressed creature, the heart of a heartless world, and the soul of soulless conditions. It is the opium of the people."*

O Mito

Quando Raymond Aron escreveu e publicou *'The Opium of the Intellectuals'*²⁰⁶, obra onde o autor procura compreender e analisar o estado da ideologia de esquerda naquela época, duas filosofias encontravam-se bastante popularizadas e sobressaiam-se por entre os círculos sociais e culturais de França e também por outras partes do mundo. Eram elas o Existencialismo e o Marxismo. Esta obra, segundo Harvey C. Mansfield, demarcou-se por ser uma “...*(r)esposta magistral aos esforços de Sartre e de outros intelectuais franceses em fundir o historicismo marxista e o compromisso existencialista de uma forma que sacrifica qualquer preocupação com moderação política e prudência.*”²⁰⁷ Os principais alvos de Aron eram assim Jean-Paul Sartre²⁰⁸, filósofo e escritor francês e figura chave no movimento existencialista e em fenomenologia, e Maurice Merleau-Ponty²⁰⁹, filósofo francês de fenomenologia. O objectivo do autor ao escrever esta obra foi tentar compreender, não os fanáticos ou devotos marxistas, mas aqueles que apresentavam ter um compromisso moderado e uma certa fascinação para com a ideologia de esquerda e em especial aqueles demonstravam ter hostilidade e oposição para com o Ocidente e para com o capitalismo, como era o caso de Sartre.

O autor, ao iniciar a sua obra, recorre ao conceito de mito. E afirma que grande parte do sucesso do marxismo deve-se à utilização do conceito e da noção de mito, e em especial, do mito do esquerda, do mito da revolução e do mito do proletariado. O autor, através da utilização do conceito de mito, estabelece relações entre os diversos conceitos centrais da ideologia marxista.

“Para restabelecer a equivalência entre a ascensão da burguesia e a ascensão do proletariado, os marxistas são forçados a usar aquilo que condenam quando os outros o praticam: o mito. Para associar a ascensão do proletariado à ascensão da burguesia, é preciso com efeito, confundir a

²⁰⁶ Ver Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA.

²⁰⁷ Introduction by Harvey C. Mansfield in Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p. ix. – “...*[m]agisterial response to the efforts by Sartre and other French intellectuals to fuse Marxism historicism and existentialist commitment in a way that abandons any concern with political moderation and prudence.*”

²⁰⁸ Ver Flynn, Thomas, 2004. Jean-Paul Sartre. *Stanford Encyclopedia of Philosophy*.

²⁰⁹ Ver Flynn, Bernard, 2004. Maurice Merleau-Ponty. *Stanford Encyclopedia of Philosophy*.

minoria que dirige o partido político e que reclama representar o proletariado com o próprio proletariado.”²¹⁰

Georges Sorel, autor de referência no estudo da noção de mito, na sua obra *‘Reflections on Violence’*²¹¹, refere que estes encerram em si a potencialidade de transformarem e modificarem a realidade em que forem inseridos. Considera que os mitos desempenham um papel essencial e fulcral em cenários onde se pretende proceder a uma mudança do ambiente político. O autor afirma que para as massas serem dispostas e para conseguirem concentrar os seus esforços na transformação da sociedade, ou seja, no derrube do sistema político e social presente, é necessário que estas sejam levadas a acreditar em mitos heroicos que estejam relacionados com a sua classe e situação. Por outras palavras, precisam de ser levadas a acreditar que as suas acções, em especial se estas forem violentas ou revolucionárias, têm um impacto favorável na sua condição e que só assim a promessa de um melhor mundo se irá cumprir. Para que as massas acreditem e se movam nesta direcção é necessário tornar o mito credível e de ser colocado em acção. Para tal, Sorel defende que a utilização da violência é um elemento necessário para tornar os mitos reais. Assim, para o autor, a *‘violência heroica’*²¹² é considerada como sendo ética e necessária para o estabelecimento de uma nova ordem.²¹³

“Os mitos revolucionários que existem no tempo presente são quase puros, permitem nos compreender a actividade, os sentimentos e as ideias das massas como se preparassem para entrar numa luta decisiva; não são descrições de coisas mas a expressão de uma vontade de agir.”²¹⁴

²¹⁰ Aron, Raymond, 2010. *As Etapas do Pensamento Sociológico*, 9ª ed. D. Quixote, Portugal, p. 190.

²¹¹ Ver Sorel, Georges, 2004. *Reflections on Violence*, 1ª ed., Cambridge University Press, Reino Unido.

²¹² Ver Sorel, Georges, 2004. *Reflections on Violence*, 1ª ed., Cambridge University Press, Reino Unido, p. 40.

²¹³ Ver Sorel, Georges, 2004. *Reflections on Violence*, 1ª ed., Cambridge University Press, Reino Unido, p. 27.

²¹⁴ Sorel, Georges, 2004. *Reflections on Violence*, 1ª ed., Cambridge University Press, Reino Unido, p. 28 - *“The revolutionary myths which exist at the present time are almost pure; they allow us to understand the activity, the sentiments and the ideas of the masses as they prepare themselves to enter on a decisive struggle; they are not descriptions of things but expressions of a will to act.”*

Sorel afirma que os mitos contemporâneos aprovisionam o Homem com toda a preparação necessária para o combate que tem como propósito a destruição do estado presente. O mito, tendo uma base idêntica às convicções de grupo e sendo a expressão destas não pode ser refutado, é a linguagem do movimento.²¹⁵

“Os mitos devem ser julgados como meios para agir no presente; toda a discussão do método de os aplicar como história futura é desprovido de sentido. É o mito na sua totalidade que é por si só importante: as suas partes têm apenas o seu interesse, na medida que realçam a ideia principal. Nenhum propósito útil, é servido portanto, ao argumentar os incidentes que podem ocorrer no decorrer da guerra social e sobre os conflitos decisivos que podem dar vitória ao proletariado (...)”²¹⁶

A realidade, no entanto, encontra-se na maior parte das vezes muito distante do mito, chegando mesmo a caminhar numa direcção totalmente oposta. Aron relembra os grandes números de indivíduos que ao serem iludidos por ideologias e ideais, que tinham por base a promessa de total plenitude e eterna felicidade, acabavam por ficar aprisionados aos seus mitos. A consequência de tal cegueira tendia muitas vezes em terminar em miséria, pobreza e até mesmo morte. Para evitar que o indivíduo tomasse consciência da realidade e desmistifica-se o mito, ou seja, de forma a cobrir a diferença existente entre realidade e mito, Aron afirmou que seria necessário à ideologia possuir o monopólio de propaganda dentro da sociedade. Esta teria de estar presente de forma massiva e constante na sociedade, e que não fosse permitido haver versões diferentes ou contrárias que pudessem suscitar dúvida e que fizesse o indivíduo questionar a informação transmitida. Assim ao existir um domínio total de toda a informação garante-se que os mitos continuam a ter a sua força e que as massas continuam a acreditar nas suas mensagens.²¹⁷

O autor fala-nos de três mitos: o mito da Esquerda, o mito da Revolução e o mito do Proletariado e de como as suas mensagens perduraram para além da evidência da realidade. Podemos ver a importância que estes mitos, e em especial estes três conceitos chaves, têm para a compreensão das ideologias de esquerda e do marxismo e para o desenvolvimento do tópico do intelectual através das palavras do autor no início na sua obra:

²¹⁵ Ver Sorel, Georges, 2004. *Reflections on Violence*, 1ª ed., Cambridge University Press, Reino Unido, p. 28

²¹⁶ Sorel, Georges, 2004. *Reflections on Violence*, 1ª ed., Cambridge University Press, Reino Unido, pp. 116-117 - “*Myths must be judged as a means of acting on the present; all discussion of the method of applying them as future history is devoid of sense. It is the myth in its entirety which is alone important: its parts are only of interest in so far as they bring out the main idea. No useful purpose is served, therefore, in arguing about the incidents which may occur in the course of the social war and about the decisive conflicts which may give victory to the proletariat...*”

²¹⁷ Ver Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, pp. ix – xvi.

*“Ao tentar explicar a atitude dos intelectuais, impiedosos para com as falhas da democracias, mas prontos a tolerarem os piores dos crimes desde que sejam cometidos em nome das devidas doutrinas, rapidamente me deparei com as sagradas palavras, Esquerda, Revolução, Proletariado. A análise desses mitos levou me a refletir sobre o culto da história, e em examinar a categoria social na qual os sociologistas ainda não dedicaram a atenção merecida: a intelligentsia.”*²¹⁸ Iremos assim proceder à análise de cada um dos mitos de forma a estabelecer uma análise do conceito do intelectual mais completa.

²¹⁸ Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p. xvii - *“Seeking to explain the attitude of the intellectuals, merciless towards the failings of the democracies but ready to tolerate the worst crimes as long as they are committed in the name of the proper doctrines, I soon came across the sacred words, Left, Revolution, Proletariat. The analysis of these myths led me to reflect on the cult of history, and then to examine a social category to which the sociologists have not yet devoted the attention it deserves: the intelligentsia”*

Esquerda, Revolução e Proletariado

O crescimento da Esquerda teve como propósito ser a força opositora do “*Ancien Régime*”. Este foi um regime monárquico, aristocrático, um sistema social e político estabelecido no Reino de França entre, aproximadamente, o séc. XV e o XVIII, tendo encontrado o seu fim na Revolução Francesa de 1789. O regime era caracterizado pelo seu absolutismo e pelo poder centralizado dos Reis. As classes governantes e as de elite localizavam-se numa posição completamente distante do povo, tanto em termos económicos, políticos como sociais.²¹⁹

Pelas palavras de Tocqueville: “...[o] governo tinha o controlo nos negócios de todas as cidades, desde a mais pequena até à maior. Era consultado sobre todos os assuntos e tinha firmes opiniões sobre tudo. As suas regras estendiam-se até a dias de festa. De facto, era até o próprio governo, que por vezes, insistia em manifestações públicas de alegria e ordenava que fogos fossem acendidos e casas iluminadas”²²⁰

Para Aron, a Esquerda era muitas vezes percepcionada, principalmente nos anos seguintes da Grande Depressão de 1929, como uma espécie de marxismo diluído. A sua ideologia era marcada por um conjunto de ideias, muitas vezes pouco claros ou mal definidos. A nacionalização dos meios de produção, hostilidade contra as concentrações do poder económico e a fomentação de sentimentos de desconfiança e de rancor para com o mecanismo de mercado e para com o capitalismo eram pontos centrais da ideologia marxista, sendo que alguns destes elementos se encontravam presentes na esquerda, mas sem estarem tão demarcados como no marxismo. Desta forma, a esquerda era normalmente associada com os conceitos de progresso, nacionalização e controlo estatal e de igualdade económica. Aron afirma que a esquerda tende a ter uma interpretação optimista da história, ou seja, declara que o seu objectivo central e principal é o da libertação da humanidade e que é guiada

²¹⁹ Ver Tocqueville, Alexis de, 2001. *The Ancien Régime and the French Revolution*, 1ª ed., Cambridge University Press, EUA, pp.102-112.

²²⁰ Tocqueville, Alexis de, 2001. *The Ancien Régime and the French Revolution*, 1ª ed., Cambridge University Press, EUA, p. 51 - “*The government had a hand in town business in all towns, from the smallest to the largest. It was consulted about everything and had firm opinions about everything. Its rules extended even to feast days. Indeed, at times it was the government itself that insisted on manifestations of public joy and ordered that fires be lit and homes illuminated.*”

por questões humanitárias e sociais. Porém, apesar de aclamar de forma tão cerrada as suas boas intenções, para o autor, as consequências das suas acções tendem a tornarem-se negras e a criarem uma realidade pessimista. O totalitarismo, que se traduz pelo encarceramento e pela opressão ao indivíduo, acaba por ser um resultado inevitável do movimento de extrema esquerda. Movimento cuja origem teve o propósito corrigir os erros provenientes de tempos passados. Neste totalitarismo todas as liberdades humanas acabam por serem destruídas. É de se notar, que na sua obra *'The Opium of the Intellectuals'*²²¹, Aron quando se refere aos espectros políticos *'direita'* e a *'esquerda'*, coloca-os muitas vezes com a primeira letra da palavra em maiúsculas. Assumo, que ao colocar a maiúscula, Aron esteja a referir-se a direita e esquerda de uma forma genérica, não querendo indicar nenhum partido ou ideologia em particular.²²²

“A Esquerda nasceu e ganhou forma na oposição - o filho de uma ideia. Denunciava a ordem social que, como todas as coisas humanas, era na verdade imperfeita. Mas assim que a Esquerda se tornou vitoriosa e se tornou responsável pela sociedade existente, a Direita, que agora se identificava como oposição ou contrarrevolução, tinha pouca dificuldade em demonstrar o que a Esquerda representava, não a liberdade contra a autoridade ou o povo contra uns poucos privilegiados, mas um poder contra outro, uma classe privilegiada contra outra.”²²³

“O mito da Esquerda cria a ilusão que o movimento da história é um processo contínuo de acumulação de ganhos”²²⁴. Segundo Aron, a união que surgiu na Esquerda veio de um antiga crença de que o futuro revelase ser sempre melhor do que o presente, seja em circunstância for, e que existe um direção determinada quanto ao desenvolvimento político e económico. O mito da Esquerda pressupõe assim o mito do Progresso. A esquerda, ou o partido do progresso, proporciona-se à direita e sempre em oposição à ala conservadora. Têm o seu legado e a sua herança como garantias e a sua preocupação centra-se principalmente com os avanços e com o futuro. Acreditam e depositam toda a sua fé num natural e sem barreiras – progressivo – desenvolvimento. O

²²¹ Ver Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA.

²²² Ver Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p. 17.

²²³ Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p. 17 - *“The Left was born and took shape in opposition - the child of an idea. It denounced a social order which, like all things human, was indeed imperfect. But as soon as the Left was victorious and became in its turn responsible for the existing society, the Right, which was now identified with the opposition or counter-revolution, had little difficulty in demonstrating that the Left represented, not liberty against authority or the people against the privileged few, but one power against another, one privileged class against another.”*

²²⁴ Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p. 21 - *“The myth of the Left creates the illusion that the movement of history is a continual process of accumulating gains”*.

mesmo tipo de desenvolvimento que se verificou no século XVIII. Porém, este desenvolvimento tão desejado revela ser insustentável e precário, sendo impossível a sua existência continuada e constante. Com este ponto, a esquerda entre em oposição directa e cerrada com a direita.

Na sua obra *'The Politics of Faith and the Politics of Skepticism'*²²⁵, publicada em 1996, já depois da sua morte, o autor Michael Oakeshott, faz referência ao *'progressismo'* referido por Aron. E classifica-o como sendo de cariz racionalista e de estar envolto naquilo que Oakeshott designa de política de fé. Política de fé designa uma fé dogmática na razão humana. Ou seja, o indivíduo acaba por acreditar que a razão possui um poder inegável, absoluto e onnipotente. O racionalista vê a razão como o instrumento de excelência e o único possível a ser utilizado na construção de uma sociedade perfeita, acaba desta forma por incorrer a uma política de fé. Raymond Aron utiliza a designação de *"religião secular"*²²⁶ para descrever esta crença cega e total na razão.²²⁷

Para Oakeshott , "...[n]a política de fé, a perfeição humana é procurada precisamente por não estar presente: e além disso, acredita-se que não é preciso, nem que se deve, depender do trabalho da Divina Providência para a salvação da humanidade. A perfeição humana é alcançada pelo esforço humano, e pela confiança na evanescência da imperfeição que surge aqui da fé no poder humano e não pela confiança na Divida Providência."²²⁸

O ideal racionalista baseia-se assim na noção que a perfeição humana e conseqüentemente a criação de uma sociedade ideal e perfeita está ao alcance do homem nesta vida e não apenas para lá da sua morte através do divino. Graças à razão humana é possível alcançar a perfeição ainda durante a vida terrestre. A política de fé de Oakeshott adquire assim um paralelo com o mito da esquerda de Aron. A esquerda afirma de uma forma bastante confiante ser possível uma melhoria continuada das condições de vida, gerando subtilmente a ideia de

²²⁵ Ver Oakeshott, Michael, 1996. *The Politics of Faith and the Politics of Skepticism*. Yale University Press, EUA.

²²⁶ Ver Espada, João Carlos, 2008. *A Tradição Anglo-Americana da Liberdade*, 1ª ed., Princípa, Lisboa, pp. 61-71.

²²⁷ Ver Oakeshott, Michael, 1996. *The Politics of Faith and the Politics of Skepticism*. Yale University Press, EUA, pp. 22-28.

²²⁸ Oakeshott, Michael, 1996. *The Politics of Faith and the Politics of Skepticism*. Yale University Press, EUA, p. 23. - *"In the politics of faith, human perfection is sought precisely because it is not present: and further, it is believed that we need not, and should not, depend upon the working of divide providence for the salvation of mankind. Human perfection is to be achieved by human effort, and confidence in the evanescence of imperfection springs here from faith in human power and not from trust in divine providence."*

a que perfeição numa sociedade pode ser considerada como um objectivo possível de ser atingido. Como tal declara ser o partido do progresso, e considera que este progresso, esta melhoria contínua e constante das condições de vida só é atingida através de uma total aplicação da razão. Esta crença que a razão humana, e apenas ela, pode oferecer tal progresso é aquilo que Aron considera ser uma *'religião secular'*. Para o autor o marxismo, que se revê nesta fé na razão, é um dos casos práticos mais ilustrativos de uma *'religião secular'*.

É importante referir que o autor, apesar de atribuir à esquerda o título de partido do progresso, considera que a antítese entre Esquerda e Direita acabará por se tornar insignificante. Norberto Bobbio na sua obra *"Direita e Esquerda"*²²⁹ refere que o ambiente sentido vai de encontro a este ponto, afirmando que *"(...) [n]estes últimos tempos, foi por várias vezes afirmado - até se tornar um lugar comum - que a distinção entre direita e esquerda, que, a partir da Revolução Francesa e durante cerca de dois séculos, serviu para dividir o universo político em dois blocos opostos, está ultrapassada."*²³⁰. Apesar deste sentimento relativamente à questão da dicotomia entre direita e esquerda, Aron defende que, ainda assim, é evidente existir, por parte dos Intelectuais Franceses, uma maior preferência pela Esquerda .

Raymond Aron considera que o poder revolucionário é por definição um poder tirânico. A revolução tem sempre por base o desafio à lei e ordem estabelecida e tendencialmente expressa apenas a vontade e os interesses de um grupo minoritário e não representativo da população. A duração da fase tirânica de uma revolução varia consoante as circunstâncias e os acontecimentos presentes. A revolução, pela sua própria definição, não pode ser nunca evitada, caso fosse não seria uma revolução, mas sim uma reforma. Ralf Dahrendorf, na sua obra *'Must Revolutions Fail?'*²³¹, define o conceito de revolução, conceito que Aron considera como um dos elementos chave do pensamento Marxista, como uma rápida substituição e circulação de elites acompanhada por uma mudança radical de regime. Porém, o autor aponta para o facto que as revoluções acabam por falhar nos seus objectivos de criar um mundo completamente diferente daquele que pretende substituir e que desilude quem nas revoluções depositava as suas mais extravagantes esperanças. Este elemento de esperança, é no entanto um factor essencial para o despontar de uma revolução.²³² Dahrendorf aponta também, tal como Aron²³³ ou Sorel²³⁴, para a questão da violência presente nas revoluções. Estas

²²⁹ Ver Bobbio, Norberto, 1995. *Direita e Esquerda*, 1ª ed. Editorial Presença, Lisboa.

²³⁰ Bobbio, Norberto, 1995. *Direita e Esquerda*, 1ª ed. Editorial Presença, Lisboa, p. 28.

²³¹ Ver Dahrendorf, Ralf, 1997. *Must Revolutions Fail?*, in: *After 1989 - Morals, Revolution and Civil Society*. St. Martin's Press, Reino Unido, pp. 3-13.

²³² Ver Dahrendorf, Ralf, 1997. *Must Revolutions Fail?*, in: *After 1989 - Morals, Revolution and Civil Society*. St. Martin's Press, Reino Unido, p. 3-13.

começam com o rompimento da lei e ordem, no estabelecimento de uma situação de anomia, desprovida das normas e das estruturas sociais necessárias para a vida recorrente do indivíduo. É neste momento que a violência apresenta-se como uma arma deliberada para aqueles que pretendem aproveitar o caos existente e estabelecerem-se no poder como a nova elite.

“A guerra é para a direita política o que as revoluções são para a esquerda: a suspensão da sociedade normal. Em ambos casos, *as vidas privadas e as manifestações públicas fundem-se num só*, a história torna-se biografia individual e vice-versa.”²³⁵

O exercício de força pelo poder pressupõe-se que as negociações e conversações anteriores não produziram qualquer resultado ou solução para o conflito em questão - pondo em risco os mecanismos democráticos. Karl Popper refere nos seus escritos que a violência aparece quando os homens, ao possuírem interesses ou opiniões diferentes sobre determinado assunto, divergem de forma inconciliável. A incapacidade de ser tomada em consideração as opiniões de ambas as partes acaba por resultar em falta de compromisso e consequentemente na impossibilidade de resolução do conflito. Perante isto a violência acaba por vencer. As revoluções são muitas vezes cenários onde o debate não se consegue estabelecer, acabando por existir um embate de forças, em que cada parte tenta se sobrepor à outra e só terminam quando um dos lados for totalmente suprimido. Estas emoções fortes e estes sentimentos de violência são muitas vezes partilhados e vividos por cada indivíduo que nutre agora cada questão política como se de uma disputa pessoal se tratasse. O homem vê agora a sua vida pessoal entrelaçar-se com matérias políticas, deixando de haver uma clara distinção entre as duas. O elemento de violência que se presente tantas nas revoluções como nas guerras provoca fascínio ao indivíduo, mas ao mesmo faz com que este se funda na multidão e nas massas, perda a sua identidade, levando por sua vez a uma perda do sentimento de responsabilidade pelas suas acções e actos.²³⁶

²³³ Ver Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p.36-42.

²³⁴ Ver Sorel, Georges, 2004. *Reflections on Violence*, 1ª ed., Cambridge University Press, Reino Unido, p.47-108

²³⁵ Dahrendorf, Ralf, 1997. ‘Must Revolutions Fail?’, in: *After 1989 - Morals, Revolution and Civil Society*. St. Martin’s Press, Reino Unido, p. 7. - “*War is to the political right what revolutions are to the left: the suspension of normal society. In both cases, private lives and public events merge into one, history becomes individual biography and vice-versa.*”

²³⁶ Ver Popper, Karl, 1962. *Utopian and Violence*, in: *Conjectures and Refutations: The Growth of Scientific Knowledge*. Basic Books, EUA, pp. 355–363.

Aron considera que revolução e democracia são noções contraditórias. Os intelectuais admiram e deixam-se atrair pela revolução e pelo seu carácter de aventura e de excepção e veem no regime revolucionário pela violência constante que advoga. Consideram-no como sendo um instrumentos fulcral e essencial e mesmo a única via possível para se atingir os objectivos propostos por aqueles que tanto os desejam. “*A violência por si só ataca e fascina mais do que repulsa.*”²³⁷ Karl Marx, juntamente com Engels no seu ‘*Manifesto of the Communist Party*’²³⁸, afirma que a revolução será inevitável e que marca a queda do poder da classe burguesa de forma a dar lugar ao proletariado. Esta revolução, sublinha Marx, irá ser caracterizada pelo ser cariz de natureza violenta.

Segundo Marx: “...[a]o descrever as fases mais gerais do desenvolvimento do proletariado, descrevemos a guerra civil mais ou menos oculta, que lavra dentro da sociedade existente, até a um ponto que explode numa revolução aberta, e onde a queda violenta da burguesia cria a base para o domínio do proletariado.”²³⁹

Vladimir Lenin, na sua obra de 1918 ‘*The State and Revolution*’²⁴⁰, vai buscar a ideia de revolução violenta a Marx e sublinha que a realização desta é um factor indispensável para que os ideais e objectivos da ideologia comunista possam ser atingidos. A passagem de uma sociedade dominada pela classe burguesa para uma sociedade sem classes só será possível através do uso de violência. A antiga ordem só poderá ser deitada abaixo através da revolução.

²³⁷ Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p.65 - “*Violence itself attacks and fascinates more than it repels.*”

²³⁸ Ver Marx, Karl, Engels, Friedrich, 2005. *Manifesto of the Communist Party*. Progress.

²³⁹ Marx, Karl, Engels, Friedrich, 2005. *Manifesto of the Communist Party*. Progress, p.12. - “*In depicting the most general phases of the development of the proletariat, we traced the more or less veiled civil war, raging within existing society, up to the point where that war breaks out into open revolution, and where the violent overthrow of the bourgeoisie lays the foundation for the sway of the proletariat.*”

²⁴⁰ Ver Lenin, Vladimir U, 1992. The “*Withering Away*” of the State and Violent Revolution, in: *The State and Revolution*. Penguin Books, Londres, pp. 16–21.

Lenin afirma que “...[a] substituição do Estado burguês pelo Estado proletário é impossível sem uma revolução violenta. A abolição do Estado proletário, isto é, o Estado em geral, é impossível a não ser através de um processo de ‘definhamento’”.²⁴¹

Nos seus escritos Aron expôs que Marx afirmava haver uma contradição enraizada na sociedade. Esta devia-se sobretudo a uma acumulação de capital e a uma progressão de riquezas por parte de uma pequena minoria na sociedade, enquanto a maioria da população se encontrava imersa em condições precárias e de degradação. Para Marx, esta situação levaria, mais cedo ou mais tarde, a uma crise revolucionária. O proletariado, composto pela maioria da população, iria se constituir numa única classe, ou seja, uma unidade social cujo destino era a tomada do poder e a transformação social. Marx afirma que será uma revolução completamente diferente de todas as outras revoluções do passado. “*A revolução Comunista será a ruptura mais radical com as relações tradicionais(...)*”²⁴². Assinala a revolução como a passagem de uma sociedade estratificada para uma sem classes, onde todos os indivíduos saem beneficiados. Aron aponta para o facto de Marx considerar que a revolução que levará à supressão do capitalismo, será provocada pelos próprios capitalistas. O aumento dos meios de produção, provoca o aumento da classe proletariado e da sua miséria, o que irá eclodir na revolução.²⁴³ É desta dialéctica de forças e das relações de produção que surge a teoria da revolução. É assim considerada como uma necessidade histórica, e nunca um mero acidente político.²⁴⁴

Raymond Aron considerava que a atitude de alguma forma passiva e acomodada da II Internacional, a social-democracia, deveu-se sobretudo a esta ideia de Marx de que a revolução era uma necessidade histórica e que acabaria por chegar, visto esta ser considerada como inevitável. A humanidade, segundo Marx, coloca apenas problemas cuja solução é capaz de encontrar. Porém, para que a revolução fosse possível e que realmente acontecesse seria necessário deixar as forças e relações de produção evoluírem de forma a poderem chegar a um certo patamar que permitisse a revolução. A social-democracia temendo fazer a revolução fora do

²⁴¹ Lenin, Vladimir U, 1992. The “Withering Away” of the State and Violent Revolution, in: The State and Revolution. Penguin Books, Londres, p.20. - “*The supersession of the bourgeois state by the proletarian state is impossible without a violent revolution. The abolition of the proletarian state, i.e., of the state in general, is impossible except through the process of ‘withering away’*”.

²⁴² Ver Marx, Karl, Engels, Friedrich, 2005. Manifesto of the Communist Party. Progress, p.20.

²⁴³ Ver Aron, Raymond, 2010. As Etapas do Pensamento Sociológico, 9ª ed. D. Quixote, Portugal, p.153.

²⁴⁴ Ver Aron, Raymond, 2010. As Etapas do Pensamento Sociológico, 9ª ed. D. Quixote, Portugal, pp.157-158.

seu tempo e ao acreditar que esta inevitavelmente e independentemente dos seus esforços iria-se dar, acabou por não a colocar em marcha e a revolução não se veio a realizar.²⁴⁵

Para Aron, o intelectual que tinha motivações políticas fossem estas por razões pessoais, por razões recreativas ou por intenções especulativas sentia-se fascinado pela ideia de revolução. As reformas eram consideradas por ele como monótonas, pouco atractivas, e via-as como sendo pouco eficazes e sem os resultados imediatos e concretos que desejava. Para o intelectual, a revolução dá todos os instrumentos e armas necessárias para quebrar com a rotina e a monotonia do quotidiano. Fomenta também a crença que as mudanças radicais são possíveis, tendo uma aura poética e heroica de exaltação em que os oprimidos irão liberta-se e vencer os seus opressores.²⁴⁶ Uma sociedade estagnada e uma inteligência ideologicamente direccionada são dois fenómenos que parecendo contraditórios são na realidade indissociáveis. A crítica e o estado de oposição são para ele as suas funções principais e a sua missão numa realidade que olha com desdenho e que considera ser pouco atractiva e mesquinha.

Os intelectuais só irão concordar com a existência de uma sociedade se esta tiver próxima daquilo que imaginam e se esta encontrar-se em sintonia com as suas visões e ideias. Só assim o intelectual fará paz com a nação em que se inserir. Caso a sociedade não assemelhe-se aos seus ideias e as suas visões não se virem a materializar, o intelectual irá unir os seus esforços no sentido de transformar a revolução, que de outra forma era tida como um acontecimento improvável, numa possibilidade. Os revolucionários anseiam por esta explosão e os partidos políticos, embora a temam, acabam por a provocar. O seu resultado irá trazer ao de cima as feridas e os males da nação. O mito da revolução é assim um refúgio para os intelectuais utópicos, sendo algo de misterioso e um decisor imprevisível entre o real e o ideal. Segundo Aron, a palavra ‘*revolução*’ tem uma fascinação semântica para os Intelectuais Franceses, sejam eles Cristãos, Socialistas, Gaulistas, Comunistas ou Existencialistas.²⁴⁷ O Mito da Esquerda está associado com o Mito da Revolução exaltando por uma mudança súbita, total e violenta sempre que esta for desejável, como se os fins justificassem sempre os meios e como se esta fosse preferível a uma mudança gradual.

Aron afirma que “...[o] conceito de Revolução não irá cair mais em desuso do que o conceito de Esquerda. Expressa, também a nostalgia, que irá durar tanto quanto as sociedades continuarem imperfeitas e os homens ansiosos por as reformar.”²⁴⁸

²⁴⁵ Ver Aron, Raymond, 2010. *As Etapas do Pensamento Sociológico*, 9ª ed. D. Quixote, Portugal, p. 158.

²⁴⁶ Ver Aron, Raymond, 2010. *As Etapas do Pensamento Sociológico*, 9ª ed. D. Quixote, Portugal, p. 35-65.

²⁴⁷ Ver Aron, Raymond, 2010. *As Etapas do Pensamento Sociológico*, 9ª ed. D. Quixote, Portugal, p. 35-65.

O Mito da Revolução torna-se assim um complemento necessário ao mito da Esquerda. Sem violência, o progresso visualizado pela Esquerda não se pode materializar. Segundo Aron, Marx considera que o proletariado possui na sociedade o papel de ‘*salvador colectivo*’.²⁴⁹ O autor vai estabelecer, assim, um paralelo entre o pensamento Marxista e a questão religiosa. O proletariado assemelha-se ao Messias, a revolução com o corte abrupto do passado e o prometido reino da liberdade com o Reino de Deus. Para que a classe dos operários realize a sua função de ‘*salvador*’ é necessário que esta tenha dentro de si sentimentos de miséria e de frustração. Mal os trabalhadores ultrapassem este sentimento e obtenham melhores condições de vida pessoal, os intelectuais perdem automaticamente a admiração e o fascínio por estes. Os trabalhadores, por sua vez, acabam por perder o seu lugar como ‘*salvadores*’ e conseqüentemente desvanece-se o desejo por violência que tinham. Estes sentimentos de exploração e opressão que Marx insiste tanto nos seus escritos, Aron considera que não é partilhado por todos os trabalhadores. Além disso, estes sentimentos são muitas vezes mitigados devido tanto a situações de pobreza e uma extrema resignação como por melhorias verificadas nas condições de vida e trabalho.²⁵⁰

No Marxismo da juventude de Marx, o proletariado é retratado como sendo uma classe escrava nos dias de hoje. A sua missão e até mesmo a sua obrigação seria a de derrubar o seu amo e opressor, não para si mas para a sociedade. Apresentava-se assim como a prova viva de que a humanidade tinha de ser restaurada. Aron, salienta no entanto, que não existe nada que comprove que o proletariado é um revolucionário espontâneo e que o papel atribuído pelo marxismo lhe pertença verdadeiramente.²⁵¹ Segundo o autor, o argumento utilizado por Marx prende-se com o facto de o trabalhador industrial só poder tomar consciência da sua situação através da revolta. Esta apresentava-se como sendo a única alternativa possível à submissão. E para que a revolta fosse possível seria necessário que cada trabalhador individual não agisse num prisma de mera entidade isolada, mas que se inserisse num colectivo onde o mesmo infortúnio fosse partilhado por todos. O proletariado transformava-se assim numa classe, tendo como propósito adquirir uma única unidade, o que só pode acontecer através de oposição directa às outras classes existentes na sociedade, e sendo o esquema da sociedade de Marx um

²⁴⁸ Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p.64 - “*The concept of Revolution will not fall into disuse any more than the concept of the Left. It, too, expresses a nostalgia, which will last as long as societies remain imperfect and men eager to reform them.*”

²⁴⁹ Ver Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p.66.

²⁵⁰ Ver Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p.70.

²⁵¹ Ver Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p. 71.

esquema dualista, isto traduz-se por uma oposição à classe oposta, a classe burguesa. Ou seja, “(...) [o] proletariado é a sua luta contra a sociedade”.²⁵²

O proletariado, como se encontra referido por Marx, encontra-se alienado da sociedade. Faz o trabalho necessário para que lhe seja permitida a sua sobrevivência e apenas isso e fá-lo em troca de um salário oferecido pelos donos dos meios de produção.²⁵³ A causa última de opressão e exploração é assim atribuída aos instrumentos de produção. A interpretação que o Marxismo oferece da miséria do proletariado torna-se assim bastante atractiva para este, pois encontra alguém a quem pode atribuir a causa dos seus males. Aron afirma que “(...) [o] proletariado está inclinado a interpretar a sociedade como um todo de acordo com as ides da filosofia Marxista : acredita ser ele próprio a vítima do chefe, quando de facto é apenas a vítima da baixa produtividade.”²⁵⁴ A culpa última recai assim no sistema capitalista, tal como já tinha sido estudo por Joseph Schumpeter²⁵⁵.

“Mesmo em países onde registaram as melhores melhorias das condições de trabalho, nos Estados Unidos onde o empreendimento privado é globalmente aceite, ainda existe preconceito à criação de lucro, uma suspeita latente, sempre pronta a surgir à superfície, que o capitalista ou a empresa limitada, como tal, explora os trabalhadores. A interpretação Marxista vai de acordo com um enquadramento da sociedade da qual os trabalhadores subscrevem espontaneamente.”²⁵⁶

No entanto Aron considera que a atitude dos intelectuais para com o proletariado não é totalmente clara e perfeita. O autor considera existir uma ponta de desilusão sentida pelos intelectuais, mesmo de uma forma

²⁵² Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p.72. - “(...) [t]he proletariat is its struggle against society.”

²⁵³ Ver Marx, Karl, 1992. *Capital. A Critique of Political Economy*. Penguin Classics, England, p.716.

²⁵⁴ Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p.76 - “We have seen that the proletariat is inclined to interpret society as a whole according to the ides of Marxist philosophy: it believes itself to be the victim of the boss, when in fact it is mainly the victim of low productivity.”

²⁵⁵ Ver Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido. p.128-138

²⁵⁶ Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p.74. - “Even in the countries where working conditions have been most improved, in the United States where private enterprise is in general accepted, there is still a prejudice against profit making, a latent suspicion, always ready to sling to the surface, that the capitalist or the limited company, as such, exploit their workers. The Marxist interpretation accords with the outlook on society to which the workers spontaneously subscribe.”

inconsciente, pela atitude que o proletariado demonstra ter. Sente que este abdicam de forma muito rápida dos seus ideais sempre que existe a oportunidade de obter ganhos imediatos ou de uma melhoria na sua condição individual. O intelectual, atraído por uma emancipação idealizada da classe operária, demonstra descontentamento e desagrado por uma emancipação real criada pela indústria e comércio livre. Os trabalhadores tendem, por vezes, fazer julgamentos simplificados quando criticam o sistema capitalista, atribuindo-lhe como a principal causa de miséria e pobreza. Estes julgamentos são fomentados e encorajados pela propaganda comunista. Para o autor, a doutrina que os comunistas insistem em implementar nos seus seguidores, a de que é a revolução que irá trazer a libertação da classe trabalhadora, não se encontra verdadeiramente presente no pensamento de grande parte da classe do proletariado.²⁵⁷

“Longe de ser a ciência do infortúnio da classe trabalhadora, o Marxismo é uma filosofia intelectual que seduziu certos grupos do proletariado; longe de ser uma filosofia iminente do proletariado, o Comunismo apenas faz uso da sua pseudo-ciência de forma a obter o seu próprio fim, a tomada do poder. Os próprios trabalhadores não acreditam de que são os escolhidos para salvar a humanidade. Pelo contrário, eles anseiam pela condição de burguesia.”²⁵⁸

Aron refere aqui que o intelectual cai na ilusão e sucumbe ao desejo de acreditar que o proletariado é a classe escolhida e é a classe detentora da missão de salvar a sociedade e a humanidade. Acaba também por cair no erro de acreditar que o proletariado assumirá de forma plena e total o seu papel e a missão que lhe foi incumbida. O intelectual acredita que irá resistir a qualquer obstáculo ou a qualquer sedução ou atracção por ganhos individuais e materiais que se poderão vir a cruzar no seu caminho. Porém para desagrado dos verdadeiros marxistas e da classe intelectual, o proletariado acaba por não tencionar, e nem sequer desejar, assumir esta função atribuída. A maioria dos indivíduos que constituem a classe do proletariado apenas desejam obter melhorias nas suas condições de vida e de trabalho. O seu sonho não passa pela salvação da humanidade, mas sim a de vir atingir uma posição social desejável, como a da classe burguesa. Assim, as virtudes necessárias

²⁵⁷ Ver Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p.83.

²⁵⁸ Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p.83 - “*Far from being the science of working class misfortune, Marxism is an intellectualist philosophy which has seduced certain groups of the proletariat; far from being the immanent philosophy of the proletariat, Communism merely makes use of this pseudo-science in order to attain its own end, the seizure of power. The workers do not themselves believe that they have been chosen for the salvation of humanity. On the contrary, they hanker after the condition of the bourgeoisie.*”

e essenciais que o marxismo atribui à classe do proletariado para que este venha a desempenhar o seu destino, perdem-se e extinguem-se quando deparadas com a vontade de ascensão material.

“Os revolucionários idealistas atribuem à classe trabalhadora a missão sobre-humana de por um fim a todos os males tangíveis da sociedade industrial. Eles não têm a honestidade de admitir que o proletariado, assim que se torna de forma gradual e inevitavelmente mais burguês, que perde as virtudes que parecem valer a pena a sua vocação.”²⁵⁹

Aron considera que a ideologia marxista encerra em si características semelhantes à experiência religiosa. O proletariado e os militantes do partido, ou seja, os fiéis à doutrina marxista, tal como os cristãos, fiéis ao Cristianismo, vivem e regem-se pela ideia do novo mundo. Enquanto o primeiro procura o novo mundo da felicidade e realização suprema na terra, o segundo procura-a na outra vida. Mas em ambos dos casos este novo mundo, seja o terrestre ou o celestial, é considerado como sendo o paraíso desejado. E para que possam aceder a este paraíso é necessário o cumprimento de uma série de condições, sendo apenas os mais verdadeiros seguidores e aqueles que cumprirem todos os requisitos ou mandamentos ditados que podem aceder à possibilidade de entrarem neste reino prometido.

“Os Comunistas, que declaram ser sem qualquer vergonha ateus, são apesar de tudo imprecados com fé; eles não têm como objectivo exclusivo a exploração racional dos recursos naturais e a vida comunal; eles aspiram o controlo de todas as forças cósmicas e todas as sociedades em ordem de resolver o enigma da história e desviar a humanidade da meditação da Queda para um caminho de autossuficiência.”²⁶⁰

As doutrinas do progresso baseiam-se no ideal de que seria necessário os esforços de uma classe ‘iluminada’, sendo a classe do proletariado a designada para este lugar, “...[a]creditar no Proletariado é

²⁵⁹ Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p.90. - “*Idealist revolutionaries assign to the working class the superhuman mission of putting an end to the all tangible evils of industrial society. They have not the honesty to admit that the proletariat, as it becomes gradually and inevitably more bourgeois, loses the virtues which seemed to make it worthy of this high calling.*”

²⁶⁰ Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p. 85.- “*The Communists, who claim quite unashamedly to be atheists, are nevertheless imbued with a faith: they do not aim exclusively at a rational exploration of natural resources and of communal life; they aspire to control all cosmic forces and all societies in order to solve the riddle of history and to turn mankind away from meditation on the Fall on to the path of self-sufficiency.*”

acreditar na eleição pelo infortúnio... quem fala em nome do Proletariado... não espera mais uma evolução progressiva da ordem natural, mas confia na revolta suprema dos escravos de forma a eliminar a escravidão.”²⁶¹. Estas ideias tornam-se assim frívolas graças ao erro intelectual que deriva do facto de este possuir uma crença excessivamente optimista do sonho ajustado a uma visão negativa e desajustada da realidade.

Muitos intelectuais franceses não davam a sua devida atenção às mudanças da estrutura económica da sociedade. Focavam os seus esforços na glorificação do proletariado e consideravam-no ser um elemento essencial da desejada revolução e possuidor de todas as virtudes da humanidade. Os seguidores do existencialismo, em especial Sartre, procediam em identificar as questões segundo este ideal e não com os verdadeiros problemas do proletariado ou da sociedade. Concentravam-se numa realidade por eles imaginada e que ia de encontro com os ideais do Partido Comunista e recusavam olhar para a verdadeira. Uma crítica dirigida ao Partido Comunista, sendo as suas imperfeições e crimes bastante evidentes, era vista pelos intelectuais como uma crítica directa ao proletariado e assim inconcebível. Sartre apresenta uma atitude de negação perante a realidade. *“É verdade, no entanto, que Estaline ordenou massacres e transformou o país da revolução num estado policial; ele encontrava-se realmente convencido que a União Soviética só conseguiria atingir o comunismo se passa-se por um campo de concentração socialista. Mas como uma das nossas testemunhas refere, quando o poder estabelecido julga ser útil contar a verdade, é porque não existe uma melhor mentira disponível. Essa verdade, vinda de bocas oficiais, torna-se nada mais que uma mentira corroborada por factos.*”²⁶² Ao olhar para o exemplo de Estaline estabelece outras justificações para explicar o regime totalitário na União Soviética, como por exemplo o culto de personalidade a Estaline, sem por em causa o sistema marxista em si. Acusa Estaline de delusão e de incorrer em equívoco em relação ao caminho que deve ser escolhido para chegar ao comunismo. Mas a acusação ao próprio sistema não é feita.

²⁶¹ Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p.95 - *“...to believe in the Proletariat is to believe in election by misfortune...who speaks in the name of the Proletariat...does no longer expect the progressive evolution of a natural order but relies on the supreme revolt of the slaves to eliminate slavery.”*

²⁶² Sartre, Jean-Paul, 2008. *Between Existentialism and Marxism*. Verso, EUA, p. 101 - *“It was true, however, that Stalin had ordered massacres and transformed the country of socialist revolution into a police state; he had been truly convinced that the Soviet Union could only reach communism by passing through a concentration-camp socialism. But as one of our Witnesses acutely remarks, when established power judges it useful to tell the truth, it is because it has no better lie available. Such a truth, issuing from official mouths, becomes no more than a lie corroborated by facts.”*

Expectativa política

Aron afirma que o optimismo histórico, a ideia de um progressismo que encaminha a sociedade sempre para uma posição melhor do que aquela em que se encontra, quando tingido de algum pessimismo, desagrado e frustração pela situação presente, provoca o desejo e uma extrema vontade de transformar a ordem presente da sociedade e faz unir todas as forças de forma a tentar alcançar uma que seja radicalmente diferente e que se aproxime mais com os ideais sonhados. Isto provoca uma fé nos partidos progressivos, na violência, na seleção e elevação de uma classe em específico de forma a realizar a transição pretendida para a criação da sociedade desejada, seja ela feita de forma gradual ou abrupta. Este esforço termina em frustração e desilusão, devido à uma essência imutável das estruturas sociais. Todas as mudanças propostas acabam por não se realizar devido à impossibilidade de se mudar a ordem social, a natureza do *homo politicus*. Assim, de forma inevitável, o teórico tem uma tendência para se inclinar para uma visão negativa da política. Olha para o homem com desagrado e pouca satisfação, aspirando por um poder e prestígio pessoal que não consegue alcançar.

“Quem entra na arena política e adquire um desejo por poder é responsável por lançar a República para o caos, simplesmente para satisfazer as suas ambições e se vingar nos seus oponentes invejados.”²⁶³

A sociedade actual, apesar de toda a propaganda e das palavras dos teóricos, ainda consegue perceber que existe uma diferença evidente entre expectativa e realidade. O facto de ter havido uma racionalização pela ciência não deu aos intelectuais e aos descontentes com a sociedade actual um carácter mais pacífico. A sociedade actual trouxe consigo uma maior evolução e mais melhorias em termos tecnológicos e em termos de qualidade de vida comparativamente com os tempos antigos. Porém, mesmo apesar destas melhorias, os optimistas não admitem que ainda existem situações de miséria e de pobreza e ao julgarem a sociedade, julgam-na através de parâmetros de avaliação antigos de trabalho e poder.

²⁶³ Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p.98 - “Whoever enters the political arena and acquires a taste for power is liable to throw the Republic into disorder merely to satisfy his ambitions and avenge himself on his envied opponents.”

“Quando se observa o funcionamento de uma Constituição ou de um sistema económico, ficamos com a impressão, provavelmente falsa e certamente superficial, que o acaso, a tradição, ou a loucura continuam a governar. A forma como os homens vivem juntos parece absurda aos olhos daqueles cujo ideal é governar através da razão tecnológica. Ao se confrontarem com esta desilusão, a reação dos intelectuais é tentar descobrir as causas da disparidade entre os sonhos de ontem e a realidade, ou então considerar esses sonhos uma vez mais e projecta-los nas totalmente diferentes realidades de hoje.”²⁶⁴

A miséria, a pobreza, as desigualdades económicas que ainda estão presentes na sociedade não têm lugar na sociedade imaginada pelos intelectuais. O facto de haver um maior avanço tecnológico e de este não estar, pelos menos na opinião dos intelectuais, a contribuir de forma total para erradicar a miséria e as diferenças na sociedade é para eles inadmissível e culpam o próprio sistema nesta questão. Para eles o sistema de mercado e o sistema actual é marcado por caos, por loucura e servidão, quando o seu controlo de forma racional e planificada já se torna possível. Concebem assim uma ideia para a sociedade, uma realidade concebida pela sua mente e que consideram ser como a ideal e a mais adequada. Porém, ao observarem que tal não acontece e que a realidade da sociedade se encontra bastante afastada da realidade por eles imaginada, tentam discernir as razões de tal desfasamento e procuram por tudo, pondo em prática todos os meios aos seu dispor, aproximar a realidade actual com aquela que consideram ser a eleita.

²⁶⁴ Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p. 100 - “*When we observe the functioning of a constitution or of an economic system, we have the impression, probably false and certainly superficial, that chance or tradition or madness continue to rule. The way men live together seems absurd to those whose ideal is the rule of technological reason. Faced with this disillusionment, the reaction of the intellectuals is to try to discover the causes of the gap between the dreams of yesterday and the reality, or else to take up these dreams once more and project them on to the quite different realities of today*”

O intelectual em Aron

A classe intelectual, mesmo a existente nos países Anglo-Saxónicos, onde o *'Capital. A Critique of Political Economy'*²⁶⁵ não era considerada como sendo uma leitura habitual, aceitava de forma quase instintiva e imediata as ideias e princípios lá figurados. Um revolucionado quando obtém a tão desejada vitória na revolução à coloca-se, a si e a sua consciência em teste. Dantes ocupava a posição de um rebelde idealista contra a ordem estabelecida e contra o poder no governo, e agora, graças à vitória da revolução, vai se encontrar na posição oposta aquela que figurava. Tem agora uma posição de privilégio, enquanto a *sociedade, depois de uma alternância entre entusiasmo e violência, regressa à sua rotina habitual*. Os revolucionários e crentes tendem para uma das duas atitudes: ou estabelecem um novo regime e concentram os seus esforços da sua manutenção, de forma a que este seja verdadeiro às suas inspirações e ideais e que se encontre encaminhado para a realização dos seus objectivos; ou denunciam a disparidade entre as promessas anteriores à revolta e ao Estado actual criado por burocratas.

O intelectual comunista na União Soviética tende mais para a primeira atitude: o seu desanimo e frustração, proibido de ser expresso através de manifestações e revoltas, acaba por se traduzir numa reserva mental. Porém, acredita que a sua situação é tida por necessidade e que é apenas circunstancial, mas considera, apesar de não poder afirmar ou admitir perante o seu público, que esta encontra-se longe do seu ideal imaginado. No outro lado da cortina de ferro, em particular na França, é a segunda atitude a mais encontrada entre a classe intelectual. Trotskistas acabam por ter uma atitude hostil ao mundo burguês, apesar de este ser aquele que permite a sua sobrevivência e dá espaço para a livre expressão das suas opiniões. Mantêm a nostalgia de um mundo e de uma realidade que, em termos reais, procederia imediatamente à eliminação das suas posições e até dos indivíduos que as ocupem e extinguiria todas as suas opiniões e observações. Mas sendo que esta é uma realidade que se encontra bastante distante, acaba por fazer parte dos seus sonhos e consideram-na como sendo a única realidade protectora da causa do proletariado.

“É sempre surpreendente que um pensador deva parecer indulgente para uma sociedade que não o toleraria e implacável para aquela que o honra. (...) Porque é que este filosofo raciocina como

²⁶⁵ Ver Marx, Karl, 1992. *Capital. A Critique of Political Economy*. Penguin Classics, Inglaterra.

se a liberdade, sendo que a ausência desta o condenaria ao silêncio ou obediência, não tivesse qualquer valor?”²⁶⁶

Aron afirma que a classe intelectual começa com a ideia da identificação do homem pelo homem, procedendo depois para a revolução onde atribuem à classe do proletariado, e apenas a ela, a única classe com a capacidade de a fazer. O intelectual acaba também por subscrever a declaração que o Partido Comunista é o único representativo possível do proletariado. No entanto, as suas ideias são assombradas pela realidade Estalinista e pelos desenvolvimentos e acontecimento que lá acontecem. Porém, apesar de os intelectuais olharem para tais com acontecimento com algum desanimo e preocupação, continuam a não os questionar nenhuma das antigas premissas do argumento ideológico. Os intelectuais não examinam a validade do ideal em questão, a natureza da missão do proletariado, da técnica Bolshevista de acção ou de uso de força aplicada em todo o planeamento. Convencem-se cegamente, como podemos ver anteriormente e sendo Sartre e os filósofos existencialistas os exemplos mais ilustrativos desta questão, que se uma revolução levada em nome de Marxismo terminar em tirania, a culpa não pertencerá nem a Marx nem a qualquer interpretação deste.²⁶⁷

O autor considera que, desta forma, tanto os Comunistas Ortodoxos como os idealistas de esquerda começam por distanciar e por retirar a responsabilidade do actor relativamente ao seu próprio acto, dos seus motivos e intenções e das circunstâncias envoltas na acção. As acções são assim formatadas e manipuladas de forma a poderem ser inseridas e adaptadas nas suas interpretações de eventos. É desta forma chamar a atenção para a necessidade de voltar ao momento da decisão e examinar pormenorizadamente todas as circunstâncias que nela tiveram envolvidas. Através de uma profunda análise da situação, a sua interpretação será mais consciente; existirá uma maior compreensão em relação a resultados que não tinham sido previstos. Também criar espaço para haver uma maior aceitação com a ideia que causas contrárias podem ser em parte legítimas ou correctas. É assim necessário afastar o dogmatismo, geralmente utilizado como árbitro da verdade.²⁶⁸

²⁶⁶ Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p. 127 - *“It is always astonishing that a thinker should appear indulgent to a society which would not tolerate him and merciless to the one which honors him” “Why does this philosopher reason as if liberty, in the absence of which he would be condemned to silence or obedience, were worth nothing?”*

²⁶⁷ Ver Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p.119.

²⁶⁸ Ver Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, pp.119-120.

“Aquele que afirma formular o derradeiro veredicto é um charlatão. Nem a História é o tribunal supremo e não irá pronunciar a sentença no dia do juízo final; nem a consciência (ou Deus) é o juiz da História e o futuro não apresenta maior autoridade que o presente.”²⁶⁹

As sociedades industriais apresentavam, na década de 50, um maior número de trabalhadores não manuais, tanto em termos absolutos ou relativos, relativamente a sociedades anteriores. Os trabalhadores das sociedades modernas apresentam um nível de qualificações e educação superior, do que alguma vez foi observado. Existe também uma maior independência de estudo das doutrinas religiosas, sendo que antigamente os homens de culto se encontravam ligados e completamente dependentes da Igreja.

“...todos os regimes políticos oferecem oportunidades para aqueles que possuem a habilidade de manipular palavras e ideias. Não é mais necessário o homem militar, dependente da sua coragem ou sorte, que acede ao trono, mas o orador, o homem que sabe como convencer uma multidão ou o eleitorado ou o parlamento, o doutrinário que elaborou um sistema de pensamento.”²⁷⁰

Aron afirma ter sido sempre muito comum o facto de os escritores e homens de letras oferecerem os seus serviços a um determinado regime. No entanto, verificava-se agora que o governo e os actores políticos revelam ter uma necessidade extrema de apostar e possuir numa componente oratória mais forte. Esta componente oratória acaba por estar ligada a medidas propaganda e a formas de atrair e chamar mais eleitores para os seus partidos ou para apoiar os governos estabelecidos. Junta-se assim uma faceta propagandística ao teórica. E esta acaba por ter uma função tão essencial e central que o teórico acaba por se fundir no propagandista. Como exemplo, vemos ver o secretário geral do partido, aquele que elabora a doutrina, a ser o mesmo indivíduo que guia a revolução.

²⁶⁹ Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8^a ed., Transaction Publishers, EUA, p. 133 - “*Anyone who claims to formulate a definitive verdict it is a charlatan. Either History is the ultimate tribunal and it will not pronounce sentence until the day of judgment; or conscience (or God) is the judge of History and the future has no more authority than the present.*”

²⁷⁰ Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8^a ed., Transaction Publishers, EUA, p. 205 - “*... every political régime offers opportunities to those who possess the ability to manipulate words and ideas. It is no longer the military man, relying on courage or good luck, who accedes to the throne, but the orator, the man who knows how to convince the crowd or the electorate or parliament, the doctrinaire who has elaborated a system of thought.*”

“Mais numerosos, mais emancipados, mais influencias, mais próximos dos centros de poder - como, nos nossos dias, parece se ter tornado a categoria social a que vagamente designamos pelo termo ‘inteligência’. A variedade de definições a ele aplicado é em certos aspectos revelador; ajudam a desvendar as características heterogêneas da espécie.”²⁷¹

No seu sentido mais lato, o termo intelectual serve para cobrir todos os trabalhadores não manuais. Porém, em França ou Inglaterra, raramente é assim utilizado, sendo que as qualificações necessárias para poder classificar alguém de intelectual vão aumentando, à medida que o número de trabalhadores não manuais vai sendo maior e mais diversificado. Uma segunda e mais estreita definição incluiria apenas especialistas e homens de letras. Na União Soviética a tendência é designar o intelectual como uma categoria de indivíduos que adquiriram o seu conhecimento e as qualificações necessárias para o exercício de funções tecno-burocráticas através de ensino e educação, em universidades e escolas técnicas. No Ocidente a definição de intelectual tende mais para a figura cuja ocupação principal seja a de escrever, ensinar, pregar, aparecer em palco, ou a prática de artes retóricas.

“Todas as doutrinas, todos os partidos - tradicionalismo, liberalismo, democracia, nacionalismo, fascismo, comunismo - tiveram e continuam a ter os seus oráculos e os seus pensadores. Em cada campo, os intelectuais são aqueles que transformam opiniões e interesses em teorias; por definição, eles não se contentam meramente em viver, eles querem pensar na sua existência.”²⁷²

Norberto Bobbio, na sua obra “Dicionário de Política”²⁷³, dedica uma entrada ao conceito do intelectual e tal como os autores Schumpeter, Hayek e Aron, chama a atenção para a especificidade deste conceito e de como este pode-se repartir em duas definições e significados diferentes. O primeiro sentido que o autor atribui ao conceito vai de encontro com a ideia de um especialista ou profissional em determinada área de estudo. Por

²⁷¹ Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p.205 - “*More numerous, more emancipated, more influential, nearer the centre of power - such, in our day, does the social category which we vaguely designate by the term ‘intelligentsia’ seem to have become. The variety of definitions applied to it are in certain respects revealing; they help to unravel the heterogeneous characteristics of the species.*”

²⁷² Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p.209 - “*All doctrines, all parties - traditionalism, liberalism, democracy, nationalism, fascism, communism - have had and continue to have their oracles and their thinkers. In each camp, the intellectuals are those who transform opinions or interests into theories; by definition, they are not content merely to live, they want to think their existence.*”

²⁷³ Ver Bobbio, Norberto, 1983. *Dicionário de Política*, 11ª ed., Editora UnB, Brasil, pp. 637 - 640

outro lado o segundo sentido atribuído é aquele que se encontra como objecto de estudo e o que desperta maior curiosidade e considerações políticas. Para Bobbio o intelectual é como um escritor ‘comprometido’²⁷⁴. Sendo que, de forma mais ampla, o termo aplica-se também a artistas, estudiosos, cientistas e em geral quem tenha adquirido certa influência e controlo no maneio dos debates políticos. Esta definição, afirma o autor, interliga-se com o problema do comportamento político dos intelectuais e a sua atitude crítica e problematizante, que os inclina para o espectro político de esquerda e também para o apoio militante de movimentos revolucionários, não sendo poucos os casos deste último. Bobbio aponta para o facto de este segundo significado do termo ter presente, de forma subentendida, uma opção polémica de uma determinada posição ou alinhamento ideológico, a insatisfação por cultura que não se torna política, ou por uma política que não quer entender as razões da cultura.²⁷⁵

Para Aron, existe assim uma base de verdade na noção utilizada por diversos autores (entre eles J. Schumpeter²⁷⁶) que os intelectuais são revolucionários por profissão. O autor não coloca nenhuma referência onde foi buscar esta ideia e os autores em questão. O intelectual não se dedica puramente às questões teóricas e raramente são uma comunidade fechada em si mesmo. A classe intelectual é sempre mais aberta socialmente do que a classe de governantes e esta democratização tende-se a tornar mais desmarcada devido à grande procura de técnicos e especialistas das sociedades industriais. Na União Soviética, o grande número de intelectuais trabalhou de forma a responder e justificar aos interesses do partido e dos homens de poder, e usava, de forma bastante recorrente e constante, o argumento que as melhorias económicas e a melhoria das condições de vida, que na realidade eram os resultados inevitáveis do desenvolvimento económico, eram frutos do socialismo. Os filhos das classes mais baixas, ao terem agora uma educação superior que só lhes foi possível devido ao sistema capitalista, anseiam por uma mudança social drástica e radical e preferem-na à alternativa de tentarem-se inserir no sistema de valores actual e numa sociedade criada pela velha classe governante. Devido a este desajuste cria-se uma tendência para haver uma crítica constante e realizada de forma quase arbitrária à ordem estabelecida. O risco desta atitude parte do facto que a ordem estabelecida é apenas criticada por esta ser a ordem que está naquele momento no poder, sendo este tipo de crítica a atitude e função habitual do intelectual. Este ao criticar o país, nação ou instituição em que se inserem usam como medida de comparação os seus ideais teóricos e as suas realidades imaginadas e idealizadas, mas nunca outras realidades existentes ou passadas. Assim sendo, a

²⁷⁴ Ver Bobbio, Norberto, 1983. Dicionário de Política, 11ª ed., Editora UnB, Brasil, p. 638.

²⁷⁵ Ver Bobbio, Norberto, 1983. Dicionário de Política, 11ª ed., Editora UnB, Brasil, pp. 637-640.

²⁷⁶ Ver Schumpeter, Joseph, 2010. Capitalism, Socialism and Democracy, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, pp.149-208.

probabilidade de uma organização humana passar de forma bem sucedida a este tipo de escrutínio e avaliação é bastante reduzida ou até mesmo impossível.

“O Intelectual é o homem das ideias e o homem da ciência. Ele subscreve à crença do Homem e Razão.”²⁷⁷

O intelectual tem por norma passar julgamento à ‘*desordem estabelecida*’, sendo que este processo é dividido em três passos: o censura técnica, onde o intelectual sugere medidas concretas cujo objectivo é o de atenuar os males existentes e tendo presente as restrições legais e políticas existentes. O segundo passo, a censura moral, traduz-se numa revolta e frustração do estado presente da situação, que apesar de haver pouca consciência das consequências deste acto, acaba por se tornar algo inevitável. Por fim a censura ideológica ou histórica consiste num ataque directo à sociedade em nome de um futuro promissor, desejando desenhar um diagrama de uma sociedade e ordem radicalmente diferente à existente, e onde o homem está destinado cumprir a sua verdadeira vocação.²⁷⁸ Karl Popper, na sua obra ‘*The Poverty of Historicism*’²⁷⁹ advertia sobre os perigos da construção de um diagrama de raiz de uma sociedade.

“Engenharia social holística ou utópica, em oposição da engenharia social parcelar, nunca é de carácter ‘privado’, mas sempre de carácter ‘público’. Destina-se à remodelação de ‘toda a sociedade’ de acordo com uma planta ou diagrama definido; destina a ‘aproveitar as posições chaves’ e ampliar ‘o poder do Estado...até o Estado se torna quase idêntico com a sociedade, e destina-se, além disso, controlar essas ‘posições chave’, as forças históricas que moldam o futuro de uma sociedade em desenvolvimento: seja por atrasando esse desenvolvimento, ou por antecipar o seu curso e ajustar a sociedade a ele.”²⁸⁰

²⁷⁷ Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p.210 - “*The Intellectual is the man of ideas and the man of science. He subscribes to a belief in Man and Reason*”

²⁷⁸ Ver Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, pp.210-211

²⁷⁹ Ver Popper, Karl, 1957. *The Poverty of Historicism*, 1ª ed., The Beacon Press, EUA, pp.35-54.

²⁸⁰ Popper, Karl, 1957. *The Poverty of Historicism*, 1ª ed., The Beacon Press, EUA, pp. 66- 67. - “*Holistic or Utopian social engineering, as opposed to piecemeal social engineering, is never of a 'private' but always of a 'public' character. It aims at remodelling the 'whole of society' in accordance with a definite plan or blueprint; it aims at 'seizing the key positions' and at extending 'the power of the State . . . until the State becomes nearly identical with society', and it aims, furthermore, at controlling from these 'key positions' the historical forces that mould the future of the developing society: either by arresting this development, or else by foreseeing its course and adjusting society to it.*”

Cada uma destes passos tem um função específica e cada um deles é assombrado por uma certa degradação. Os técnicos são arrastados pela incorrigível natureza do conservadorismo e os moralistas oscilam entre a resignação de facto e a intransigência verbal: acabam por dizer não a tudo o que é dito e no entanto tendem a aceitar tudo o que acontece.

“Já foi à um tempo distante em que o acto de criticar podia ser considerado como uma prova de coragem, pelo menos nas nossas livres sociedade Ocidentais.”²⁸¹

Os intelectuais relativamente a questões políticas confundem se muitas vezes com as restantes classes. As opiniões de professores ou escritores apresentam semelhantes conhecimentos deficientes, opiniões tradicionais pré-concebidas e sendo de preferência mais estéticas que racionais, do que os comerciais e empresários. As atitudes dos intelectuais podem ser também explicadas por referência às suas origens sociais e considerações profissionais. Inevitavelmente os intelectuais profissionais transferem para a sua esfera política os hábitos de pensamento adquiridos no decorrer da procura pela sua vocação.

A relação entre o intelectual e a classe governante é vista como sendo recíproca. O intelectual prefere-se afastar e não sente qualquer identificação com as preocupações e interesses daqueles que governam, administram ou criam riqueza, enquanto os governantes olham para os intelectuais, para os *'jogadores de palavras'*²⁸² com desagrado e repugnância e dão abertura a um clima de hostilidade cerrada para com estes. Os intelectuais tendem assim a ser menos cooperativos para com as ideias modernas que a classe privilegiada detém, o que os faz serem mais incapazes de conseguir assegurar o poder da nação e do progresso económico, Deste forma, os intelectuais inclinam-se para a dissidência.

“Ele pode acreditar ser indiferente à riqueza ou poder, mas nunca é indiferente à glória nacional, sendo que o alcance e influência do seu trabalho, depende parcialmente disso.”²⁸³

²⁸¹ Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p. 212 - “*It is a long time since criticism could be regarded as a proof of courage, at least in our free Western societies*”

²⁸² Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p. 215 – “*word spinners*”

²⁸³ Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p. 217 - “*He may believe himself to be indifferent to wealth or power, but he is never indifferent to national glory, for the scope and influence of his work partly depends on it.*”

A sociedade de prestígio concorda com a ideia que os homens de ideias também influenciam os julgamentos dos homens práticos. O destino da nação depende muitas das vezes da influência exercida pelas atitudes e movimentações da classe dos intelectuais. Esta influência, apesar de ser bastante subtil, pode ser encontrada em diversas esferas da sociedade, como por exemplo na esfera social, económica e política.

”Porque é que um grande número de intelectuais criam a excepção numa sociedade que lhes proporciona com uma qualidade de vida honrada (considerando os recursos colectivos do país), não lhes coloca qualquer impedimento no seu modo de ser, e proclama que os trabalhos da mente representam os valores supremos?”²⁸⁴

A maioria dos intelectuais que demonstram um interesse na política tornam-se rancorosos porque sentem que foram defraudados relativamente à sua expectativa. Prosperidade, poder, e tendência para uma uniformidade de condições económicas são os resultados atingidos por iniciativa privada e competição, por outras palavras, por capitalismo. Sendo o sistema de excelência pelo qual qualquer intelectual moderno tem sido ensinado a desprezar e educado a revoltar-se contra este. Por sua vez é ensinado a glorificar o Estado intervencionista. Os intelectuais tendem a considerar que o sucesso económico no sistema capitalista deixa-se acompanhar de um preço demasiado elevado e excessivo. O estilo de vida nas civilizações industriais, a frieza das relações humanas, a força e poder do dinheiro, apresentam-se como ameaças e imperfeições desnecessárias perante os olhos do intelectual criado na tradição europeia. Estas, no entanto, são apenas consideradas como os custos necessários (por vezes temporários e inevitáveis) do progresso económico e no melhoramento de condições de vida. Desta forma, os intelectuais estão inclinados em termos ideológicos a conduzir principalmente o debate em duas áreas distintas: a área económica e a área diplomática.

“Intelectuais sofrem da sua incapacidade de alterar o curso dos acontecimentos. Mas subvalorizam a sua influência. Num sentido a longo prazo, políticos são discípulos de académicos e escritores. A doutrina do liberalismo está errada em igualar o processo do socialismo com a difusão de falsas ideias. Não é menos verdade que as teorias ensinadas nas

²⁸⁴ Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p. 220 - “*Why do so many intellectuals take exception to a society which provides them with an honorable standard of living (considering the collective resources of the country), puts no impediments in their way, and proclaims that the works of the mind represent the supreme values?*”

universidade se tornam, dentro de poucos anos, verdades aceites por ministros e administradores.”²⁸⁵

Seja por que questão de valores, meios, ou de um distante futuro, a ciência não evita o jogo de ideias, mas obriga os intelectuais a encararem de frente a realidade existente e as provas apresentadas. Em alguma forma, preserva e abriga o intelectual de se deixar cair na nostalgia do passado e desapaixona-o da revolta contra o presente, encorajando-o a pensar seriamente e de forma clara no mundo antes de pensarem em mudanças drásticas e radicais do mundo actual.

Aron parte para o estabelecimento de um paralelo entre socialismo e religião e entre a disseminação do Cristianismo no mundo antigo e a disseminação do Marxismo no mundo contemporâneo. ‘*Religião secular*’ torna-se assim um termo recorrente e central no seu pensamento. Nesta sua análise identifica um elemento que considera como sendo o elemento comum em ambas comparações e fulcral em todos os conceitos, o de igualdade clássica.²⁸⁶

²⁸⁵ Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p. 248 - “*Intellectuals suffer from their inability to alter the course of events. But they underestimate their influence. In a long term sense, politicians are the disciples of scholars or writes. The doctrinaire of liberalism is wrong to equate the progress of socialism with the diffusion of false ideas. It is none-the-less true that theories taught in universities become, within a few years, truths accepted by ministers or administrators.*”

²⁸⁶ Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p. 265 - ‘*secular religion*’

A Promessa Marxista

A doutrina oferece aos verdadeiros Comunistas uma interpretação global do universo: estabelece sentimentos de carácter semelhantes aqueles vividos nas antigas cruzadas; reorganiza a hierarquia de valores; e estabelece novas normas de boa conduta. Como podemos ver por Sartre, o marxismo apresenta uma sedução total e cerrada para aqueles que se consideram como crentes ou para os intelectuais, “...[o] que começou a mudar-me foi a realidade do marxismo, a pesada presença no meu horizonte das massas de trabalhadores, um enorme, sombrio corpo que vivia o marxismo, que o praticava, e que à distancia exercitava uma atracção que os intelectuais da pequena burguesia eram incapazes de resistir.”²⁸⁷ O Comunismo exerce tanto no indivíduo como na alma colectiva, emoções e sentimentos semelhantes aquelas que os sociólogos atribuem às religiões. Relativamente à questão de ausência do transcendente e do sagrado, os comunistas não o negam categoricamente, mas lembram que muitas sociedades ao longo dos séculos foram ignorantes quanto ao divino, às obrigações e às devoções que hoje são consideradas como religiosas. Aron argumenta que este género de argumentos foge à verdadeira questão.

O Comunismo desenvolveu-se a partir de uma doutrina económica e política durante um período em que a autoridade da igreja e a vitalidade espiritual registavam um declínio. Paixões e sentimentos que noutros tempos teriam sido direccionados para as crenças religiosas, estavam agora a ser canalizados para questões políticas. Onde outrora os homens criavam conflitos devido as suas diferenças religiosas, criavam agora conflitos pelos sistemas políticos que lhes parecesse oferecer maiores oportunidades de conforto na sua vida terrena.

Aron não nega a possibilidade de a democracia ou o nacionalismo poderem provocar paixões fervorosas que se encontrem ao mesmo nível daquelas nutridas pelos ideais de uma sociedade sem classes. No tempo que os valores supremos estavam interligados com a realidade política, os homens chegavam a ser tão fanáticos nas suas convicções para a independência nacional como para a alegada ordem ideal. Neste sentido algo vago, os movimentos políticos que têm varrido a Europa tiveram um carácter religioso. Importa salientar, porém, a sua

²⁸⁷ Sartre, Jean-Paul, 1963. *Search For a Method*. Alfred A Knopf, Nova Iorque, p.18 - “...[w]hat did begin to change me was the reality of Marxism, the heavy presence on my horizon of the masses of workers, an enormous, somber body which lived Marxism, which practiced it, and which at a distance exercised an irresistible attraction on petit bourgeois intellectuals.”

falta de enquadramento ou essência de filosofia religiosa. Aspecto de importante distinção entre Comunismo e todos os restantes movimentos políticos.²⁸⁸

Tanto as ideologias do Fascismo como do Comunismo são inspiradas na filosofia moderna da imanência, teoria filosófica e metafísica na qual o divino se encontra envolvido e se manifesta no mundo material. São ideologias consideradas como ateístas, mesmo sem que neguem explicitamente a existência de Deus, devido ao facto de conceberem o mundo humano sem haver qualquer referência ao transcendental. O Socialismo apareceu assim para dar resposta à miséria do ser humano e não apenas como simples instrumento de gestão de empresas ou de funcionamento da economia.

Aron refere que profetismo tem como essência condenar o estado actual das coisas e elaborar um esboço daquilo que devia ser ou daquilo que será; identifica um determinado indivíduo ou grupo como o escolhido para determinar o caminho para o futuro prometido. A ideia de uma sociedade sem classes que virá trazer o progresso social sem uma revolução política é comparado com os sonhos milenares. A miséria que o proletariado tem de supostamente suportar é considerada como sendo a prova do seu chamamento. O Partido Comunista, assemelha-se à Igreja, e tal como esta é portador e guardião da mensagem de salvação pertencente à doutrina. E tal como a Igreja se opõe ao paganismo, o Partido Comunista se opõe à burguesia. Por fim, Aron estabelece o paralelo entre judeus e socialistas, pois da mesma forma que os judeus negam reconhecer a vinda do messias, os socialistas falham em ver a revolução que eles próprios desejam e aguardam.²⁸⁹

As forças de produção, desenvolvidas com a ajuda da ciência juntamente com a indústria, ainda não ofereciam uma melhoria substancial de condições de vida à maioria da população. As promessas de um amanhã, que graças à expansão da tecnologia e de uma mudança no sistema de propriedade e gestão, prometiam restaurar os benefícios da plenitude material para a humanidade. Através do seu número e dos seus sofrimentos, os trabalhadores industriais são chamados a desempenhar um papel preeminente na humanização das sociedades tecnológicas modernas, não eliminando a vocação do proletariado, que deixou de lhe ser exclusiva. O Partido declara ser a vanguarda do proletariado, porém são poucos os verdadeiros trabalhadores industriais genuínos que se tornam líderes da actividade do Partido.

Numa primeira fase, o profetismo baseia-se num conjunto de opiniões que podem variar entre nações e são razoavelmente prosaicas; o Marxismo é assim repartido nos seus elementos: hipóteses históricas e preferências económicas. A doutrina do Partido/Igreja torna-se dogma e elabora uma interpretação escolástica. Assim o sistema de interpretação comunista nunca se coloca em falta e a delegação do proletariado para o Partido deve ser total.

²⁸⁸ Ver Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, pp.266-277.

²⁸⁹ Ver Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p.283.

Os social-democratas não tentam reconciliar os factos com as predições de ontem, não tentam anexar os inúmeros ricos das sociedades humanas a um enquadramento conceptual próprio, mas acabam por perder também o prestígio concebido pelo sistema, a certeza e a convicção de um futuro transparente. Os Comunistas, por outro lado, tentam estabelecer uma ligação entre cada episódio do seu desenvolvimento ao caminho total da história, e a própria história a uma filosofia da natureza, afirma nada existir que desconheçam, não admitem produzir qualquer erro e a arte do dialecto permite-lhes harmonizar cada aspecto da realidade soviética com uma doutrina susceptível a ser completamente manipulada.

A combinação entre profecias e academia produzem sentimentos analógicos aos dos crentes religiosos. Fé no proletariado e na história, caridade para os sofredores de hoje, esperança que o futuro traga uma sociedade sem classes - as *'virtudes teológicas'*²⁹⁰ reaparecem assim com uma nova forma. Esta confiança no futuro acaba por ser conseguida apenas por forças espontâneas e alcançada por violência. A fé comunista justifica todos os meios. Proíbe aceitar o possibilidade de haveres diferentes caminhos para o Reino de Deus e não se permite sequer aos inimigos uma morte honrada.

O nacionalismo ou democracia não produziu ou criou nada que pudesse ser comparado a com religião secular do comunismo. No Comunismo um único partido é transfigurado num guia do mundo proletariado, num sistema único de interpretação imposta para uma complexidade de factos e uma única estrada para o socialismo, sendo esta obrigatória. A humanidade é assim dividida em dois, e de acordo com as suas atitudes para a causa sagrada, o militante obriga a burguesia / pagãos a escreverem as suas histórias de forma a estarem em conformidade com a verdade revelada pelo Estado / Igreja.

“Comunismo é uma ideologia, que através do culto do Partido, a escolástica interpretativa manipulada pelo Estado revolucionário, e o treino e disciplina incutida nos militantes, tem sido transformada num dogmatismo de palavras e acções.”²⁹¹

Aron identifica também aqueles que aderem ao partido, não pelo seu radicalismo, mas por diversas outras razões. O autor ilustra com o exemplo dos homens que simpatizavam com o partido nazi, não pela sua essência racista, mas simplesmente por concordarem com a necessidade de um governo forte e capaz de restabelecer a unidade da nação, que ultrapassa-se as divisões partidárias e que tivesse uma política externa

²⁹⁰ Ver Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p. 269.

²⁹¹ Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p. 270 - *“Communism is an ideology which, through the cult of the Party, the interpretative scholasticism manipulated by the revolutionary State, and the training and discipline enforced on the militants, has been transformed into a dogmatism of words and actions.”*

dinâmica. Estes casos caracterizam os viajantes ou vacilantes, aqueles que não eram totalmente desconhecidos ao partido.

Segundo o autor existem duas fases em que a ideologia se encaminha para a religião: a vocação do proletariado e a sua encarnação no Partido Comunista, e a interpretação de factos actuais da história de acordo com o dogma. A religião secular transmite a ideia que a realização do homem é possível ainda nesta vida.

“...se uma sociedade sem classes fosse resolver o enigma da História, se a humanidade, ao ter organizado e perfeccionado a exploração do planeta, eram para ser satisfeitos com a sua parte e curada da sua esperança, o homem não seria mais a criatura por quem Deus se crucificou, mas a criatura para quem Marx profetizou o fim da pré-história graças ao poder da máquina e a revolta do proletariado.”²⁹²

Muitos dos elementos do partido dedicam-se com pura devoção, auto sacrifício e insistência de forma a ultrapassar uma certa reminiscência interna da relíquia dos seus antepassados burgueses: estes não acreditam no materialismo dialético²⁹³, mas desejam apenas servi-lo. Baseados em Aron, muitos da classe dos viajantes, por outro lado, não possuem a nostalgia religiosa, mas ao calcularem probabilidades de sucesso, aceitam o Partido, guardando para si as vantagens da semi-liberdade.

Aron estabelece a diferença entre simpatizante e militante, afirmando que este último é aquele que toma o passo decisivo de aceitar a disciplina imposta pelo Partido, enquanto o simpatizante continua no limiar. Ao mesmo tempo que o simpatizante não é necessariamente um dos fiéis, o militante também não é um verdadeiro homem da Igreja. Alguns dos viajantes ignoram a vocação do proletariado ou da sociedade sem classes e simplesmente submetem-se à necessidade histórica revelada pela união de pessoas com os mesmos ensinamentos e leis. Alguns militantes são idealistas intencionais no auto sacrifício, sendo alguns viajantes mais cínicos na promoção das suas carreiras.

Os militantes não são assim verdadeiramente crentes. Apresentam-se bastante conscientes, tanto do outro lado da realidade, como dos significados esotéricos presentes. Apesar do conhecimento, mantêm porém a

²⁹² Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p. 274 - “...if the classless society were to solve the riddle of History, if humanity, having organized and perfected the exploitation of the planet, were to be satisfied with its lot and cured of hope, man would no longer be the creature for whom Christ was crucified but the creature to whom Marx prophesied the end of pre-history thanks to the power of the machine and the revolt of the proletariat.”

²⁹³ Ver Aron, Raymond, 2010. *As Etapas do Pensamento Sociológico*, 9ª ed. D. Quixote, Portugal, pp.147-224. - Materialismo dialético, de forma bastante sumária, é uma filosofia baseada nos escritos de Karl Marx e Friedrich Engels que consiste na ideia de que os eventos políticos e históricos são influenciados pelo conflito entre forças sociais. Este conflito tem com causa as necessidades materiais do homem.

sua fidelidade ao movimento e as expectativas de um futuro criado pelo Partido que consideram como inevitável. Para Aron, um verdadeiro comunista é aquele que irá adotar na sua mente uma versão simbólica do nexus Partido / Igreja e da revolução mundial, uma versão que será idêntica a algo que os homens recusariam participar.

A classe intelectual cria novas ideologias e sistemas de interpretações do mundo social que implicam uma nova ordem de valores, sugerindo que as reformas sejam cumpridas e as revoltas temidas, e mesmo esperadas. Aqueles, que em nome da razão condenaram a Igreja Católica, acabam por via a aceitar o dogma secular devido à sua insatisfação na transmissão de conhecimento por esta ser apenas parcial e por revolta aos “*Sumos Sacerdotes da Verdade*”²⁹⁴, detentores da verdade. Certos intelectuais de esquerda, revelam o seu ateísmo e hostilidade radical para com a vida religiosa, procurando espalhar a descrença de forma semelhante àquela com que os missionários expressam a sua crença. O intelectuais apresentam-se assim totalmente convencidos que a sua missão consiste na libertação da humanidade e na destruição dos deuses. Outros encontram-se inquietos com o irremediável declínio do Cristianismo e dos dogmas improvisados para que sejam reconciliados com a racionalidade e restabeleçam a unidade espiritual. Só os intelectuais, segundo Aron, serão capazes de inventar, e possivelmente pregar, um substituto para os antigos dogmas que possam a vir aceites pela comunidade científica.

“Razão, o novo ser supremo, seria objecto de uma crença que, purgada de toda a superstição, iria servir como fundação de uma pátria destinada pela sua virtude a um futuro sem limites.”²⁹⁵

Aron utiliza a expressão usada por Michelet “*A Revolução não adoptou a Igreja. Porque? Porque é a Igreja em si*”²⁹⁶ e estabelece o paralelo com o sistema comunista. Da mesma forma que uma religião civil santifica as obrigações do indivíduo relativamente ao Partido, ao Estado Socialista, e ao futuro da humanidade. Sendo uma religião oficial, assim que o Partido se colocar no poder, acaba por se manter em oposição, nos seus ensinamentos esotéricos, a uma religião universal. Da mesma forma que o positivismo aclama reunir as criações do passado e transmiti-las para a sociedade, realizando a vocação da humanidade.

²⁹⁴ Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p. 277 - ‘*High Priests of the Truth*’.

²⁹⁵ Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p. 281 - “*Reason, the new supreme being, would be the object of a belief which, purged of all superstition, would serve as the foundation of a fatherland destined by its virtue for a limitless future.*”

²⁹⁶ Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p. 281 - “*The Revolution did not adopt a Church. Why? Because it was a Church itself.*”, Michelet.

Parte da noção de individualismo advém da era do Iluminismo, porém não mostra piedade para com os fracos, nem confia no homem comum, mas justifica a construção do Estado Socialista através de sentimentos humanitários e por autoridade incondicional dos líderes devido à necessidade de instruir as massas. Crítica a ciência nos seus propósitos, mas usando o seu nome. Transforma o racionalismo Ocidental, mas continua a lhe prestar serviço. O profetismo transfigura um padrão evolucionário numa história sagrada na qual a sociedade sem classes será o resultado. Acabando por dar uma importância desproporcionada a certas instituições - o sistema de propriedade e o seu funcionamento na economia - faz com que o planeamento realizado pelo Estado Todo Poderoso seja uma fase decisiva na história. Os intelectuais caem demasiado facilmente nestes erros, a sua devoção à esquerda acaba por predispor a isto. Obcecados por aumentar a produtividade nacional, estão prontos a usar medidas soviéticas para a plenitude material, sem sequer as questionar.

A ideologia Marxista deriva de uma ordem fixa de desenvolvimento sob um conjunto de interesses humanos cegos e anárquicos. Cada homem obedece apenas a si. O liberal vê o homem como globalmente imperfeito e resigna-se a um sistema onde o bem é o resultado de inúmeras acções e nunca objecto de uma escolha directa e consciente. Em última instância, subscreve ao pessimismo em que os vícios do homem contribuem para o bem do Estado. O Marxista admite, na medida do passado, a heterogeneidade de intenções e eventos, mas garante escapar à tirania do ambiente assim que a meada das forças escondidas é revelada. Segundo ele, graças ao seu conhecimento das leis da história, o homem irá atingir o objectivo que aspira. A presciência do futuro torna possível manipular tantos os inimigos como os apoiantes. É neste ponto preciso que a ideologia se transforma em dogma. O salvador colectivo nunca se submete à história: ele cria-a e constrói o Estado Socialista e molda o futuro. O Partido é identificado com o Estado, declarando representar e encarnar a causa do proletariado.

O sucesso único que teve o Leninismo-Estalinismo, comparativamente com todas as outras tentativas de substituição religiosa que existiram, deveu-se à vitória da revolução que permitiu a difusão do Comunismo, e não à atração pela religião secular que preparava o caminho para os *'Ten Days that Shook the World'*²⁹⁷, ou seja, para a Revolução de Outubro de 1917, na Rússia. Profetas desarmados acabariam por morrer: o futuro da religião secular dependia primariamente do equilíbrio de poder. Um equilíbrio de poder entre o choque das forças existentes na sociedade. Este conceito de *'equilíbrio de poder'* remete-nos para a obra de Bento Espinhosa. Segundo Diogo Pires de Aurélio, na sua introdução ao livro *'Tratado Político'*, *"(...) [m]esmo o soberano, a entidade que detém o chamado summum jus, está de facto condicionado, externamente, pela potência de outros estados e, internamente, pela maior ou menor estabilidade do jogo de forças continuamente*

²⁹⁷ Ver Reed, John, 2007. *Ten Days that Shook the World*. Penguin Books, Reino Unido.

travado entre as potências individuais dos súbditos.”²⁹⁸ Espinosa refere que as capacidades e as acções de cada parte só podem ir até a um limite imposto pelas outras partes, “(...) [o] *direito natural da natureza inteira e, por conseguinte, o de cada indivíduo estende-se até onde se estende a sua potência.*”²⁹⁹ Os diversos elementos, perante o risco de verem as suas limitações e condicionantes aumentarem devido às acções de outros, acabam por criar uma fricção e um embate de forças. Esta distribuição de forças pela sociedade e a luta constante entre todas as partes que desejam ver a sua esfera de influência aumentada, ou pelo menos, esperam evitar que esta seja reduzida, irá dar resultado a um equilíbrio e balanço de poder. Porém é interessante ver que o equilíbrio de poder poderá vir de outras forças, para além de indivíduos entre si. Rousseau no seu “*Contrato Social*”³⁰⁰ fala de uma “*liberdade civil*”, que contrasta com uma “*liberdade natural*”. Esta última era limitada apenas pelas capacidades e poderes do indivíduo, enquanto a “*liberdade civil*” é limitada pela vontade geral. O homem ao estabelecer o contrato social abdica da sua liberdade natural, em que é livre de tentar obter tudo o que o tenta, por uma liberdade civil, que segundo Rousseau, liberta o homem de ser escravo dos seus apetites e torna-o mestre das suas vontades, dando-lhe a liberdade por obedecer à lei auto-prescrita. Enquanto o homem de Espinosa encontra os seus limites no outro, e nas acções dos outros, o homem de Rousseau, depois do *Contrato Social*, encontra os seus limites na vontade geral. A definição de vontade geral em Rousseau é bastante polémica e suscita as mais diversas interpretações, sendo que vou considerar aqui uma das alternativas consideradas como das mais prováveis pela academia, a de ser considerada como uma espécie de encarnação transcendente do interesse comum de todos os cidadãos, e que existe de forma independente dos interesses ou vontades individuais de cada cidadão.³⁰¹

Os intelectuais de esquerda que começam por aclamar por liberdade, acabam por se submeter à disciplina do partido e do Estado. A ideologia, tal como a fé transcendental do antigo, determina o que realmente importa, justifica a autoridade e promete, não para o indivíduo, mas para a massa anónima de indivíduos uma retribuição justa no seguir histórico, ou seja, um futuro terrestre.

O comunismo, porém, não considera-se como uma religião, pois acredita que todas as religiões são anacronismos. Luta contra a Igreja em nome do ateísmo e derrota-a em nome do socialismo. O seu totalitarismo aumenta com todas as suas proporções o sentido de uma doutrina parcial para que pareça abarcar todo o aspecto do ser humano. A fé comunista torna-se totalitária assim que aspira a ser total, sendo assim necessário a

²⁹⁸ Espinosa, Bento, 2008. *Tratado Político*, 1ª ed. Círculo de Leitores, Lisboa, p.18.

²⁹⁹ Espinosa, Bento, 2008. *Tratado Político*, 1ª ed. Círculo de Leitores, Lisboa, p.80.

³⁰⁰ Ver Rousseau, Jean-Jacques, 2002. *The Social Contract and The First and Second Discourses*. Yale University Press, EUA, pp.166-167.

³⁰¹ Ver Bertram, Christopher, 2010. Jean Jacques Rousseau. *Stanford Encyclopedia of Philosophy*.

imposição de *verdades oficiais* e da submissão de ordens ao poder central. Podemos ver aqui um paralelo algumas ideias de Rousseau expressas na sua obra “Contrato Social” e relacionadas com o conceito de *‘religião civil’*. A religião civil está relacionada com a aceitação, por parte dos indivíduos dentro da nação e independente do tipo do credo, de alguns dogmas de cariz religioso. Para este autor, um indivíduo que não aceite os dogmas existentes ou a religião civil deve ser expulso, ou mesmo morto, pois considera que são indivíduos que não merecem qualquer tipo de confiança e que a sua fidelidade perante a lei é de desconfiar: “*Sem existir o poder de obrigar os indivíduos a acreditarem, o soberano pode banir do Estado aquele que não acredita; pode bani-lo, não por ser ímpio, mas por ser antissociável, incapaz de sinceramente amar a lei, a justiça e o sacrifício da sua vida pelo seu função, caso o seja necessário.*”³⁰² A imposição das *‘verdades oficiais’* da fé comunista ganham identificação com esta ideia Rousseriana. Aqueles que não aceitem as verdades ou dogmas da ideologia acabam por ser gravemente punidos, e esta torna assim ditatorial e totalitária.

A ideologia torna-se um dogma em absurdo. Assim que é reconhecido que em todas as sociedades existe uma minoria com o objectivo de exercer funções de liderança, a assimilação da ditadura do partido para a ditadura do proletariado colapsa imediatamente, sobrando apenas a comparação da experiência das vantagens e dos riscos de um partido único com os eleitos parlamentares através de competição pacífica.

O autor afirma, à semelhança de Dahrendorf relativamente à questão da revolução³⁰³, que o regresso à vida normal e recorrente, o murchar do ardor ideológico está condenado a vir mais cedo ou mais tarde. A Revolução pode ser permanente, mas o espírito revolucionário evapora-se. O ideal revolucionário, orientado para o futuro, vive em ilusões, mas as principais características da ordem Soviética existente, por exemplo, não podem ser facilmente ignoradas. O regime Estalinista ultrapassou a contradição existente entre justificar a presente autoridade e a expectativa de um futuro perfeito por simultaneamente recorrer ao terror e à ideologia, usando o presente como uma fase no caminho para a sociedade sem classes.

Entretanto, através dos resultados da industrialização, da consolidação da classe governante, da elipse gradual do acto de Prometeu que origina o empreendimento super-humano, acaba por minar a fé que se dissolve em opiniões assim que cessa o fanatismo, o que Aron considera como sendo o cenário mais provável³⁰⁴. O que não significa necessariamente o seu fim. Os principais conceitos da doutrina são preservados e os militantes irão

³⁰² Rousseau, Jean-Jacques, 2002. *The Social Contract and The First and Second Discourses*. Yale University Press, EUA, p.253. - “*Without having power to compel any one to believe them, the sovereign may banish from the State whoever does not believe them; it may banish him not as impious, but as unsociable, as incapable of sincerely loving the law, justice and of sacrificing, if need be, his life to his duty.*”

³⁰³ Ver Dahrendorf, Ralf, 1997. *Must Revolutions Fail?*, in: *After 1989 - Morals, Revolution and Civil Society*. St. Martin’s Press, Reino Unido, pp. 3–13.

³⁰⁴ Ver Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p.289.

continuar a raciocinar em termos de relações entre produção, classes sociais, feudalismo, capitalismo e imperialismo.

Talvez o pensamento comunista e a sua acção sobrevivam à perda de fé mais do que ao seu aparato conceptual. Provavelmente o Intelectual tem mais dificuldade do que o homem comum em se libertar da ideologia que, como o Estado que deriva desta, é essencialmente de natureza manual. O governo Soviético governa assim em nome de uma doutrina elaborada por um intelectual, cuja vida é guiada pelas mentes e pelos intelectuais seus antecedentes. Por debaixo do regime Comunista, são os intelectuais, sofistas em vez de filósofos, que governam. Antes da Revolução Francesa, os intelectuais de esquerda não atacavam o comércio, a competição ou as fortunas bem merecidas, mas apenas as riquezas herdadas ou sequestradas e as discriminações por nascimento.

“Como podem os intelectuais progressivos recusar oferecer os seus talentos a um Estado que proclama a verdadeira doutrina, à construção de uma sociedade que se conforma com as esperanças do racionalismo revolucionário e com aquilo que é generoso aos especialistas e homens de letras - tendo em conta a sua obediência?”³⁰⁵

Aron refere aqui a ligação e a atracção que os intelectuais têm pelo Estado. Eles consideram, e seguindo a doutrina marxista, que o Estado é um dos elementos mais centrais para a transformação da sociedade, e perante isto não têm qualquer problema em oferecer a sua assistência, sendo muitas vezes uma assistência cega, sem que sejam colocadas qualquer tipo de questões ou críticas, pensando que estão assim a contribuir para aquilo que consideram como sendo a causa maior. Esta assistência transforma-se assim em pura obediência.

O autor adverte também para o poder que o profetismo tem no caso do marxismo. Reconhece ser a força motivadora para muitas obras e feitos realizados, podendo ter efeitos positivos e benéficos para o homem e para a sociedade. Porém afirma, que a profecia pode ser também usada por aqueles que detém o poder com o objectivo de ser um instrumento para o alcance de interesses pouco claros e algo duvidosos, sendo possível que este seja o caso do marxismo quando faz uso da profecia. Esta serve assim para adornar a doutrina, abafando dentro de si os aspectos menos positivos ou as verdadeiras facetas que esta poderá conter.

“Talvez o profetismo é o coração e alma de toda a acção. Desafia o mundo e afirma a dignidade da mente humana em provocação ou aspiração. Mas quando os governantes, orgulhosos de uma

³⁰⁵ Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p. 291 - “*How could the progressive intellectuals refuse to offer their talents to a State which proclaims the true doctrine, to the building up of a society which conforms with the hopes of revolutionary rationalism and which is generous to experts and men of letters - providing they obey?*”

revolução bem sucessiva, escolhem um profetismo de forma a estabelecer o seu poder e confundir os seus inimigos, a religião secular nasce, condenada desde o início a se tornar um embelezamento numa ortodoxia ou se dissolve entre indiferença.”³⁰⁶

Os intelectuais do ocidente não reconheciam nem como legítimo nem como beneficente a autoridade da classe económica e financeira. Por sua vez os intelectuais da União Soviética focam os seus esforços no protesto contra as intrigas políticas, brutalidade da polícia e possuíam um sentido de responsabilidade pelas misérias humanas. Estes últimos aceitavam a realidade que os rodeava, e negavam a restante, enquanto os intelectuais de esquerda da Europa livre faziam precisamente o contrário. A supressão da cultura pela tecnologia atingia uma certa porção dos intelectuais criando neles um sentimento de isolamento. Especialização estrita invoca saudade por uma ordem diferente, onde o intelectual estivesse mais integrado, não como simples colector de ordenado numa aventura comercial mas na posição de pensador numa colectividade humana.

Não é necessário para os intelectuais sob o regime soviético serem hostis ao regime em si. O facto do Estado controlar a economia e o partido a política é visto de forma tão natural como os intelectuais americanos considerarem a iniciativa privada como um facto inquestionável. Os intelectuais americanos não invejam os intelectuais soviéticos, mas nos países que possuem uma visão critica dos países capitalistas e que se encontram fascinados pelo ideal do proletariado, existe uma avaliação das duas posições e questionam qual será figurativa do seu futuro. O escritor ocidental que vive sobre a constante luta de forma a obter reconhecimento e sucesso ou aquele vive na obscuridade, imagina e sonha com a segurança fornecida pela edições do Estado e pelo sentido de comunhão das massas que forjem o futuro.

“Os intelectuais não são mais capazes do que o comum dos mortais em se libertarem da lógica das paixões. Pelo contrário, apresentam-se mais impacientes para obter justificação porque encontram-se mais ansiosos para deitar abaixo o seu elemento instintivo.”³⁰⁷

³⁰⁶ Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p.294 - *“Perhaps a prophetism is the heart and soul of all action. It challenges the world and affirms the dignity of the human mind in defiance or aspiration. But when rulers, proud of a successful revolution, seize upon a prophetism in order to establish their power and confound their enemies, the secular religion is born, condemned from the start to become prettified into an orthodoxy or to dissolve into indifference.”*

³⁰⁷ Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p. 302 - *“The intellectuals are no more capable than ordinary mortals of freeing themselves from the logic of the passions. On*

Crítica ao Ocidente

Aron acredita que o optimismo da esquerda foi criado e sustentado pelo forte sentimento de admiração pelo poder da razão, pela certeza que a aplicação da ciência na área industrial acabaria por revolucionar a ordem da sociedade humana e a condição de cada um dos seus indivíduos.³⁰⁸ A aspiração ancestral para com a irmandade humana une-se com a fé na ciência prática de forma a alcançar o nacionalismo ou socialismo ou mesmo ambos. Este aspecto prende-se com a questão da “*fé na razão*”, tópico abordado por Hayek³⁰⁹ e Popper³¹⁰.

O autor acreditava também que os sentimentos nacionalistas continuavam a ser uma importante peça de interligação das colectividades humanas, apesar de, ao mesmo tempo, a ideologia nacionalista ser condenada na Europa Ocidental. Uma ideologia pressupõe uma aparente sistemática formalização de factos, interpretações, desejos e previsões. O intelectual que deseja ser essencialmente nacionalista deve ter uma interpretação da história tendo por base a ideia de estados selvagens em permanente guerra, e que a paz profética entre nações independentes só será possível através de mútuo respeito.³¹¹

Não menos que a dominação do homem para com outras raças e línguas, a desigualdade económica e as condições extremas parecem entrar em directa contradição com o espírito vivido na década de 50. Os ‘milagres’ científicos davam a aparência que a miséria humana seria algo injustificável e infame. Não se duvidava que a indústria tinha como objectivo a eliminação das relíquias da pobreza imemoriais, as opiniões divergiam apenas nos meios a aplicar de forma a obter os resultados pretendidos. O ideal de uma comunidade social oscilava entre a noção de um equilíbrio alcançado por todos sem ter sido objecto de uma mente consciente, e a noção de prosperidade para todos, resultado de um plano global e da eliminação de exploradores.

the contrary, they are more eager for justification because they are so anxious to play down the instinctual element in themselves.”

³⁰⁸ Ver Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, pp. 305-306.

³⁰⁹ Ver Hayek, Friedrich A., 1952. *The Counter-Revolution of Science. Studies on The Abuse of Reason*. The Free Press, Illinois.

³¹⁰ Ver Popper, Karl, 1962. *Conjectures and Refutations: The Growth of Scientific Knowledge*, 1ª ed., Basic Books, EUA, pp. 42-46.

³¹¹ Ver Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, pp. 306-308.

Para Aron o Liberalismo e Socialismo continuam assim a aspirar convicções e a provocar controvérsias, porém torna-se cada vez mais difícil a transformação dessas preferências em doutrinas. A sociedade ocidental capitalista em que Aron vivia compreendia uma multitude de instituições socialistas. Porém já não se verificava a crença de que a propriedade colectiva ou o planeamento poderiam trazer um melhoramento dramático.³¹²

“A grande última ideologia nasceu da combinação de três elementos: a visão de um futuro consistente com as aspirações humanas, uma ligação entre este futuro e uma classe social particular, e a confiança nos valores humanos acima e além da propriedade. Confiança nas virtudes da técnica socioeconómica começou a desvanecer e olha em vão para esta classe que era suposto trazer a renovação radical de instituições e ideias.”³¹³

O autor aponta para a ironia de que os ideólogos do proletariado serem intelectuais burgueses. A burguesia, mesmo indo buscar as suas ideias a Montesquieu, Voltaire ou Jean-Jacques Rousseau, acabaram por criar a sua própria concepção de existência humana e de ordem política de oposição ao *Ancien Régime* e a visão Católica do mundo.

“O proletariado nunca teve uma concepção do mundo oposta à da burguesia; houve uma ideologia sobre o que o proletariado devia ou não fazer; uma ideologia cuja ascendência histórica era mais poderosa quando o número de trabalhadores industriais era menor.”³¹⁴

³¹² Ver Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p.314.

³¹³ Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p. 309 - “*The last great ideology was born of the combination of three elements: the vision of a future consistent with human aspirations, the link between this future and a particular social class, and trust in human values above and beyond the ownership. Confidence in the virtues of a socio-economic technique has begun to wane and one looks in vain for this class which is supposed to bring about the radical renewal of institutions and ideas.*”

³¹⁴ Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8ª ed., Transaction Publishers, EUA, p. 310 - “*The proletariat has never had a conception of the world opposed to that of the bourgeoisie; there has been an ideology of what the proletariat should be or should do, an ideology whose historical ascendancy was most powerful when the number of industrial workers was smallest.*”

O tão aclamado partido do proletariado, nos países que tomou o poder, as suas tropas são constituídas por camponeses em vez de trabalhadores industriais e no lugar dos líderes tem intelectuais exasperados pela tradicional hierarquia ou humilhação nacional.

As revoluções do século XX podem não ter sido verdadeiramente revoluções do proletariado: estas foram pensadas e realizadas pela classe intelectual, cuja função consistia em derrubar o poder tradicional, mal adaptado às exigências da era tecnológica. Os profetas cometeram o erro de julgar que o capitalismo se desenrolaria numa revolução comparável à de França no fim do século XVIII. Contrariamente às suas profecias, as classes governantes sempre se revelaram incapazes ou relutantes de produzirem reforma com a rapidez necessária, fazendo com que a insatisfação da classe burguesa, a impaciência dos intelectuais e as aspirações imemoriais dos camponeses provocassem a explosão necessária.

“Seja liberal, socialista, conservador, ou Marxista, as nossas ideologias são o legado de um século em que a Europa estava ciente da pluralidade de civilizações mas sem que duvidasse da universalidade da sua mensagem. Hoje, fábricas, parlamentos, e escolas surgem em qualquer latitude, as massas estão a fermentar, e os intelectuais a tomar o poder. A Europa que acabou vencendo já se encontra a sucumbir a sua vitória e a revolta dos seus escravos, hesita em admitir que as suas ideias conquistaram o universo mas não ter mantido a forma que costumavam ter os seus próprios debates e controvérsias.”³¹⁵

Sobre este ponto, José Manuel Moreira, no seu livro *‘Leis, Imparciais e Liberais’*³¹⁶, fala-nos de haver uma tendência, entre 1950 e 1980, para os países do este lerem Marx e Lenin, enquanto os países do leste liam Hayek e autores semelhantes. A preferência do leste por estes autores revelou-se ter, posteriormente, algumas vantagens, chegando mesmo a ultrapassar alguns países do este como Portugal, e acabando assim por obter uma melhor compreensão sobre os mecanismos reais do nazismo e comunismo e de como estas ideologias eram

³¹⁵ Aron, Raymond, 2009. *The Opium of the Intellectuals*, 8^a ed., Transaction Publishers, EUA, p. 314 - *“Whether liberal, socialist, conservative or Marxist, our ideologies are the legacy of a century in which Europe was aware of the plurality of civilizations but did not doubt the universality of its message. Today, factories, parliaments and schools are springing up in every latitude, the masses are in ferment, the intellectuals are taking over power. Europe, which has finished conquering and is already succumbing to its victory and the revolt of its slaves, hesitates to admit that its ideas have conquered the universe but have not kept the form they used to have in our own debates and controversies.”*

³¹⁶ Ver Moreira, José Manuel, 2009. *Leis, Imparciais e Liberais*. Crónicas a três andamentos, 1^a ed. Bnomics, Lisboa.

apenas duas modalidades diferentes de sistemas antiliberais. Prisioneiros da ortodoxia Marxista-Leninista, não é permitido aos intelectuais de leste admitir um dos factos mais óbvios de que a civilização industrial compreende uma multiplicidade de formas e que nem a história nem a razão se impõem numa escolha radical. São aqueles que hesitam perante uma confissão que possa ir contra a corrente existente: sem a liberdade de questionar, da iniciativa individual, esta civilização talvez nunca tivesse existido.

As preferências expressas por doutrinas políticas por um método em prol de outro são razoáveis desde que os seus limites e incertezas não sejam esquecidos. O mundo livre seria culpado do erro fatal de pensar que possuía uma ideologia única comparável com a Marxista-Leninista. Perante isto vale a pena ter em conta o pensamento de James Madison e Alexander Hamilton³¹⁷, que segundo a interpretação realizada por José Gomes André, salienta que “(...) [a] redução da sociedade a uma esfera unidimensional representaria uma alienação do indivíduo perante um colectivo onnipotente e abria ainda as portas ao triunfo de facções ambiciosas, removidos os obstáculos inerentes a uma sociedade plural.”³¹⁸ Ao apontar um dos grandes perigos de uma sociedade, em que tal como Aron adverte, favorece muito mais uma doutrina ou ideologia política em detrimento de outras, limitando e reduzindo as escolhas existentes ou chegando ao extremo de destruir alternativas possíveis, Madison apela assim a uma lógica e organização pluralista para a sociedade, de forma a que a liberdade dos indivíduos e o seu bem estar geral possam ser salvaguardados. A lógica pluralista tinha assim como objectivo central evitar e prevenir que uma facção dominante se pudesse instalar e se apoderar do sistema político, uma facção dominante tal como a doutrina Marxista, tão proclamada pelo intelectual, aparentava ser.

Para Aron, o mundo Soviético não é vítima dos seus erros, é o Ocidente que se afigura nesta posição. A ideia de governo por discussão, consenso ou compromisso é talvez um ideal; a ideia de eleições e assembleias parlamentares é uma prática entre muitas. Tentar introduzir algo sem haver a preocupação de examinar as circunstâncias é simplesmente garantir o seu erro. E o erro na prática democrática não pode ser camuflado por uma organização de terror e entusiasmo, que ao ceder em plena luz do dia, leva inevitavelmente ao despotismo.

O conteúdo da fé comunista difere escassamente do conteúdo de outras ideologias em que os todos os intelectuais aderem. Para a maior parte, os últimos mantêm-se no limiar, reservando a disciplina da seita. A minoria que dá o último passo, ultrapassa todas as suas dúvidas e escrúpulos, possuindo uma fé sem limites. Os liberais são consumidos por dúvida e incertezas, sentindo-se por vezes vagamente culpados por estarem no

³¹⁷ Ver Hamilton, Alexander, Madison, James, Jay, John, 2008. The Federalist Papers, 1ª ed., Oxford University Press, EUA, pp. 44 - 47. “Federalist 9 - The utility of the Union as a safeguard against domestic faction and insurrection”

³¹⁸ André, Gomes José, 2012. Razão e Liberdade. O Pensamento Político de James Madison., 1ª ed. Esfera do Caos, Lisboa, p. 154.

‘lado errado’ - o lado da direita política, da reação e do Feudalismo. Hayek, no seu famoso texto ‘*The Intellectuals and Socialism*’³¹⁹, viria a propor uma atitude renovada para os liberais de forma a fazerem frente à ameaça intelectual da esquerda.

A ideologia vem do sentimento de procura por um objectivo, pela comunhão de pessoas, por algo controlado por uma ideia ou vontade. O sentimento de pertença dos eleitos, a segurança oferecida por um sistema fechado em que toda a história, assim como o indivíduo encontram a sua posição e o seu significado, o orgulho em se juntar numa acção presente, do passado para o futuro - tudo isto inspira e sustenta o verdadeiro crente, o homem que não é repellido pela academia, que não é desiludido pelas voltas da linha do partido, o homem que vive inteiramente para a causa e não reconhece mais a humanidade dos seus companheiros fora do partido.

³¹⁹ Ver Hayek, Friedrich A., 1967. *The Intellectuals and Socialism*, in: *Studies in Philosophy, Politics, and Economics*. Routledge, Londres, pp. 127–129.

Conclusão

Ao longo desta tese podemos observar a complexidade do conceito de intelectual e as dificuldades que a sua definição apresenta. Os três autores, Joseph Schumpeter, Friedrich A. Hayek e Raymond Aron, depararam-se com esta problemática e não deixam de salientar as dificuldades encontradas para a representação do conceito de uma forma objectiva e precisa. Aron, ao contrário de Schumpeter ou Hayek, analisa esta temática de um ponto de vista interior à perspectiva marxista, ou seja, utiliza frequentemente o diálogo marxista para se debruçar sobre este tópico, recorrendo a conceitos-chave marxistas como por exemplo o de conceito de classes, e constrói assim uma crítica ao Marxismo feita por dentro. Também outros autores que se debruçaram sobre esta matéria, tendo como exemplo Norberto Bobbio ou António Gramsci, vieram-se a deparar com as mesmas dificuldades, o que demonstra e reforça o grau de complexidade que o conceito em estudo apresenta. O facto da definição de intelectual não se apresentar como imediata, óbvia ou por não haver uma total concordância nas diferentes obras dedicadas a esta questão releva a razão que explica porque é que esta questão é merecedora de uma maior atenção. O conceito de intelectual é assim um reflexo da própria *'figura'* do intelectual. Ambos apresentam um conjunto de problemáticas e conflitos e ambos revelam terem sido marcados por uma análise insuficiente e de ter havido pouca atenção por parte do público. E sendo que o intelectual apresenta ter um papel essencial na sociedade, esta atitude apresenta ser descuidada e mesmo perigosa.

Os três autores têm a preocupação de deixar claro que quando se referem ao *'intelectual'* não se estão a dirigir a pensadores originais, especialistas académicos, indivíduos que apresentam uma educação superior ou pertencentes a profissões liberais. Esta distinção é bastante importante e existe um cuidado extra para a sublinhar, de forma a não existir espaço para dúvida ou equívoco. Este medo advém do facto de ser bastante comum e habitual a utilização do termo de intelectual com este sentido por parte da população. O conceito a que os autores se referem equivale a um conjunto de indivíduos bastante específicos com a função de divulgadores de informação, sendo também agitadores sociais e críticos ferozes. Esta definição de intelectual a que os autores se referem possui uma conotação claramente negativa.

Tal como Hayek aponta, este fenómeno é relativamente novo na história do Homem, sendo que Schumpeter situa, aproximadamente, o seu aparecimento com o despontar da evolução do sistema capitalista. O capitalismo foi o sistema de excelência a fornecer os intelectuais com os elementos necessários para o desempenho das suas funções. Os instrumentos utilizados pelo intelectual para fazer passar as suas mensagens, o livro, o jornal, a rádio, e outros, viram o seu preço diminuir graças ao capitalismo, e como consequência de tal, tornaram se acessíveis a qualquer camada de população. O possibilidade de educação básica e mesmo

superior a todos os indivíduos, verificada no capitalismo, veio também alargar e diversificar o público, os ouvintes e leitores, do intelectual. Pela primeira vez, abordar grandes números de indivíduos e dirigir a palavra a todas as classes da sociedade torna-se não só possível como bastante acessível a quem assim o deseje. Por fim, foi no capitalismo que começou a surgir uma maior liberdade de expressão e uma menor censura daquilo que era transmitido à sociedade. Esta liberdade é necessária e fundamental para o exercício das funções do intelectual. Todos estes aspectos, que juntos só se verificaram no sistema capitalista, fazem deste um dos ambientes mais propícios para o aparecimento e fixação da classe intelectuais.

A classe intelectual, para os três autores, engloba sobretudo indivíduos que têm como actividade principal a divulgação e transmissão de informação para a sociedade, porém Schumpeter aponta que caso um indivíduo se encontre a discursar ou a expressar uma opinião fora da sua área de especialidade ou fora do âmbito da sua profissão, é por ele considerado como intelectual e deve figurar dentro desta classe. Hayek complementa este ponto afirmando que graças ao respeito e credibilidade que estes indivíduos obtiveram nas suas áreas e profissões, a aceitação de opiniões e comentários fora dos seus campos de conhecimento é facilitada e aceite de forma quase total pelo público. Isto apresenta um sério problema, porque fora do seu campo de conhecimento o indivíduo não é mais dotado ou conhecedor do que o resto da população, as suas opiniões ou análises podem ser consideradas como simples *'comentários à mesa de café'*. Casos como este são, no entanto, bastante comuns na nossa sociedade moderna, particularmente em Portugal. É recorrente, nos meios de comunicação como a televisão ou os jornais, a existência de comentadores e analistas que, apesar da sua formação ou profissão se focar numa área de conhecimento específica, abordam os mais variados temas e analisam qualquer acontecimento da actualidade, mesmo quando estes caem fora do seu âmbito de conhecimento. As suas reputações e popularidade proporcionam-lhes a credibilidade de um especialista da área. Desta forma, e tal como Hayek afirma, não é necessário ao intelectual um conhecimento aprofundado sobre as questões que fala, nem necessita de ser particularmente inteligente. Indivíduos sem a formação ou experiência na área, e que desta forma não são possuidores do conhecimento necessário e essencial para uma argumentação correcta e fundamentada, ao falarem e debaterem os mais variados temas, dos quais lhes falta o conhecimento, acabam por cair dentro desta classe de intelectuais.

A classe dos intelectuais, seja para Schumpeter, Hayek ou Aron, é uma classe que abarca dentro dela um grande número de profissões e actividades, sendo que as mais comuns de serem apontadas como exemplos são os jornalistas, os professores, escritores, comentadores. Com a grande diversidade de profissões onde o intelectual pode estar incluído pode-se pressupor que não existe uma formação ou uma experiência específica que leve um indivíduo a se tornar um intelectual. Podem existir profissões onde o aparecimento de intelectual seja mais provável ou em maior número, mas nenhum autor aponta uma profissão que esteja livre da existência da figura do intelectual. A dedução que daqui se retira vai de encontro com uma conclusão estabelecida por Schumpeter, a de que qualquer indivíduo encerra em si a capacidade e potencialidade de se tornar um

intelectual. O jornalismo, no entanto, é a profissão que vale a pena destacar, pois, como Schumpeter aponta, é nela que se verifica um maior número de indivíduos que revelam ter características próprias da classe intelectual e onde existe uma maior tendência para que tal aconteça.

Para se ser um intelectual, segundo Schumpeter, é também necessário que possua uma capacidade para causar incómodo ou inquietação. Em Schumpeter, Hayek e Aron vemos como o intelectual profere ataques, controvérsia e críticas a classes que não a dele e ao sistema capitalista como um todo. O seu objectivo é o de fomentar o descontentamento e incitar à revolta por parte da população. Em Aron, no entanto, o intelectual é estudado em maior profundidade como sendo o elemento escolhido para atrair e aliciar as massas para o seio do sistema comunista. Hayek e Schumpeter centram a sua análise do intelectual na sua principal actividade, a de criticar e condenar o sistema, no qual estão normalmente inseridos, o sistema capitalista. Assim, o intelectual, por um lado, tem como actividade a análise mordaz e a crítica do sistema capitalista, e por outro, graças a uma tendência de esquerda, a de impulsionar e incentivar quem o ouve para sistemas mais socialistas, sendo que Aron atribui o sistema Marxista como sendo o sistema de eleição para muitos dos intelectuais.

Outro ponto partilhado pelos autores é o facto que o intelectual demonstra ter grande facilidade em se exprimir e revela ser bastante eficiente no uso da palavra escrita e falada. Os seus dotes oratórios são reconhecidos e o público que o escuta é bastante atraído pelas suas palavras. Aron nota que o aspecto estético tem assim um posição fulcral na difusão de informação pelo intelectual, tendo mesmo, muitas vezes uma posição superior ao aspecto racional. Importa notar que esta sobrevalorização da parte estética do discurso pode apresentar graves riscos, sendo o mais evidente, o de camuflar ou de florear a mensagem que se quer transmitir. Porém, apesar dos riscos, existe uma tendência para o público valorizar e preferir a parte estética daquilo que está a ser transmitido, em contraste com o conteúdo ou a mensagem em si. O aspecto estético acaba muitas vezes por credibilizar e vincular o próprio discurso. E sendo que o intelectual domina a sua utilização, talvez tenha sido esta, em parte, a razão pela qual, e tal como Hayek refere, a sociedade escolheu a figura do intelectual como o instrumento de excelência a ser utilizado para a divulgação e transmissão de informação. É lhe assim atribuída a posição de “intermediário” entre os produtores de ideias ou os pensadores originais e a sociedade.

Schumpeter e Hayek, e numa forma mais indirecta também em Aron, referem que as suas acções executadas pelo intelectual são caracterizadas por não terem qualquer repercussão directa neste, ou seja eles não se sentem, nem são, responsabilizados por aquilo que afirmam ou declaram. Esta liberdade que possuem faz com que sejam levados a cometer excessos ou actos irrefletidos, não tendo em consideração as consequências que de tais actos poderão advir. Como os intelectuais não são afectados pelas suas palavras, não existe o medo de punição na circunstância de uma reflexão descuidada ou de uma pesquisa superficial. Casos de negligência são ignorados. *Um exemplo real, actual e ilustrativo deste caso é a forma como os meios de comunicação, principalmente nos Estados Unidos da América, lidaram com o surto de ebola, que se deu durante o ano de*

2014 na África Ocidental. Com o objectivo de obterem o máximo número de audiências ou leitores, os meios de comunicação transmitiram a informação da forma mais mediática e sensacionalista possível, não tendo sido tomada em consideração nem ter havido particular preocupação de poder estar a criar o pânico generalizado na população ou de estar a fomentar uma imagem errônea e ilusória do estado actual da epidemia e da informação relacionada e em redor desta.

Schumpeter afirma que o intelectual, para desempenhar a sua função e elaborar o seu criticismo necessita de se situar numa posição externa à questão ou situação a que se refere. Neste ponto Hayek afirma que é necessário que este encontre a informação primeiro do que o seu público. Ou seja, necessita de se posicionar não apenas numa posição exterior, como Schumpeter afirma, mas numa posição que lhe dê vantagem relativamente a outros indivíduos e os torne elementos insubstituíveis das posições de trabalho que ocupam. Nem em Hayek, nem em Schumpeter existe uma explicação para aquilo que os autores consideram ser uma posição externa à situação ou de vantagem, porém acredito que esta questão se prenda com o acesso ao conhecimento de primeira mão referido Hayek. Caso o intelectual consiga adquirir informação que não esteja disponível a outros membros da sociedade, este posiciona-se automaticamente numa posição de vantagem e pode oferecer ao seu público algo que este não tenha ainda ouvido ou lido.

Schumpeter, nos seus escritos, fala também num conhecimento em primeira mão, afirmando, no entanto, que os intelectuais não possuem este tipo de conhecimento. Por este termo referido por este autor, entendo como conhecimento que o especialista teria da sua área de especialidade, ou o conhecimento que só pode ser obtido através da experiência e da execução de tarefas relacionadas com a especialidade. Indo ao encontro de Hayek, quando este afirma que o intelectual não precisa de possuir um conhecimento aprofundado dos assuntos que trata.

A informação em primeira mão a que Hayek se refere, e que vai divergir do significado do mesmo termo usado por Schumpeter, deve prender-se com informação obtida através de círculos de influência ou de centros de poder. O autor também se refere ao facto de muitas vezes os intelectuais comentarem certo assunto ou referirem certa obra, sem terem ido directamente às fontes ou às obras de base, sujeitando-se a comentar através de comentadores das obras. Esta conclusão leva-nos a Aron. O autor afirma que a classe intelectual tem vindo cada vez mais a aproxima-se dos centros de poder. Esta aproximação leva-nos a crer que conseguem obter informação privilegiada, que de outra forma seria impossível, ou seja, conseguem obter certa informação primeiro e que se encontra inacessível à maioria dos membros da sociedade. No estudo de Aron vemos que o intelectual era o instrumento utilizado pelos quadros superiores do partido para difundirem e espalharem a mensagem do partido. O intelectual encontrava-se aqui numa posição destacada e próxima dos centros de poder que lhe permitia obter informação (seja esta fiável ou não) desconhecida dos seus ouvintes e leitores.

Hayek afirmou que os intelectuais (aqui o autor sublinha que se refere principalmente aos meios de comunicação) são muitas vezes utilizados e manipulados por organismos governamentais e estatais. Os meios

de comunicação apresentam-se como tendo uma grande influência no que toca a moldar o clima da opinião pública e na formação de opiniões de cada indivíduo. Os governos e a classe política vêm os media como um instrumento que pode ser utilizado e manobrado de forma a ganhar o apoio popular, votos, desviar ou orientar a atenção do público ou puxar para os seus interesses. Existe assim uma corrupção daquilo que era considerada como uma das funções essenciais dos media.

Em termos históricos³²⁰, a transmissão de notícias realizada por órgãos de comunicação tinha como propósito o de servir como freio e contrapeso, vigiando e assegurando que o governo e as classes mais poderosas era responsabilizadas caso fosse necessário. Os media, ao desempenharem um contínuo processo de procura, investigação e análise de informação, acabavam por ter uma função política na sociedade, porém esta função só era devidamente desempenhada caso se desse a condição de o processo ser realizado de forma extremamente rigorosa, justa e independente. Os media eram vistos como sendo o *'cão de guarda'* da democracia, e sem a existência deste *quarto poder* (termo atribuído a Edmundo Burke por Thomas Carlyle³²¹) a democracia iria ficar enfraquecida, debilitada, correndo mesmo o risco de desmoronar. Um exemplo recente dos meios de comunicação a desempenharem a função de quarto poder foi o caso do escândalo de Watergate que ocorreu nos Estados Unidos da América que teve o seu início em 1972 e terminando com a resignação do Presidente Richard Nixon em 1974. As investigações dos jornalistas Bob Woodward e Carl Bernstein resultaram na denúncia de diverso material inflamatório, provocando consequentes investigações judiciais que terminaram com a responsabilização e resignação do detentor do cargo governamental mais elevado da democracia americana, o da presidência.

Hoje em dia este fenómeno de utilização dos media para interesses políticos ainda se verifica e a ocorrência de escândalos de corrupção envolvendo os meios de comunicação e elementos do governo ou a classe política é ainda comum e transversal em grande parte dos países. A aproximação dos intelectuais, ou mais especificamente dos meios de comunicação, de centros de poder e das esferas de influência, como foi referido por Aron, faz com que aumente a probabilidade de ocorrência deste tipo de corrupção e facilita a sua existência. Uma das formas de obter o tal conhecimento de primeira mão referido por Hayek, que faz com que o intelectual fique na posição de vantagem que tanto precisa, pode também passar por um jogo de interesses entre políticos e jornalistas, em que ambas as partes desejem retirar vantagem da situação. Um exemplo ilustrativo deste tipo de corrupção, foi a investigação realizada pelo diário americano *'USA Today'* que revelava que a administração Bush, em 2005, tinha pago um grande quantia de dinheiro de fundos públicos a colunistas de

³²⁰ Ver Schultz, Julianne, 1998. *Reviving the Fourth Estate. Democracy, Accountability and the Media*, 1ª ed., Cambridge University Press, Reino Unido.

³²¹ Ver Carlyle, Thomas, 1993. *On Heroes, hero-worship, and the heroic in history*. University of California Press, EUA.

jornais e revistas, com o objectivo de estes promoverem as políticas da própria administração.³²² Seria um interessante objecto de estudo a análise deste ponto dos dias de hoje, se os intelectuais da sociedade contemporânea ainda se encontram próximos dos centros de poder e em posições privilegiadas e qual é o impacto deste posicionamento na difusão de informação e para o público em geral. Mas isto ficará para objecto de uma nova investigação mais aprofundada.

O que sabemos é que esta posição de destaque do intelectual, de conseguir obter informação que não se encontra acessível ao resto da população, coloca um outro problema fulcral, a qual Hayek dedica o seu interesse. O autor refere que a informação que irá ser passada à sociedade é seleccionada e julgada segundo os critérios e princípios pelos quais o intelectual se rege. A informação, quando chega à sociedade, já de certa forma seleccionada, filtrada e processada. Não se encontra no seu estado puro mas sim alterada, enviesada e adaptada aos ideais e princípios de quem a transmite. Este argumento traduz-se em consequências políticas e sociais graves. A informação adulterada não permite, tornando mesmo impossível, tomadas de decisão lúcidas e em perfeita consciência por parte dos cidadãos. As suas escolhas terão como premissas conceitos e dados manipulados, sendo muitas vezes já orientados e encaminhados para uma doutrina política específica e que segundo Schumpeter, Hayek e Aron é na maioria dos casos uma doutrina política de esquerda.

A questão de compreender porque é que existe uma tendência dos intelectuais a serem de esquerda é analisada em profundidade por Hayek e Aron e de uma forma mais superficial por Schumpeter. Todos os três autores notam o fascínio que o intelectual demonstra pelo pensamento racional e pela razão positivista e se apresenta como princípio máximo orientador de todas as decisões a serem realizadas. Aron aponta para uma crença na razão, uma crença ou fê que Hayek acrescenta como sendo totalmente cega. Os intelectuais falham assim em admitir que esta possa ter as suas limitações e falham em reconhecer a existência de conhecimento útil que não seja racional. Para os intelectuais só a razão e a ciência são capazes de fornecer as respostas a todos os problemas existentes na sociedade. Esta sobrevalorização da inteligência e do racional leva o intelectual a preferir um sistema planificado, deliberado e onde exista um controlo de uma economia centralizada a um sistema que aos seus olhos lhe pareça caótico ou desorganizado, como é o caso do sistema capitalista. O socialismo, reconhecido pela sua economia centralizada e planificada, apresenta-se assim como o sistema que mais seduz e que mais aproxima-se aos ideais do intelectual. E conseqüentemente, existe uma maior atração do intelectual por aquilo que Oakeshott considera ser ‘conhecimento técnico’, ou um conhecimento que pode ser aprendido em livros ou manuais, em deterioração de ‘conhecimento prático’, o adquirido através de experiência e que Schumpeter denomina como ‘conhecimento em primeira mão’, como analisado anteriormente.

³²² Ver Toppo, Greg, 1/7/2005. Education Dept. paid commentator to promote law. EUA Today.

Schumpeter e Aron referem outro ponto pertencente à esquerda que muito atrai os intelectuais. As promessas optimistas proferidas pela esquerda de um futuro de plenitude material, de contínuos ganhos e de salvação para uma parte da sociedade oferecem ao intelectual elementos atractivos que, ao serem inseridos sob um enquadramento estético e usados no seu discurso, têm como propósito o de aliciar e atrair admiradores, fazendo assim aumentar o seu público, o que é fundamental para o exercício e manutenção do seu trabalho. Relativamente à questão das promessas optimistas da esquerda, Aron fala-nos do mito da esquerda. De como estas promessas, juntamente com uma visão de salvação da humanidade, que tanto atraem os intelectuais como as massas do proletariado, acabam por se transformarem em totalitarismo e na censura e repressão do indivíduo, ou seja, transformam-se uma visão totalmente contrária àquilo que prometem.

Tal como Aron refere, o intelectual pode julgar ser indiferente a riquezas e poder, mas a sua dependência pelas massas e a forma como estas influenciam o seu trabalho é claramente evidente. Schumpeter indica também este ponto acrescentando que os intelectuais chegam mesmo a adaptar a sua actividade e os seus serviços de forma a melhor corresponderem com as exigências e gostos das massas. Assim, de forma a alargar o seu público, a mensagem optimista e grandiosa da esquerda apresenta-se como a mais atractiva e a que melhor alicia os ouvintes e leitores do intelectual. A posição do intelectual, é mesmo considerado por Schumpeter, como uma posição débil e bastante instável e que só se sustenta graças a uma constante vassalagem e a um balujar dirigido tanto ao seu público como à ala esquerda. *Um exemplo desta dependência dos intelectuais pelo seu público é uma relativa ausência de comentadores e analistas nos meios de comunicação que mostrem ter uma posição que a sociedade possa considerar como desagradável ou inconveniente, como o caso de um analista que seja a favor de medidas de austeridade em tempos de crise económica e financeira.*

É importante, no entanto, lembrar que os três autores consideram que as intenções do intelectuais são, na maioria das vezes, puras e livres de malícia. Os autores acreditam que o intelectual se rege por aquilo que ele considera ser o melhor para a sociedade e para o indivíduo e que são guiados pelas mais puras convicções e por uma crença sincera naquilo que pregam. A sua atração pela esquerda é assim uma atração intelectualmente honesta e pura. Aron e Hayek apontam que os intelectuais ao exaltarem a esquerda, fazia-lo porque acreditavam totalmente que o optimismo que esta apresenta é justificado e sustentado pela razão, que por sua vez consideravam como sendo a solução chave para os males da sociedade. As suas convicções são sinceras e agem segundo as melhores das intenções. Hayek aponta que esta boa intencionalidade acabam por os fazer cair no erro de não avaliar de forma objectiva os seus programas, ou seja, a sua avaliação acaba por se revelar enviesada, e esquecem-se muitas vezes de identificar ou de considerar possíveis *'consequências não intencionais'*. Também, Schumpeter acusa-os de não terem uma posição crítica perante que ouvem da ala esquerda e de caírem na ilusão ideológica, deixando-se facilmente levar por promessas ou ideais políticos. Hayek também refere este ponto, afirmando que os intelectuais tendem a absorver a ideologia como se fossem

factos ou verdades absolutas. Aqui podemos denotar uma certa dificuldade (ou mesmo falta de vontade) por parte do intelectual em distinguir a verdade ou facto daquilo que é subjectivo ou opinião e mesmo da mentira.

Outro ponto que explica a atração do intelectual pela esquerda, e que podemos identifica-lo nos escritos de Schumpeter e Aron, é o seu desgosto e descontentamento com o sistema capitalismo. Para Hayek, o sistema capitalista ao trazer educação superior para maiores números de pessoas, provoca também um maior número de desempregados qualificados e principalmente das áreas de letras. Com este aumento de competição e de instabilidade cria-se um maior clima de frustração e desorientação. O intelectual tem agora de responder a uma economia de mercado e de subjugar-se às suas regras, o que cria nele um sentimento de nostalgia e desejo pela segurança oferecida pelo estado. Por outro lado o descontentamento do intelectual está também ligado com um sentimento de injustiça pelo facto de considerar que o sistema capitalista não lhe atribui nem o mérito, nem a glória que julga lhe ser merecida. Esta tendência dos intelectuais pela esquerda, sendo eles os instrumentos por onde a informação é transmitida, acaba por ter repercussões políticas na sociedade. Os espectros políticos são assim representados e difundidos de forma desigual na sociedade.

Schumpeter e Aron consideram haver algumas raízes burguesas na classe intelectual e em especial nos mensageiros e na própria mensagem Marxista. Para Schumpeter, a filosofia de Marx foi elaborada de forma a enquadrar o ambiente positivista em que se vivia, principalmente através da ideia de que os males da sociedade seriam resolvidos pelo socialismo ser uma certeza passível de prova racional. “...*(o) Marxismo é essencialmente um produto da mente burguesa.*”³²³ Aron vai reforçar esta ideia afirmando que eram os intelectuais burgueses os que difundiam a ideologia marxista e que estes esperavam que o positivismo viesse a exercer uma posição central no funcionamento da sociedade, reciclando as ideias do passado para serem melhor adaptadas à sociedade imaginada por eles e que corresponde-se ao ideal Marxista. A ciência iria substituir e descredibilizar os ensinamentos das religiões tradicionais, em especial o Cristianismo, visto serem incompatíveis com o conhecimento positivista, sendo que cabia aos intelectuais a missão pregar os ideais que viriam preencher o vazio deixado pelas religiões. Para Schumpeter tanto em Marx como nas visões dos economistas as reminiscências burguesas eram bastante evidentes e encontravam-se bem presentes.

Um ponto importante de salientar e apontado por Hayek é a influência que intelectual muitas vezes exerce na criação de reputações de diversos membros da sociedade. Um dos mais evidentes e já anteriormente referido é a classe política. Os intelectuais, em particular a comunicação social, têm um grande influência na formação da imagem que a sociedade possui de certas entidades políticas. São muitas vezes eles que orientam o cidadão a ter uma certa perspectiva, seja esta positiva ou negativa, de certo indivíduo, acabando por determinar, muitas vezes, o seu sucesso ou insucesso. Porém, o intelectual não cinge a sua influência de criação e

³²³ Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido, p.6. - “...[t]hat Marxism is essentially a product of the bourgeois mind.” -

transformação de reputações à esférica política. Como Hayek aponta, a sua influência chega também ao mundo académico e científico. Em muitos casos, não são os méritos ou sucessos dos especialistas que formam a sua reputação mas são sim as orientações e interesses políticos que agradem ao intelectual. A sociedade fica assim em risco de ver a sua comunidade científica e académica, os campos por excelência que ditam o conhecimento na sociedade, enviesada e guiada segundo certos princípios políticos específicos e de forma pouco clara e transparente.

Devido à estrutura inerente do capitalismo, estrutura que oferece na maioria das vezes uma maior liberdade para o aparecimento de uma grande diversidade de ideias e opiniões e onde a criação de um mecanismo de defesa do sistema é contrário à própria essência capitalista, o capitalismo sofre de um constante ataque do intelectual. Ataque que Schumpeter, Hayek e Aron afirmam ser um dos hábitos mais marcados do intelectual. Um ataque que consideram ser persistente, realizado de forma quase arbitrária e muitas vezes injusto ou injustificado. Aron chega mesmo a afirmar que o termo de comparação usado pelos intelectuais para avaliar o sistema capitalista, não é outras realidades ou fundações reais, mas sim sistemas e modelos imaginados ou idealizados, um termo de comparação, por norma, impossível de se satisfazer. Os intelectuais para manterem um ataque constante, o que Schumpeter considera ser o aspecto essencial para a sua sobrevivência, têm de encontrar desesperadamente assuntos e elementos que possam ser usados para a sua crítica e têm de ser analisados e orientados de forma a estarem enquadrados com os seus objectivos. E este desejo de obter as críticas pretendidas faz com que se caia na questão do enviesamento de informação de Hayek. Os intelectuais manipulam assim a representação da realidade para os seus propósitos. O exemplo mais ilustrativo desta caso é o de Karl Marx que nas suas obras usava os exemplos de algumas fábricas com terríveis condições como norma e como fundamentação para atacar o sistema capitalista como um todo. Schumpeter deixou o aviso que este tipo de ataque mordaz tem um impacto negativo e devastador, afirmando ser mesmo fatal, destruindo as tanto as instituições como o próprio sistema. O mesmo autor afirma que o próprio sistema é propício a este género de hostilidades. A própria natureza do capitalismo não permite nem tem a capacidade de estabelecer qualquer protecção para os ataques da classe intelectual, ou investir contra a classe em si, ficando assim totalmente vulnerável.

O aparecimento de novas tecnologias e novos meios de comunicação, no entanto, faz com que seja possível que todos os indivíduos da sociedade consigam localizar e procurar qualquer tipo de conhecimento e dados pelos seus próprios meios e segundo as suas preferências, transmitir e partilhar informação ao momento e dar a sua opinião e ponto de vista dos mais variados assuntos. Com estas novas possibilidade o efeito e o impacto do intelectual na sociedade acaba por ser mitigado. A sua posição deixa de ser insubstituível e a sociedade pode mesmo deixar de estar completamente à sua mercê, havendo agora novas alternativas para a transmissão de informação e notícias. Só agora se começa a sentir o impacto das novas tecnologias em termos

de informação, mas certamente terá uma grande influência nos meios de comunicação e nesta figura do intelectual. Tópico que merece toda a atenção por parte da academia e no debate público.

Hayek, ao contrário de Schumpeter e Aron, avança com uma possível solução para corrigir esta vantagem da esquerda. Pode-se considerar que existe uma certa urgência do autor neste tópico, devido ao facto de o seu ensaio *'The Intellectuals and Socialism'*³²⁴, ser das poucas obras que se refere e trata directamente o socialismo.

Hayek considera que os liberais devem se tornar mais visíveis e atractivos à sociedade através de instrumentos semelhantes daqueles utilizados pela esquerda. A criação de uma *'utopia liberal'* que permita oferecer um maior radicalismo e que não se cinja simplesmente ao politicamente possível, oferecendo à população mais esperança e um maior optimismo. Hayek, com o objectivo de atrair um maior número de indivíduos para a causa liberal, apresenta como possível solução algo que ele próprio critica, quando presente na oposição. É possível que a ideia de tentar resolver esta questão através de meios semelhantes, apesar de orientações políticas opostas, poderá vir a ter consequências não intencionais e negativas, tais como uma manipulação e uma utilização abusiva da informação, agora não apenas pela ala esquerda mas como também pela ala direita, não existindo qualquer tipo de garantia que através da utilização deste método se venha a verificar um aumento na qualidade de informação transmitida ou uma melhoria da sua credibilidade ou veracidade. Que considero ter a máxima importância para um melhor e mais eficiente funcionamento da sociedade, de forma a que os cidadãos possam tomar decisões conscientes e fundamentadas. A escolha, feita por Hayek, em utilizar o termo de *'utopia'* como possível solução para reacender a chama e a atração pelo liberalismo na sociedade contemporânea mostra também um contorno um pouco ambíguo, sendo Hayek um crítico de estados ou sistemas supostamente ideais ou utopias.

Aron, no entanto, refere que o fervor revolucionário presente na esquerda, e como afirma Schumpeter também nos intelectuais, não pode ter, até por definição, uma duração ilimitada, sendo que quando este cessar de existir, e caso a realidade não se enquadrar à imaginada, deixará um rasto de insatisfação e frustração na sociedade. Esta insatisfação criará um sentimento de desespero e uma perda de fé ou esperança em ideologias ou sistemas, sejam estes económicos, políticos ou mesmo religiosos. Apesar de considerar que a religião secular ainda se conseguirá manter e resistir por algum tempo, só estará a adiar, o que Aron considera ser o inevitável, o fim da Esperança. Como o autor considerava que este tipo de Esperança servia como fonte de inspiração e motivador de acção no indivíduo, adivinha-se que o seu fim poderá trazer uma conjuntura pessimista.

Os autores, ao longo das suas análises, identificaram diversas questões nos intelectuais que poderão ter consequências negativas para a sociedade. A falta de profundidade e conhecimento com que o intelectual lida

³²⁴ Hayek, Friedrich A., 1967. *The Intellectuals and Socialism*, in: *Studies in Philosophy, Politics, and Economics*. Routledge, Londres, pp. 93–129.

com os assuntos, a falta de responsabilidade directa das acções do intelectual, a corrupção entre os grupos políticos e os meios de comunicação, a informação enviesada ou manipulada são aspectos prejudiciais podem ser transportados para as sociedade actuais e verificados em diversos grupos nos dias de hoje com funções semelhantes ao intelectual, sendo que a profissão mais ilustrativa disto continua a ser, como Schumpeter referiu, a do jornalismo. O jornalismo é a profissão por excelência que tem como missão a divulgação e disseminação de informação e de certa forma do conhecimento. Assim sendo apresenta-se como sendo a classe mais susceptível de incorrer nos erros e em atitudes prejudiciais identificadas pelos autores.

Bibliografia

Alessandri, Emiliano, 2010. American intellectuals and the idea of an “Atlantic Community” c.1890-1949 (Dissertação de Doutorado). University of Cambridge, Cambridge.

Alves, André Azevedo, 2005. Ordem, Liberdade e Estado: Uma Reflexão Crítica sobre a Filosofia Política em Hayek e Buchanan (Dissertação de Mestrado - Ciência Política). Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.

André, Gomes José, 2012. Razão e Liberdade. O Pensamento Político de James Madison., 1ª ed. Esfera do Caos, Lisboa.

Ardérius, Jorge Manuel, 1998. A Aventura Humana em Raymond Aron: Consciência Histórica e Filosofia Política (Dissertação de Mestrado - Filosofia Política). Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.

Aron, Raymond, 1972. Progress and Disillusion. The Dialectics of Modern Society. Penguin Books, Reino Unido.

Aron, Raymond, 2009. The Opium of the Intellectuals, 8th ed. Transaction Publishers, EUA.

Aron, Raymond, 2010. As Etapas do Pensamento Sociológico, 9ª ed. D. Quixote, Portugal.

Baker, C. Edwin, 2004. Media, Markets, and Democracy, 1ª ed., Communication, Society and Politics. Cambridge University Press, EUA.

Bealey, Frank, Johnson, Allan G., 1999. The Blackwell Dictionary of Political Science: A User’s Guide to Its Terms, 1ª ed., Blackwell Publishers, Reino Unido.

Benda, Julien, 2009. The Treason of the Intellectuals, 4ª ed., Transaction Publishers, EUA.

Bertram, Christopher, 2010. Jean Jacques Rousseau. Stanford Encyclopedia of Philosophy.

Bobbio, Norberto, 1983. Dicionário de Política, 11ª ed., Editora UnB, Brasil.

Bobbio, Norberto, 1995. *Direita e Esquerda*, 1ª ed. Editorial Presença, Lisboa.

Boudon, Raymond, 2005. *Os Intelectuais e o Liberalismo*, 1ª ed. Gradiva, Lisboa.

Bourdeau, Michel, 2014. Auguste Comte. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*.

Burke, Edmund, 2009. *Reflections on the Revolution in France*, Reedição, Oxford World's Classics. Oxford University Press, Reino Unido.

Caillé, Alain, Lazzeri, Christian, Senellart, Michel (Eds.), 2005. *História Crítica da Filosofia Moral e Política*, 1ª ed. Editorial Verbo, Lisboa.

Campos, Manuel António, 1999. *O Direito e a Moral no Pensamento de Friedrich Hayek* (Dissertação de Mestrado - Teoria e Ciência Política). Universidade Católica Portuguesa, Porto.

Carlyle, Thomas, 1993. *On Heroes, hero-worship, and the heroic in history*. University of California Press, EUA.

Chametzky, Jules, 2004. *Public Intellectuals: Now and Then*. *Melus* 29, 211–226.

Chomsky, Noam, 1967. *The Responsibility of Intellectuals*. *The New York Review of Books* 8, 20.

Chryssis, Alexander A., 1995. *Intellectuals, political power and emancipation from Marx to the October Revolution* (Dissertação de Doutoramento). University of Leicester, Leicester.

Cockshott, W. Paul, Cottrell, Allin F., 1996. *Information and Economics: A Critique of Hayek*.

Colen, José Augusto, 2010. *A Edificação do Mundo Histórico: Pluralismo de Valores e Democracia: Discussão Crítica do Papel da Filosofia da História no Pensamento Político de Raymond Aron* (Dissertação de Doutoramento - Ciência Política e Relações Internacionais). Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.

Costa, Manuel Silvestre, 1997. *As armas do realismo: filosofia crítica das relações internacionais em Raymond Aron* (Dissertação de Mestrado - Filosofia). Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.

- Craiutu, Aurelian, 2005. Raymond Aron's response to irresponsible metaphysics. Instituto de Defesa Nacional, 3 111, 27–58.
- Dahrendorf, Ralf, 1959. *Class and Class Conflict in Industrial Society*. Stanford University Press, EUA.
- Dahrendorf, Ralf, 1997. Must Revolutions Fail?, in: *After 1989 - Morals, Revolution and Civil Society*. St. Martin's Press, Reino Unido, pp. 3–13.
- Dahrendorf, Ralf, 2000. *The Paradoxes of Unintended Consequences*. Central European University Press.
- Debray, Régis, 1979. *Le pouvoir intellectuel en France*. Ramsay, França.
- Diamond, Larry Jay, Plattner, Marc F., 1992. Capitalism, Socialism, and Democracy: An Introduction. *Journal of Democracy* 3, 3–6.
- Espada, João Carlos, 2008. *A Tradição Anglo-Americana da Liberdade*, 1ª ed., Princípiã, Lisboa.
- Espada, João Carlos, 2010. *O Mistério Inglês e a Corrente de Ouro*, 1ª ed., Aletheia Editores, Lisboa.
- Espada, João Carlos, Plattner, Marc F., Wolfson, Adam (Eds.), 2007. *Direita e Esquerda? Divisões Ideológicas no Século XXI*, 1ª ed., Universidade Católica Editora, Lisboa.
- Espada, João Carlos, Rosas, João Cardoso, 2004. *Pensamento Político Contemporâneo: Uma Introdução*, 1ª ed., Bertrand Editora, Lisboa.
- Espinosa, Bento, 2008. *Tratado Político*, 1ª ed. Círculo de Leitores, Lisboa.
- Flynn, Bernard, 2004. Maurice Merleau-Ponty. *Stanford Encyclopedia of Philosophy*.
- Flynn, Thomas, 2004. Jean-Paul Sartre. *Stanford Encyclopedia of Philosophy*.
- Franco, Paul, Marsh, Leslie (Eds.), 2012. *A companion to Michael Oakeshott*. Penn State Press, EUA.
- Fuller, Steve, 2006. *The Intellectual*, 1ª ed., Icon Books, Reino Unido.

Gasset, José Ortega y, n.d. *A Rebelião das Massas*. Relógio D'Água, Lisboa.

Gentzkow, Matthew, Glaeser, Edward L., Goldin, Claudia, n.d. *The Rise of the Fourth Estate. How Newspapers Became Informative and Why It Mattered*, in: Glaeser, Edward L., Goldin, Claudia (Eds.), *Corruption and Reform: Lessons from America's Economic History*. University of Chicago Press, EUA.

Gramsci, Antonio, 2003. *Selections from the Prison Notebooks*, 1ª ed., International Publishers, Nova Iorque.

Hall, Gary John, 1995. *The Role of the Intellectual (Dissertação de Doutoramento)*. University of Sussex, Sussex.

Hamilton, Alexander, Madison, James, Jay, John, 2008. *The Federalist Papers*, 1ª ed., Oxford University Press, EUA.

Harnish, Brandon, 2010. *Alasdair MacIntyre and F. A. Hayek on the Abuse of Reason*. *The Independent Review* 15, 179–199.

Hayek, Friedrich A., 1945. *The Use of Knowledge in Society*. *American Economic Review* XXXV, 519–30.

Hayek, Friedrich A., 1952. *The Counter-Revolution of Science*. *Studies on The Abuse of Reason*. The Free Press, Illinois.

Hayek, Friedrich A., 1967. *The Intellectuals and Socialism*, in: *Studies in Philosophy, Politics, and Economics*. Routledge, Londres, pp. 93–129.

Hayek, Friedrich A., 1973. *Economic Freedom and Representative Government*. Presented at the Fourth Wincott Memorial Lecture, The institute of economic affairs, The Royal Society of Arts.

Hayek, Friedrich A., 1976a. *The Confusion of Language in Political Thought*.

Hayek, Friedrich A., 1976b. *The Sensory Order*, 1ª ed., The University of Chicago Press, Chicago.

Hayek, Friedrich A., 1978. *The Constitution of Liberty*. The University of Chicago Press, EUA.

Hayek, Friedrich A., 1992. *The Fatal Conceit. The Errors of Socialism*, 1ª ed., *The Collected Works of Friedrich August Hayek*. Routledge, Londres.

Hayek, Friedrich A., 2006. *The Road to Serfdom*. Routledge Classics, EUA.

Hayek, Friedrich A., 2013. *Law, Legislation and Liberty*. Routledge Classics, Reino Unido.

Jenkins, Henry, Thorburn, David (Eds.), 2003. *Democracy and New Media, Media in Transition*. The MIT Press, EUA.

Jennings, Jeremy, 2000. 1898-1998: From Zola's "J'accuse" to the Death of the Intellectual. *The European Legacy: Toward New Paradigms* 5, 829–844.

Jennings, Jeremy, Kemp-Welch, Anthony (Eds.), 1997. *Intellectuals in Politics*. Routledge, EUA.

Johnson, Paul, 2013. *Intellectuals*. Hachette, Reino Unido.

Kapuściński, Ryszard, 2005. *Los cínicos no sirven para este oficio. Sobre el buen periodismo*, 1ª ed. Compactos Anagrama, Barcelona.

Kazin, Michael, 2014. *Why The Left Wins on Culture and Loses on Economics*. *Foreign Affairs* 93, 47–56.

Keynes, John Maynard, 2003. *The General Theory of Employment, Interest and Money*, 1ª ed., Macmillan, Londres.

Khilnani, Sunil K. R., 1989. *The decline of the Intellectual Left in France : French political thinking, 1945-1985* (Dissertação de Doutoramento). University of Cambridge, Cambridge.

Kritzman, Lawrence D., Reilly, Brian J. (Eds.), 2007. *The Columbia History of Twentieth-Century French Thought*. Columbia University Press, EUA.

Le Bon, Gustave, 1980. *Psicologia das Multidões, Pensadores*. Delraux, Lisboa.

- Lenin, Vladimir U, 1992. The “Withering Away” of the State and Violent Revolution, in: The State and Revolution. Penguin Books, Londres, pp. 16–21.
- Liggio, Leonard P. (Ed.), 1981. Hayek’s Own Utopianism. Literature of Liberty 4.
- Lipset, Seymour Martin, 1993. Reflections on capitalism, socialism & democracy. Journal of Democracy 4, 43 – 54.
- Lukes, Steven, 1969. Durkheim’s “Individualism and the Intellectuals.” Political Studies 17, 14–30.
- Manifeste des intellectuels, 1898. . L’Aurore.
- Marx, Karl, 1970. Critique of Hegel’s “Philosophy of Right.” University of Cambridge Press, Cambridge.
- Marx, Karl, 1977. A Contribution to the Critique of Political Economy. Progress Publishers, Moscovo.
- Marx, Karl, 1992. Capital. A Critique of Political Economy. Penguin Classics, Inglaterra.
- Marx, Karl, n.d. The Poverty of Philosophy. Foreign Languages Publishing House, Moscovo.
- Marx, Karl, Engels, Friedrich, 2005. Manifesto of the Communist Party. Progress.
- McCraw, Thomas K., 2009. Prophet of Innovation. Joseph Schumpeter and Creative Destruction, 1^a ed., Belknap Harvard, EUA.
- Miller, Eugene F., 2010. Hayek’s The Constitution of Liberty. An Account of Its Argument, 1^a ed., Institute of Economic Affairs, Reino Unido.
- Moreira, José Manuel, 2009. Leais, Imparciais e Liberais. Crónicas a três andamentos, 1^a ed. bnomics, Lisboa.
- Morgado, Miguel, 2007. The Threat of Danger: Decadence and Virtù, in: Mahoney, Daniel, Frost, Bryan-Paul (Eds.), Political Reason in the Ages of Ideology. Essays in Honor of Raymond Aron. Transaction Publishers, New Brunswick.

- Mulgan, R. G., 2003. *Holding Power to Account : Accountability in Modern Democracies*, 1ª ed., Palgrave Macmillan, Reino Unido.
- Nadler, Steven, 2013. Baruch Spinoza. *Stanford Encyclopedia of Philosophy*.
- Nasar, Sylvia, 2013. *Os Criadores da Economia Moderna*, 1ª ed. Relógio D'Água, Portugal.
- Niemi, Jari, n.d. Benedict de Spinoza: Political Philosophy. *Internet Encyclopedia of Philosophy*.
- Nozick, Robert, 1986. Why Intellectuals Oppose Capitalism?, in: Aronoff, Craig E., Goodwin, Randall B., Ward, John L. (Eds.), *The Future of Private Enterprise*. Business Publishing Division, USA, pp. 133–143.
- Oakeshott, Michael, 1962. *Rationalism in Politics*, 1ª ed., Methuen, Londres.
- Oakeshott, Michael, 1996. *The Politics of Faith and the Politics of Skepticism*. Yale University Press, EUA.
- Palmer, Stephen, 1998. *Between identity and practice : the narratives of the intellectual in the twentieth-century*. (Dissertação de Doutoramento). University of Warwick, Warwick.
- Pecourt, Juan, 2005. *A study of Spanish intellectuals during the political transition* (Dissertação de Doutoramento). University of Cambridge, Cambridge.
- Pires, Maria Laura Bettencourt, 2009. Public intellectuals: past, present and future. *Comunicação e Cultura* 115–130.
- Pires, Samuel de Paiva, 2011. *Do conceito de liberdade em Friedrich A. Hayek: um contributo para o estudo do liberalismo clássico em Portugal* (Dissertação de Mestrado - Ciência Política). Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Popper, Karl, 1957. *The Poverty of Historicism*, 1ª ed., The Beacon Press, EUA.
- Popper, Karl, 1962. *Conjectures and Refutations: The Growth of Scientific Knowledge*, 1ª ed., Basic Books, EUA.
- Popper, Karl, 2002. *The Open Society and Its Enemies*, 1ª ed., Routledge, EUA.

Popper, Karl, Condry, John, 2012. *Televisão: um perigo para a democracia*, 4.^a ed. Gradiva, Lisboa.

Ramon Fernandes, Vitor Manuel, 2014. *A natureza do poder em Raymond Aron : ontologia e epistemologia da Ordem Internacional* (Dissertação de Doutoramento - Ciência Política e Relações Internacionais). Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

Reed, John, 2007. *Ten Days that Shook the World*. Penguin Books, Reino Unido.

Reisman, David, 2004. *Schumpeter's Market. Enterprise and Evolution*. Edward Elgar Publishing, Reino Unido.

Rousseau, Jean-Jacques, 2002. *The Social Contract and The First and Second Discourses*. Yale University Press, EUA.

Samões, Orlando, 2009. *Dispersão de Resultados em Hayek* (Dissertação de Mestrado - Teoria e Ciência Política). Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.

Sartre, Jean-Paul, 1952. *Les Temps Modernes*.

Sartre, Jean-Paul, 1963. *Search For a Method*. Alfred A Knopf, Nova Iorque.

Sartre, Jean-Paul, 1968. *The Communists and Peace*. George Braziller, Nova Iorque.

Sartre, Jean-Paul, 2008. *Between Existentialism and Marxism*. Verso, EUA.

Schmidtz, David, 2012. *Friedrich Hayek*. Stanford Encyclopedia of Philosophy.

Schöpflin, George, 2012. *Politics, Illusions, Fallacies*. ACTA Universitatis Tallinnensis.

Schultz, Julianne, 1998. *Reviving the Fourth Estate. Democracy, Accountability and the Media*, 1^a ed., Cambridge University Press, Reino Unido.

Schumpeter, Joseph, 1966. *Imperialism and Social Classes*, 9th ed. Meridian Books, New York.

Schumpeter, Joseph, 1997. *History of Economic Analysis*, 1ª ed., Routledge, Reino Unido.

Schumpeter, Joseph, 2002. *Essays on entrepreneurs, innovations, business cycles, and the evolution of capitalism*, 5th ed. Transaction Publishers, EUA.

Schumpeter, Joseph, 2010. *Capitalism, Socialism and Democracy*, 1ª ed., Routledge Classics, Reino Unido.

Schumpeter, Joseph, 2012. *Teoria do Desenvolvimento Económico*, 1ª ed., Fundação Calouste Gulbenkian, Portugal.

Scruton, Roger, 2007. *The Palgrave Macmillan Dictionary of Political Thought*, 3ª ed., Palgrave Macmillan, EUA.

Silva, Pedro Augusto, 1999. *A Ordem Espontânea no Pensamento de Friedrich August Von Hayek: Para uma Reabilitação da Tradição Liberal Clássica (Dissertação de Mestrado - Teoria e Ciência Política)*. Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.

Sorel, Georges, 2004. *Reflections on Violence*, 1ª ed., Cambridge University Press, Reino Unido.

Stalin, Joseph, 2006. *Foundations of Leninism*, in: *Stalin Works*. Foreign Languages Publishing House, Moscovo, pp. 71–196.

Steinberg, Justin, 2013. *Spinoza's Political Philosophy*. *Stanford Encyclopedia of Philosophy*.

Strauss, Leo, Cropsey, Joseph (Eds.), 1987. *History of Political Philosophy*, 3ª ed., The University of Chicago Press, Chicago.

Suleiman, Susan Rubin, 1998. *The Intellectual Sublime: Zola as Archetype of a Cultural Myth*, in: Goux, Jean-Joseph, Wood, Philip R. (Eds.), *Terror and Consensus: Vicissitudes of French Thought*. Stanford University Press, EUA, pp. 159–172.

Taine, Hippolyte A, 2008. *The Origins of Contemporary France*, 1ª ed., APA.

Tanasoiu, Iuliana-Cosmina, 2003. Intellectuals and politics : from Communism to post-Communism : the case of Romanian intellectuals (Dissertação de Doutoramento). University of The West of England, Bristol.

Tocqueville, Alexis de, 2001. The Ancien Régime and the French Revolution, 1ª ed., Cambridge University Press, EUA.

Toppo, Greg, 2005. Education Dept. paid commentator to promote law. USA Today.

Wapshott, Nicholas, 2012. Keynes/Hayek. O Confronto que Definiu a Economia Moderna, 1ª ed., D. Quixote, Portugal.

White, Lawrence H., 2012. The Clash of Economic Ideas, 1ª ed., Cambridge University Press, EUA.

Willis, Jim, 2007. The Media Effect How the News Influences Politics and Government, 1ª ed., Praeger, Reino Unido.

Winock, Michel, 2007. Le Siècle des intellectuals, Points Histoire. Seuil, França.

Wolff, Jonathan, 2010. Karl Marx. Stanford Encyclopedia of Philosophy.